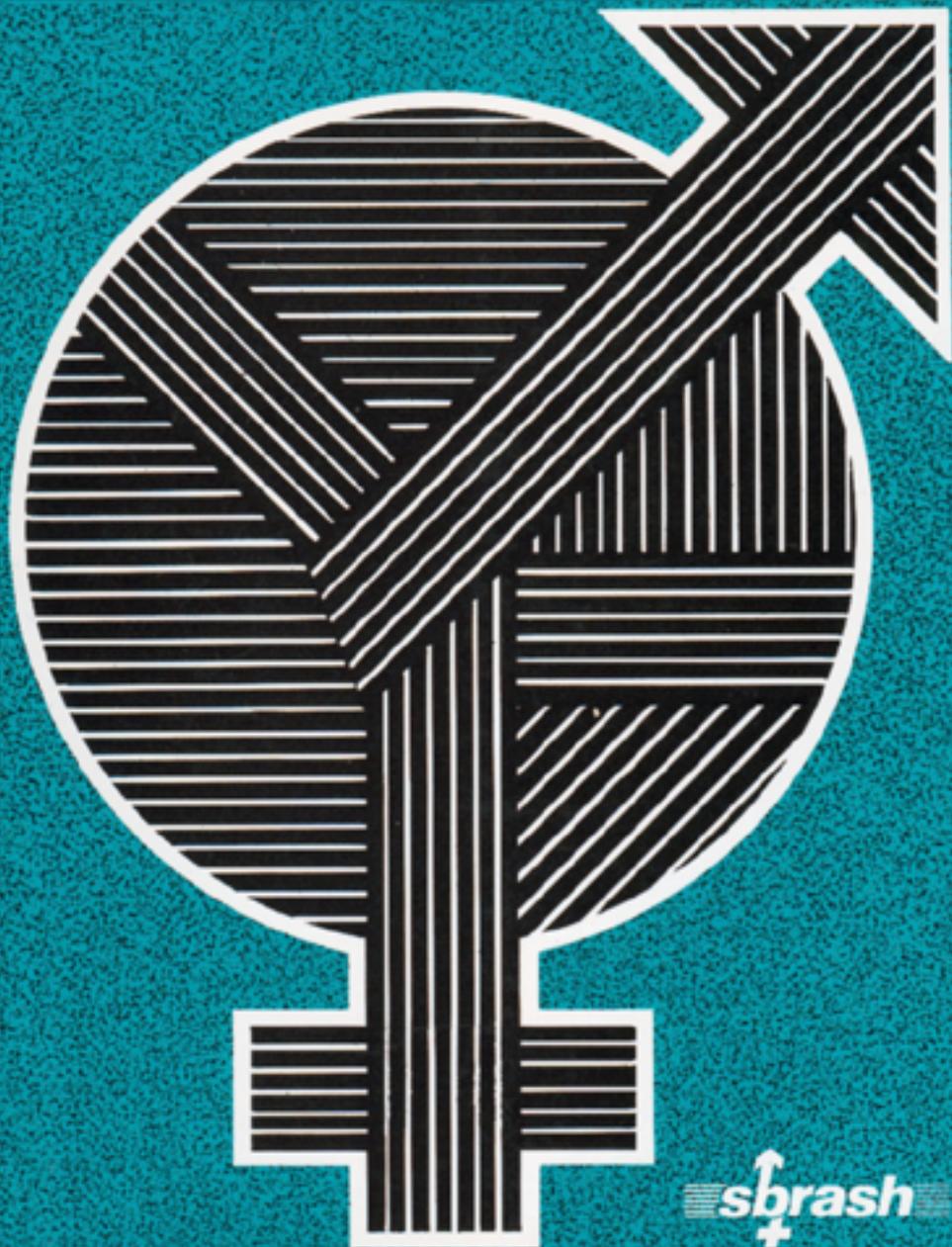


REVISTA BRASILEIRA DE

SEXUALIDADE HUMANA

VOLUME 9 - Nº 1 - 1998

ISSN 0103-6122 - CODEN RBSHE5



The logo for 'sbrash' features the word 'sbrash' in a lowercase, bold, sans-serif font. Above the letter 'r' is a stylized female symbol (a circle with a vertical line and a horizontal crossbar). The entire logo is set against a background of horizontal lines.

Revista
Brasileira
de
Sexualidade
Humana

Volume 9 - Número 1 - Janeiro a Julho de 1998
Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana - SBRASH

Sumário

Editorial	11
------------------------	----

Trabalhos Opinativos e de Revisão

1. Afinal, o que é terapia sexual?	15
2. Os efeitos da idade sobre a sexualidade.....	18
3. Pai adolescente: quem é ele?	23
4. Sexo e poder: uma reflexão histórica	29
5. Sexualidade feminina: ontem, hoje e amanhã.....	35
6. Por uma clínica dos transtornos da conduta sexual em harmonia com a realidade sociocultural dos pacientes	45
7. “Menina não entra, menina não pode” - O lúdico e a construção da identidade	57

Trabalhos de Pesquisa

1. Zoofilia e raiva. Estudo de um caso de infecção pelo rabido vírus, adquirido através de comportamento parafílico.....	73
2. Perfil da sexualidade da adolescente.....	78
3. O casamento como um ritual de passagem: compreendendo o cotidiano	101

Editorial

Estamos assistindo, neste conturbado final de século, a importantes modificações de comportamento, em especial no que diz respeito ao exercício da sexualidade. Dentre essas mudanças adquire importância, sem dúvida, a introdução no mercado consumidor de técnicas e medicamentos destinados ao tratamento de disfunções sexuais.

O campo das disfunções eréteis está entre os mais privilegiados. Próteses penianas e substâncias para auto-injeção, por exemplo, têm sido divulgadas suas indicações e modo de atuação.

A introdução do medicamento SILDENAFIL no mercado, em especial, tem chamado (talvez até excessivamente) a atenção das pessoas e dos meios de comunicação. Ainda que a própria Casa Farmacêutica produtora do fármaco divulgue dados explicitando limitações de uso e da eficácia, o medicamento está sendo visto como uma panacéia, capaz de trazer a felicidade sexual a todos.

Com o passar do tempo, as expectativas exageradas serão desmentidas, e poderemos ter idéia mais clara sobre a abrangência de ação e de sucesso do produto. No entanto restará possivelmente um grande contingente de candidatos a usuários que ficarão desiludidos. Esse grupo já tem sido chamado, com uma amarga porém realista ironia, de “Orfãos do VIAGRA”...

Possivelmente assistiremos, guardadas as devidas proporções, à mesma decepção vista quando da introdução de antidepressivos, que chegaram a ser chamados pela imprensa de “Pílulas da felicidade”.

É óbvio, mesmo aos apenas medianamente informados, que o SILDENAFIL, tanto quanto outras possibilidades medicamentosas e cirúrgicas, será um precioso auxiliar no tratamento da disfunção erétil, mas que jamais substituirá, nessa indicação, a terapia sexual. Exatamente por ser essa nossa opinião, nos engajamos entre os grupos que estão efetuando, no Brasil, pesquisa clínica com o uso desse medicamento.

O tempo e a experiência moderarão o entusiasmo dos leigos, e nos trarão uma visão mais clara da real atuação do produto. Quem viver verá...

Nelson Vitiello
Editor

Trabalhos
Opinativos
e
de
Revisão

Afinal, o que é terapia sexual? 1

Nelson Vitiello
Elisa Rodrigues Dias Oliboni
Sonia Daud
Eduardo Takeshi Yabusaki

Não é incomum que profissionais, especialmente os da área da assistência orgânica ou psicológica, tenham uma visão desdenhosa da Terapia Sexual, por eles encarada como forma menor de terapia, ou até mesmo de algo que beira a charlatanismo. As coisas, como pretendemos demonstrar, não são bem assim.

É por todos reconhecido que os problemas emergentes no exercício da sexualidade podem ter suas causas fundamentadas em processos orgânicos. Várias patologias, em especial as que atingem os sistemas circulatório e nervoso, além de outras condições (uso de drogas, seqüelas de cirurgias ou de traumas, etc.), interferem com a fisiologia, desencadeando o que se denomina de “disfunção sexual”, isto é, a quebra da norma funcional da resposta sexual em uma ou mais de suas diferentes fases (desejo, excitação, orgasmo). Nessas situações, evidentemente, o tratamento a ser indicado deve ser o de correção dessa causa orgânica, sendo apenas ocasionalmente indicada uma forma de psicoterapia de apoio.

Outras vezes, mesmo sendo normais os parâmetros fisiológicos de resposta, a pessoa não se encontra satisfeita com seu modelo de exercício da sexualidade, gerando o que se denomina habitualmente de “Inadequação sexual”. Nessas situações, ainda que apresentem resposta sexual normal, as pessoas - ou mais freqüentemente, seus parceiros - gostariam de ter desempenho sexual diverso do que ostentam.

Finalmente, um grupo infelizmente numeroso de indivíduos, apresenta disfunções sexuais sem que existam causas de fundo orgânico que possam explicá-las. Nessas eventualidades, em que o fator causal da disfunção sexual é claramente de fundo psicossocial (educação sexual distorcida, experiências pregressas traumatizantes e outras), configure-se um tipo de disfunção sexual em que não existe a possibilidade de um tratamento por via orgânica.

Tanto nas inadequações sexuais, quanto nas disfunções sexuais de causa psicossocial, o tratamento orgânico, medicamentoso, é absolutamente ineficiente.

Claro que freqüentemente, pela interação total entre o orgânico e o psicológico, qualquer uma dessas formas acaba por comprometer a outra. Assim, disfunções orgânicas levam a problemas psicológicos e disfunções inicialmente psicogênicas terminam por comprometer o orgânico.

Em ambas as situações, as dificuldades enfrentadas por seus portadores tem um peso acentuado na qualidade de vida e no grau de felicidade de seus portadores, em especial numa sociedade machista como a nossa, na qual grande parte da auto-estima se embasa na avaliação do desempenho sexual. Por isso mesmo, essas disfunções assumem o caráter de um problema que requer resolução urgente.

No caso específico das disfunções psicogênicas, são elas claramente apenas um sintoma de um problema mais profundo. Mas um sintoma que requer rápida solução, muito mais rápida do que as formas tradicionais de psicoterapia (psicanálise tradicional, psicodrama, etc.) podem prometer. Aliás, tendo em vista o elevado grau de angústia que a disfunção sexual determina em seus portadores, não é incomum que estes apresentem grande resistência às psicoterapias convencionais.

Nesse ponto assume importância a Terapia Sexual.

O que se compreende por Terapia Sexual é na verdade um conjunto de técnicas (comportamentais, cognitivistas, corporais e outras) a ser utilizado no tratamento de um sintoma, a disfunção ou a inadequação sexual. A Terapia Sexual vê esses problemas como sintomas e se propõe a tratá-los; não tem como proposta o tratamento de fatores psicológicos mais profundos, nem pretende substituir outras formas de terapia. Tal visão se lastreia na hipótese de que, estando normais os comemorativos orgânicos,

o sintoma disfunção sexual é uma forma inadequada de comportamento, cuja raiz está em um aprendizado distorcido, numa educação inadequada ou em experiências anteriores traumatizantes. Assim, em essência, a proposta da Terapia Sexual é promover uma “reeducação” sexual.

Reconhecida até mesmo por seus mais ardorosos defensores como forma de tratamento sintomática (visto que a disfunção sexual é apenas um sintoma), a Terapia Sexual é um tipo de terapia com resultados a curto prazo, que se compromete apenas com a resolução do sintoma, na grande maioria das vezes extremamente angustiante, levando seus portadores a uma busca desesperada de solução.

Na verdade, vista sob esse ângulo, a Terapia Sexual é apenas uma forma rápida de resolução de um sintoma, que permite ao paciente, se for o caso, buscar posteriormente, com mais tranquilidade, uma forma de terapia mais profunda que possa realmente lidar com as causas psicológicas ou sociais de sua disfunção. Em alguns casos, em que a disfunção foi desencadeada por um mecanismo meramente situacional, pode ocorrer que o portador não tenha realmente maiores problemas emocionais. Nesses casos, a Terapia Sexual isoladamente pode ser suficiente.

Assim vista, a Terapia Sexual tem importante lugar no conjunto de técnicas psicoterápicas disponíveis aos profissionais da área.

Os efeitos da idade sobre a sexualidade 2

Zenilce Vieira Bruno*
Zenilda Vieira Bruno**

“Em quase todos os pacientes vejo um indivíduo que vive na Era Espacial e deixou seus órgãos genitais na Idade da Pedra. “

O potencial para o prazer erótico é desenvolvido desde o nascimento e não se extingue até a morte. Entretanto, a idade ajusta, de maneira significativa, o componente biológico e psicológico da nossa sexualidade, de forma que a intensidade e a qualidade da resposta sexual variam consideravelmente, nas diferentes idades. No entanto, os efeitos da idade não servem para nivelar as respostas sexuais, pois para cada pessoa essas mudanças acontecem de acordo com sua história de vida.

Como sabemos, a idade exerce diferentes influências sobre o ciclo da vida sexual dos homens e das mulheres. Todas as outras funções humanas, como por exemplo a capacidade para aprender e a coordenação ou força física, aumentam e diminuem em padrões previsíveis de acordo com a idade, e acredita-se que os dois sexos sigam curvas similares em tudo isso. A sexualidade, porém, é completamente diferente. Os dados de

* Pedagoga, concluinte de psicologia, psicodramatista em formação.

**Médica, gineco-obstetra, professora do Curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

Kinsev indicam e os estudos de Masters confirmam que os homens experimentam o pico da capacidade e responsividade sexuais ao redor dos 17 e 18 anos e, daí em diante, demonstram um declínio gradativo constante. As mulheres, de outro lado, atingem o pico sexual nos últimos anos da casa dos 30 ou nos primeiros da dos 40 e daí em diante declinam num grau relativamente mais lento do que os homens. Mesmo assim, o sexo não deve desaparecer nunca e tem sido observado orgasmo, tanto em homens como em mulheres, na nona década.

O componente biológico que declina com a idade pode ser o grande vilão da diferença em relação à resposta sexual entre homens e mulheres na meia-idade; enquanto os aspectos psíquicos da sexualidade permanecem relativamente não afetados, talvez as determinantes físicas do sexo sejam relativamente mais importantes para a sexualidade masculina do que para a feminina.

As transformações biológicas advêm das modificações da vascularização dos órgãos sexuais. No homem, diminui a rapidez de enchimento e esvaziamento dos corpos cavernosos, conseqüentemente aumentando o tempo de intervalo entre uma ereção e outra a posteriormente diminuindo o grau de ereção. Intensificando se houver alguma patologia orgânica como diabetes a hipertensão.

Na mulher, essas modificações começam com a proximidade da menopausa, com a baixa de hormônios estrogênicos, levando à diminuição da lubrificação, redução do pregueamento e trofismo da mucosa vaginal, podendo acarretar dispaurenia (dor na relação sexual). Porém, sabemos que o exercício da sexualidade aumenta essa lubrificação, não sendo necessária obrigatoriamente a utilização de hormônio exógeno.

A aprendizagem parece ser uma determinante importante da sexualidade feminina, ao passo que é relativamente de menor valor para os homens. Especulou-se que o auge da sexualidade feminina na meia idade, em geral observado nas mulheres que têm uma história de sucesso sexual e de relações seguras com os homens, pode ser explicado pela gradual extinção das inibições e inseguranças da juventude, bem como pelo reforço acumulado, derivado de repetidas experiências sexuais agradáveis e que aumentam em satisfação quando as técnicas sexuais se ajustam às necessidades especiais da mulher.

A impotência, a perda de interesse sexual e a evitação do sexo são as queixas freqüentes dos casais idosos. E isso não devia acontecer. É verdade que as causas físicas dos distúrbios eréteis e da libido tornam-se mais predominantes à medida que a idade aumenta. Mas, uma vez, entretanto, desde que a saúde permaneça boa, um casal pode gozar do prazer sexual durante toda a vida. A grande maioria das queixas sexuais das pessoas

idosas é um produto das reações psicológicas adversas do casal às mudanças biológicas normais.

Os casais podem e devem aprender as formas de utilizar as diferenças e mudanças, a fim de solidificar a intimidade e aumentar o prazer e satisfação que cada um pode oferecer ao outro. As técnicas de fazer amor podem ajustar-se às necessidades de estímulo e satisfação de cada um, que mudam, sempre; e as relações conjugais podem ser enriquecidas com uma adaptação mútua, generosa e sensível às mudanças no funcionamento sexual de cada parceiro (Kaplan, 1974).

A revolução sexual nos anos 60 determinou importantes mudanças no Comportamento sexual de nossas sociedades. Entretanto, por mais que pareçam ultrapassados os valores morais, sociais e sexuais, estes ainda estão vivos dentro de cada um de forma muitas vezes camuflada, quando observa-se que muitos adultos continuam presos à necessidade primitiva e infantil de negar a seus pais uma vida sexual e restringi-los a papéis puramente paternais. Sexo na terceira idade é um assunto ainda muito difícil de ser abordado por uma grande parte das pessoas.

Existe ainda na nossa cultura uma falsa idéia de que o(a) velho(a) não tem desejo ou vida sexual. Essa premissa é semelhante à teoria do começo do século, de que a criança não tem sexualidade. Freud sofreu violentas críticas quando ousou questionar essa crença. Da mesma forma a sociedade tenta negar a sexualidade do idoso. As pessoas acham feio, negam-se a aceitar que o idoso possa querer namorar. Esquecem que a sexualidade não é só genitalidade, existe também uma afetividade que é essencial ao ser humano. A sexualidade, assim como a cópula, estão presentes na velhice (Vieira, 1995).

Lopes e Maia (1994) afirmaram que a idade não dessexualiza o indivíduo, mas a sociedade sim. É essa mesma sociedade que estereotipa e veicula uma sexualidade ligada à imagem de corpos jovens e saudáveis. Impondo aos seus velhos a obrigatoriedade de apresentar uma disfunção orgásmica, de excitabilidade e, principalmente, de desejo (Vitiello, 1995).

Para alguns, ainda, essa idade é sinônimo de chinelos, pijama, quietude, descanso, aposentadoria, ausência de objetivos, perdas da alegria, da auto-estima, da autoconfiança, sensação de inutilidade, desprestígio, auto-rejeição, do estar perdido no tempo e no espaço, de assexualidade e até mesmo da sensação de “morte em vida”.

Por outro lado, felizmente, há quem diga que a “vida começa aos 40”. Tem se tornado evidente a existência de mais dinamismo, novos estímulos, participação social, cultural e política mais ampla e até uma construção diferente da vida e da relação com o tempo, por parte das pessoas que estão na terceira idade. Precisamos estar conscientes de que o enve-

hlecimento é um processo fisiológico, não é uma enfermidade (Fagundes, 1995).

Como cada um enfrenta a velhice é fruto da influência de valores, informações e tabus sociais. Em uma sociedade em que existe o preconceito contra o sexo na velhice, em que se acredita que o sexo para o velho seja feio, muito provavelmente, os idosos dessa sociedade serão compelidos a abandonar os prazeres do sexo por acharem que sua idade já passou, ou por se sentirem culpados por terem essa necessidade. Não é incomum, a existência de um conflito nessa idade, provocado pela divisão entre sentir a necessidade de satisfação sexual e ter aprendido que aquilo é anormal. Nem na velhice o ser humano parece conseguir viver bem a sua sexualidade.

A outra maneira de reagir a isso é não viver a plenitude de cada idade e querer mostrar-se sempre jovem, com comportamentos, às vezes, inadequados e incoerentes, como maneira de vestir, falar ou atitudes irresponsáveis.

Com o modismo da terapia de reposição hormonal, alguns apregoam a utilização de estrógenos pela mulher a partir dos 35 anos de idade, o que não procede, já que seus ovários estão funcionando regularmente e não há ainda queda das dosagens hormonais, o que só deve acontecer por volta dos 45 a 50 anos.

O amadurecer pode trazer limitações físicas, mas não deve limitar a qualidade da vida, pois, se o espírito for estimulado, florescerá continuamente, refletindo-se na expressividade corporal. A sexualidade humana, em qualquer idade, terá de ser sempre uma invenção do espírito, um desafio à própria finitude. Sem essa dimensão, ela pode perder-se na mesmice, na existência da performance, e não encontra sua vocação maior, ou seja, a descoberta do algo mais, do além de nós mesmos. Essa dimensão será possibilitada pelo afeto, caminho que descobrimos de tornar o outro especial.

A sexualidade na terceira idade pode ter uma grife da sabedoria. Sabedoria que não se deve deixar, perturbar por possíveis entraves corporais em seu natural processo de amadurecimento. “Tudo o que for flexível e fluente tende a crescer, tudo o que for rígido e bloqueado tende à morte”, pensa Tao Te Ching, da China Antiga. Se conquistarmos tal flexibilidade, estaremos aptos a viver uma idade madura e bonita, com características de sabedoria, serenidade, paz do dever cumprido e alegria de manter-se em alta estima (Caridade, 1997).

O desejo do amor não cessa no indivíduo por nenhum decreto jubilatório. Amor é desejo da alma que acompanha o corpo até o fim. Velhice não quer dizer renúncia ao amor. É, em verdade, a fase da vida em que mais

amamos com desprendimento. É na idade avançada que se desenvolve a capacidade de amar, porque é a idade da cultura e do alto aperfeiçoamento moral.

Sabemos de toda a importância que a sexualidade exerce sobre nossas vidas e nossos relacionamentos, então já não é a hora de lutarmos por nosso direito de sermos felizes? Procuremos descobrir em nós mesmos a sagrada chama do amor. Algumas vezes parecerá que acabou. Mas não; soprem as brasas, mesmo sob cinzas, e as verão arder. O amor está em nós. Ele é a nossa própria alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. KAPLAN, H. *A nova terapia do sexo*. 5ª edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1974.
2. MASTERS e JOHNSON. *A inadequação sexual humana*. São Paulo, Roca, 1985.
3. VIEIRA, F. Aspectos sócio-culturais da sexualidade na terceira idade. *RBSH*. 5:65-75, 1995.
4. LOPES, G.; MAIA, M. *Sexualidade e envelhecimento*. 2ª edição. São Paulo. Saraiva, 1994.
5. VITIELLO, N. *Reprodução e sexualidade*. São Paulo, CEICH, 1994.
6. FAGUNDES, T. *Educação sexual; construindo uma nova realidade*. Salvador, UFBA, 1995.
7. SUPPLY, M. *Conversando sobre sexo*. 2ª edição. Petrópolis, Vozes, 1983.
8. CARIDADE, A. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo, Iglu, 1997.
9. CHOPRA, D. *Corpo sem idade, mente sem fronteiras*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
10. LÉA, M. *Quem tem medo de envelhecer?* Rio de Janeiro, Record, 1983.

Pai adolescente: quem é ele?*

3

Ellika Trindade*
Maria Alves de Toledo Bruns**

De repente a garota diz: “Estou grávida” ao namorado ou parceiro. Qual seria, no caso, a reação da jovem? Como conviver com a notícia muitas vezes inesperada? “Como para meus pais?” “Que irão eles pensar?”

Essa e outras perguntas, sera dúvida, passam pela cabeça de muitos garotos e garotas que, ao vivenciarem seus relacionamentos efetivos, mantendo relações sexuais desde os 13, 14, 15 anos, acabam por deparar-se com o inesperado da gravidez que, quase sempre, é indesejada ou ao menos não planejada. Diante da concretude do fato, o adolescente indaga o que fazer. Essa indagação é antes, com certeza, um pedido de socorro.

* Este artigo compõe parte da pesquisa de mestrado *Eu, Pai?! A paternidade na adolescência e seu significado desenvolvida na FFCLRP-USP e financiada pela FAPESP.*

** Erika Trindade é psicóloga, mestranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP.

*** Maria Alves de Toledo Bruns é pedagoga, doutora em Psicologia Educacional, docente do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP.

Recebido em 09.09.97

Aprovado em 20.09.97

É do conhecimento de todos, seja por intermédio das novelas, pelos telejornais e mesmo por trabalhos publicados por profissionais da saúde ou da educação, que os adolescentes estão hoje permitindo-se relações sexuais com idade cada vez menor.

A erotização da vida cotidiana, freqüente nas propagandas, nas novelas e nos filmes, bem como o fácil acesso à Internet e outras vias de comunicação, contribuem para despertar a curiosidade e criar o fascínio pelo sexo, por parte não só dos adultos, como de jovens e crianças. Ressalta-se somente o lado prazeroso da atividade sexual sem alertar para nenhum embaraço que tal atividade possa causar. Trata-se de uma campanha de desvirtuação dos jovens insidiosa: não se alerta para as conseqüências de uma gravidez ou de doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse contexto, a sexualidade é experienciada desavisadamente, em razão do que o número de jovens que se tornam pais é crescente. Considere-se o censo de 1981, o qual revela que o número de mães adolescentes, entre 13 e 18 anos, é de 1 milhão para um total da população de adolescentes no Brasil de 15 milhões, aproximadamente. O número de rapazes que são pais, de acordo com estimativas de órgãos que atendem mães adolescentes, também não é menos expressivo, embora menor: em torno de 300 mil (LAGOA, 1991). Essa estimativa leva-nos a supor que muitas adolescentes têm como pais de seus filhos homens adultos. Não conhecemos estatísticas que revelem os números reais de pais adolescentes a adultos que são parceiros de jovens mães. Entretanto, pelos números que acabamos de citar, é possível supor que existam aproximadamente 700 mil homens que são pais adultos, parceiros de mães adolescentes. Assim, faz-se necessário evidenciar a relevância de atentarmos não apenas para a jovem mãe, mas também para seu parceiro.

Desse modo, neste artigo, voltaremos nossa reflexão ao pai adolescente, visto acreditarmos que se faz necessário conhecer esse lado velado da mesma moeda, uma vez que o número de rapazes que se tornam pais no Brasil é altamente significativo. Nesse sentido, por que pouco se fala a esse respeito? Onde estão esses moços? Por que somente acerca da jovem mãe as publicações científicas e de divulgação levantam considerações?

É fato por nós conhecido que a sociedade ocidental valoriza muito mais a atuação da mãe, ou outra figura feminina próxima, no cuidado e educação dos filhos. “Filho é coisa de mulher.” Acostumados a ouvir essa frase, seja na escola, seja na rua, e observando a atuação dos homens que lhes são próximos, como o pai, tios, professores, pais de amigos, entre outros, os garotos vão crescendo e introjetando a idéia de que a responsabilidade em relação ao ter filhos, cuidar deles e educá-los

não é sua. É essa a noção que demarca a identidade de gênero dos homens que lhes são próximos, consoante já apontamos. Os garotos vão crescendo e internalizando a idéia de que a masculinidade não tem relação com a paternidade. Já as garotas são educadas para serem mães e, além disso, a relação com a própria mãe é muito próxima, fazendo com que a identificação seja mais marcante. O processo de formação de identidade de gênero dos rapazes é mais complexo na medida em que, apesar de também serem educados por uma figura feminina, geralmente a mãe, têm de vivenciar a separação, já que, para se tornarem homens, devem diferenciar-se da mãe.

Permeado por esse complexo contexto de formação da identidade de gênero, os garotos vão percebendo que, no mundo à sua volta, de modo predominante cabe à mulher o cuidado dos filhos. Além disso, o próprio fato de ter um pai ausente, faz com que o seu papel de futuro pai seja permeado pela idéia de que não precisa envolver-se com preocupações em relação a ter filhos, já que essa tarefa lhe foi ensinada como feminina.

Essa não é uma posição única encontrada em nossa sociedade, mas, sem dúvida, é uma das mais marcantes. Nesse sentido, por volta dos 12, 14 anos, ao iniciar suas relações sexuais, o jovem, da maneira como foi e tem sido orientado, dificilmente vai combinar com a parceira o modo como podem evitar uma gravidez. O silêncio ainda envolve o relacionamento entre os adolescentes, bem como a aproximação com seus pais ou outros adultos acerca da sexualidade.

Contestar-se-á, talvez, tal idéia, dizendo: “Mas os jovens de hoje não são inocentes. Até uma criança, em nossos dias, sabe como uma mulher fica grávida ou o que se deve fazer para evitar as doenças venéreas”. Sem dúvida, muitas e variadas informações povoam o cotidiano de todos nós. A televisão, o jornal, o rádio e outros meios até mais sofisticados de comunicação estão presentes em muitos lares brasileiros e são responsáveis pela maior parte das informações que nos impingem. Porém é importante refletirmos: De que modo jovens e crianças recebem essas informações? Saberão relacioná-las com o seu dia-a-dia? Com suas relações afetivas? E mais: será que os adultos o fazem, demonstrando seu exemplo aos filhos ou educandos? Essas são perguntas importantes, dado o número de jovens mães e pais que vemos à nossa frente diariamente em número bastante significativo. Além disso, quando a gravidez se concretiza, vem à baila apenas a sorte da jovem, tal como lembramos anteriormente. Muitos iniciam o julgamento, questionando por que ela não se cuidou, que a jovem deveria ter sido mais responsável, que não devia ter sido levada pelo desejo... E quanto ao jovem? Não lhe cabe culpa alguma? Pode ele vivenciar o prazer

sem responsabilidade? E o que tem ele a dizer acerca da possibilidade de uma de suas parceiras engravidar? E quando a gravidez ocorre, como vivencia ele esse momento? E seus familiares, como reagem?

Em estudos por nós realizados, constatamos a dificuldade de encontrar rapazes que fossem pais e se dispusessem a falar acerca dessa vivência.

Mesmo assim, foi possível ouvir alguns jovens pais, permitindo-nos ampliar nossa visão sobre esse aspecto da existência ainda hoje pouco examinado, porque pouco compreendido: a paternidade na adolescência.

Muitos são os rapazes que, diante da gravidez da parceira, a abandonam simplesmente. Não existem estatísticas acerca desse problema, porém o número de mães solteiras atesta o fato, embora a esse respeito também não haja estatísticas conhecidas por nós. Em relação a esses rapazes, uma vez que não permanecem com as parceiras, fica dificultado entrevistá-los de modo a compreender sua visão acerca do que é ser pai. É possível apenas supor que essa vivência, por qualquer motivo, não lhes é favorável, já que deixam ao encargo das parceiras toda a responsabilidade do filho.

E os que permanecem com a jovem? Como vivenciam a paternidade? Com o intuito de compreender esse fenômeno, entrevistamos jovens pais dispostos a falar de suas experiências.

Um dos aspectos ressaltados pelos jovens entrevistados foi em relação às mudanças que ocorreram em suas vidas com base na constatação de que a namorada estava grávida. Os discursos a seguir expressam que a vivência da paternidade não é fácil para esses rapazes.

Daniel* jovem de 18 anos, cujo filho tinha um mês de vida no momento da entrevista, expressa essa dificuldade da seguinte maneira: “(...) *eu não sei o que fazer tem horas (...) tá muito difícil*”. E acrescenta: “*de certa forma cortou muita coisa...*”. Paulo, também com 18 anos, cuja namorada estava grávida de 6 meses quando foi entrevistado, afirmou igualmente ser difícil ser pai nesse momento, pois “(...) *muda muito eu não tô me sentindo bem*”.

Esses relatos evidenciam que vivenciar a paternidade aos 18, 19 anos pode não ser fácil na medida em que muitas mudanças são experimentadas. Além das modificações que ocorrem na vida presente, os planos para o futuro também se alteram, uma vez que passam a incluir agora a vida com a garota e com o filho. A fala de Daniel expressa bem claramente

* Os nomes utilizados nesse artigo são fictícios de modo a preservar a identidade dos entrevistados.

esse aspecto: “(...) *muita coisa que eu queria pra mim... já não vai ter mais jeito*”. A própria relação com os familiares também muda, pois é necessário um reajuste às novas condições. Daniel diz: “*Eu pensava que eu ia ter o apoio do meu pai (...) só tive da minha mãe (...)*”.

Nesse sentido, é possível perceber que a paternidade na adolescência traz alterações significativas na vida dos rapazes, fato que nos leva a considerar que é muito importante ouvirmos o que esses jovens pais têm a dizer, de modo a podermos pensar em maneiras de auxiliá-los em suas dúvidas, dificuldades e também compreender como vivem esse acontecimento em suas vidas. Mas, mais do que ouvi-los, após tornarem-se pais, é necessário o diálogo, a abertura ao longo de toda a infância e adolescência, de modo que os jovens possam experimentar as relações sexuais de maneira responsável, sem culpa.

Marcada por uma moral dúbia, pelo “segredo” acerca da sexualidade, nossa sociedade acaba por fazer com que os jovens vivenciem suas relações sexuais sem assumir responsabilidades, especialmente os rapazes, os quais atribuem à garota o dever de prevenir-se quanto à gravidez indesejada, já que é ela quem fica grávida.

Devemos criar situações em que o rapaz passe a perceber-se como responsável por seus próprios atos. Ao namorar uma garota, ou ao “ficar” com ela, o rapaz deve ter a prática do diálogo junto à parceira, pensando também nas mudanças que podem vir a ocorrer em sua própria vida, caso a garota fique grávida. Deve ver-se com co-responsável em relação à possibilidade de uma gravidez.

É claro que não será de uma hora para outra, nem apenas ouvindo dos adultos que deve tornar-se responsável ou, ainda, dialogando com a parceira, que o jovem irá mudar de atitude. Afinal, seus pais também agem de modo pouco responsável, muitas vezes. O problema, em verdade, está posto mais longe: é problema cultural.

Mais do que nunca há necessidade de que nós, adultos, revisemos nossas práticas cotidianas no que se refere a nossos relacionamentos afetivos, com nossos parceiros, filhos ou alunos, de modo que, pelo diálogo, pelo questionamento, possamos vir a agir de maneira mais autêntica e, assim, ensinarmos aos jovens que os filhos são também de responsabilidade masculina e que ser pai adolescente, quando não foram acontecimento esperado, pode ocasionar modificações profundas no rumo desse jovem pai.

Para que os jovens venham a sentir-se co-responsáveis pela gravidez da parceira, é necessário um repensar acerca do modo como nós, adultos, educamos nossos jovens, ou como assumimos nossa realidade sexual. A reconstrução do papel dos gêneros masculino e feminino, mal definidos

em nossa sociedade hoje, deve ser levada a sério, conscientizando-se o jovem de que também ele é responsável pela gravidez da companheira, cabendo-lhe parte da criação e educação do novo ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. (1981) *Adolescência normal*. Porto Alegre, Artes Médicas.
2. BERNARDI, M. (1985) *A deseducação sexual*. São Paulo, Summus.
3. BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. (1995) Gravidez na adolescência: Do problema à compreensão. *Revista Viver Psicologia*, ano 35, p. 14-15.
4. CHAUI, M. (1984) *Repressão sexual -Esta nossa (des)conhecida*. São Paulo, Brasiliense.
5. DUPUIS, J. (1989) *Em nome do pai: Uma história da paternidade*. São Paulo: Martins Fontes.
6. ERIKSON, E. (1971) *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, Zahar.
7. HELENA, L. (1995) A paternidade antes da maioridade. *O Globo*, Caderno Rio, p. 33, 23/07.
8. LAGOA, A. (1991) Meninas e grávidas. *Nova Escola*. São Paulo, ano VI, n° 52: 10-25, outubro.
9. OSÓRIO, L. C. (1989) *Adolescente hoje*. Porto Alegre, Artes Médicas.
10. PARSEVAL, G. D. de (1986) *A parte do pai*. São Paulo, L&PM Editores.
11. TRINDADE, E.; BRUNS, M. A. T. (1996) Era isso o que eu queria? Um estudo da maternidade e da paternidade na adolescência. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 7, n° 2: 167-186.

Sexo e poder: uma reflexão histórica* 4

Paulo César Ribeiro Martins**
Maira Meneguzzi Soldatelli***

RESUMO

Este amigo propõe uma reflexão histórica sobre os caminhos que a sexualidade percorreu, desde as épocas em que fazer sexo e falar sobre ele não requeria muitas restrições, passando pela ascensão da burguesia, quando tornou-se notória uma mudança nos discursos sobre sexualidade. Época esta em que a Igreja e o Estado, através dos mecanismos do poder, tentaram controlar as vivências sexuais com o auxílio da ciência. No início do século XX ocorre uma nova revolução no pensamento da psicologia. É reconhecida a sexualidade das crianças e os conceitos sobre sexo tomam novos rumos. No entanto, sexo e poder nunca se anularam, seguem entrelaçados e parece que sempre andarão juntos.

* Trabalho realizado na Universidade de Passo Fundo - RS.

** Mestre em Psicologia Clínica pela PUCAMP.

*** Psicóloga pela Universidade de Passo Fundo.

Recebido em 16.09.97

Aprovado em 30.09.97

“Prazer e poder não se anulam, não se voltam um contra o outro, seguem-se, entrelaçam-se e se relacionam. Encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e incitação.”

Michel Foucault (*A história da sexualidade*, 1985)

A partir do fim do século XVI a colocação do sexo em discurso, em vez de sofrer um processo de restrição, foi submetida a um mecanismo de crescente incitação. As técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeciam a um princípio de seleção rigorosa, irias, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas. A vontade de saber não se deteve diante dos tabus, mas relutou, através de muitos erros, em constituir uma ciência da sexualidade.

No início do século XVII ainda vigorava certa franqueza, as práticas não procuravam o segredo, as palavras eram ditas sem reticência excessiva e sem muito disfarce. Gestos diretos, discursos sem vergonha, anatomias mostradas, transgressões visíveis e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo.

A partir do século XVII, na burguesia, a sexualidade foi encerrada, mudou-se para dentro de casa e absorveu-se inteiramente na seriedade da função de reproduzir. A repressão sexual se aguça após centenas de anos de arejamento e de expressão livre, isso coincide com o desenvolvimento do capitalismo. O sexo passou a ser reprimido com muito rigor, por ser incompatível na época com uma colocação de trabalho.

O século XVII seria o início de uma época de repressão própria das sociedades burguesas. Sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. O pudor moderno investia para que não se falasse dele, exclusivamente, por intermédio de proibições que se completavam mutuamente, mutismos que, de tanto calar-se, se impunham o silêncio. Censura.

As sexualidades ilegítimas que fossem incomodar noutro lugar, não nos circuitos da produção, pelo menos não nos do lucro. Os *rendez-vous* e as casas de saúde eram tais lugares de tolerância.

O sexo, segundo a nova pastoral, não devia mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos deviam ser seguidos até as mais finas ramificações. Tudo devia ser dito em confissão, que era uma maneira de controle da época.

Desapareceu a antiga “liberdade” de linguagem entre crianças e adultos, alunos e professores. Nos colégios do século XVIII, visto globalmente, tem-se a impressão de que praticamente não falavam sobre sexo. O sexo do colegial passou a ser um problema público. Toda uma literatura

de preconceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais proliferou em torno do colegial e seu sexo.

Paradoxalmente o fenômeno da repressão foi quase inverso. Os discursos sobre sexo não cessaram de proliferar. Houve uma aceleração discursiva a partir do século XVIII. O cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, contra efeito, uma valorização e uma intensificação do discurso “indecente”.

Por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica e técnica, para falar de sexo, e não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou causais. Neste século, sexo é questão de polícia, não como repressão da desordem, mas de polícia, pela necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição. A idéia era inserir o sexo em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos.

Pela primeira vez uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, às regras do casamento, à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo. Entre o Estado e o indivíduo ocorreu toda uma teia de discursos, de saberes, de análise e de injunções, tornando o sexo objeto de disputa.

Os primeiros psiquiatras do século XIX, quando tinham que falar sobre sexo, acreditavam que deviam pedir desculpas por reter a atenção de seus leitores para assuntos tão baixos. E por muitos anos só se falava de sexo fazendo pose.

A idéia da repressão do sexo nunca foi tão dominada com tanto rigor como na época da hipócrita burguesia negociista e contabilizadora, e é acompanhada pela ênfase de um discurso a dizer a verdade sobre o sexo. Dizer que entre o sexo e o poder a relação não é de repressão, corre o risco de ser apenas um paradoxo estéril.

Aproximadamente na metade do século XIX se abriu a jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância. Enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século XIX e filtraram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo - tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas. Em torno do sexo irradiaram-se os discursos, intensificando a

consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele.

A colocação do sexo em discurso provavelmente estaria ordenada no sentido de afastar da realidade as formas de sexualidades insubmissas à economia estrita da reprodução. Através de tais discursos multiplicam-se as condenações jurídicas das perversões menores. Anexou-se também a irregularidade sexual à doença mental. Da infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis.

Nesse contexto, crianças excessivamente espertas, meninas precoces, colegas ambíguos, serviços e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários povoam os conselhos de disciplina, as casas de correção, as colônias penitenciárias, os tribunais e asilos. Estes no decorrer do século carregaram o estigma da “loucura moral”, da “neurose genital”, da “aberração do sentido genésico”, da “degenerescência” ou do “desequilíbrio psíquico” (sexualidades periféricas).

Essa nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos. O homossexual do século XIX tornou-se um personagem, um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida. A categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se, no dia em que foi caracterizada, menos como um tipo de relação sexual do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de intervir, em si mesmo, o masculino e o feminino. O famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “Sensações sexuais contrárias”, pode servir de data natalícia.

Os psiquiatras do século XIX classificaram a sexualidade com estranhos nomes de batismo como: os exibicionistas de Lasègue, os fetichistas de Binet, os zoófilos de Rohleder, os mixoscopófilos, os ginecomastos, os presbiófilos, os invertidos sexo estéticos e as mulheres disparênicas.

A implantação das perversões serviu como um instrumento do poder. Através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificaram e se multiplicaram. Essa relação de sexo e poder, a partir do século XIX, é garantida pelos lucros econômicos que, por intermédio da medicina, psiquiatria, prostituição e da pornografia, vinculavam ao mesmo tempo a questão do prazer e do poder.

Pelo menos até Freud, o discurso sobre o sexo (o dos cientistas e dos teóricos) não teria feito mais do que ocultar continuamente o que dele se falava. Poder-se-iam considerar todas as coisas ditas, precauções meticulosas e análises detalhadas como procedimentos destinados a esquivar a verdade insuportável e excessivamente perigosa sobre o sexo. E o simples fato de se ter pretendido falar dele do ponto de vista purificado e neutro da ciência já é em si mesmo significativo. De fato, era uma ciência feita de esquivas já que, na incapacidade ou recusa em falar do próprio sexo, se referia sobretudo às suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas e exasperações mórbidas. Era também uma ciência essencialmente subordinada de uma moral, sob a forma de normas médicas. Vinculou-se, com isso, uma prática médica insistente e indiscreta, volúvel no proclamar suas repugnâncias, pronta a comer em socorro da lei e da opinião dominante.

O sexo, ao longo de todo o século XIX, parece inscrever-se em dois registros de saber bem distintos: uma Biologic da reprodução, desenvolvida continuamente segundo uma normatividade científica geral; e uma Medicina do sexo, obediente a regras de origens inteiramente diversas. É inegável que o discurso científico sobre o sexo, no século XIX, era transpassado de credulidades imemorráveis e ofuscações sistemáticas.

A história da sexualidade, se quisermos centrá-la nos mecanismos de repressão, supõe duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem. A outra, no século XX, caracterizada como o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar. Passando das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais. A desqualificação dos perversos teria sido atenuada e sua condenação pela lei eliminada em parte. Foram eliminados em grande parte os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças, que a época clássica submeteu a uma ocultação da qual se libertou com os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” e com as benéficas angústias do pequeno Hans.

Freud e a psicanálise organizam um dispositivo geral da sexualidade, que estava preparado há muito tempo. Freud não restituiu à sexualidade a parte que lhe era devida e que fora contestada por tanto tempo através de uma reversão súbita. Mas o gênio Freud colocou o sexo em um dos pontos decisivos, marcados desde o século XVIII pelas estratégias de saber e poder. Freud relançou com admirável eficácia a questão secular de conhecer o sexo e colocá-lo em discussão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHAUI, M. S. (1984). *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo. 12^a ed. Brasiliense.
2. FOUCALT, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro. Graal.
3. FOUCALT, M. (1985). *História da sexualidade! a vontade de saber*. Rio de Janeiro. 7^a ed.
4. FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago. Vol. VII, 1972.
5. FOUQUÉ, C. (1958). *Homossexualismo*. Rio de Janeiro. 2^a ed. Civilização Brasileira.
6. USSEL, Jos Van (1980). *Repressão sexual*. Rio de Janeiro. Campus.

Sexualidade feminina: ontem, hoje e amanhã

5

Mabel Cavalcanti*

Optei hoje por abordar um tema que considero relevante para a Mulher: Sexualidade Feminina - Ontem, Hoje e Amanhã.

É um assunto atual, oportuno e interessante, e pretendo discorrer sobre ele de forma simples, sem pernosticismo, ficando o mais próximo possível da intimidade feminina. Ter uma espécie de cumplicidade de mulher para mulher, embora isso não implique necessariamente excluir o homem do nosso universo. Acredito sinceramente que o homem pode e deve enriquecer esse universo.

Partindo desse pressuposto, proponho fazer um passeio através da História e das diversas culturas, descobrindo as variações de condutas femininas, e como a mulher, vencendo reveses e uma série de barreiras, chegou aos dias atuais, empunhando uma bandeira de vitória, de igualdade, de companheirismo e de integração ao Homem, de tal forma que possamos vislumbrar um mundo novo, onde a Paz, a Harmonia e o Amor autêntico sejam o nosso prêmio e motivação maior.

* Cesex. Psicóloga. Terapeuta Sexual.
Recebido em 08.03.98

Neste rápido passeio histórico-cultural que pretendo fazer, peço licença para dar uma parada naqueles estágios da humanidade, em que figura feminina se sobressaiu, quer seja de maneira positiva ou negativa.

E é interessante observar que muitas das perguntas atuais sobre a sexualidade feminina já foram, de algum modo, questionadas por nossas ancestrais.

Isso significa que a sexualidade que vivemos atualmente nada mais é do que “aquilo que a humanidade fez dela, ou que foi obrigada a fazê-lo” em face a uma série de variáveis circunstanciais.

Para situar melhor essa evolução, podemos focar a sexualidade sob seu tríplice aspecto:

1. Reprodução;
2. Prazer; e
3. Comunicação Amorosa.

No que concerne ao primeiro item, embora o terra esteja envolto em muita nebulosidade, tudo faz crer que, nas fases mais antigas, o Homem ainda não associava sexo com gravidez. Para eles a gestação era algo mágico, presente dos Deuses aos homens, cujos méritos se medium em função da fertilidade da terra. Daí porque a sementeira, nas tribos que iniciaram atividades agrícolas, era função feminina.

Quando começou realmente a revolução agrícola, o valor da mulher adquiriu maior proporção e se firmou. É claro que essa revolução não se deu ao mesmo tempo em todos os locais, em todas as tribos, mas é a partir daí que o número da prole tornou-se importante e a preocupação com a fecundidade aumentou de dimensão.

A mulher, então, passou a ser venerada por sua capacidade procriativa como fonte primária da vida. E as deusas da Fertilidade proliferaram.

Nessa etapa mágico-religiosa é a religião que universalizava a cultura. Os ritos religiosos nos quais abundavam as oferendas, as danças, as cantigas e os sacrifícios se multiplicavam.

Como a morte estava vinculada à violência e à perda de sangue, o valor deste fica vinculado à vida e os rituais de sangue ocorriam com frequência.

A menstruação era algo mágico e inexplicável e daí surgir o temor em torno dela, criando tabus. A mulher menstruada é algo com que eles não sabem lidar e passa a ser evitada. O tabu da impureza que ainda hoje vigora entre judeus ortodoxos tem origem, portanto, nos primórdios da humanidade.

Por sinal, a menstruação possuía um significado tão forte, que durante muito tempo algumas tribos da Austrália instituíram, no ritual da puberdade masculina, um ato sangrento - um corte perto do escroto - que concedia direitos semelhantes aos rapazes a às raparigas púberes.

Até então, o homem não representava elemento fundamental no processo reprodutivo e por isso o matriarcalismo imperava em algumas tribos.

A supremacia do macho, quando ocorria, se dava apenas pela violência a pela força física, buscando a mulher apenas no intuito de extravasar suas tensões. Como o modelo de coito era sistematicamente o modelo primata, havia pouca chance da mulher obter orgasmo e a valorização das nádegas era um grande atrativo erótico. Daí, as Vênus pré-históricas possuírem ancas tão arredondadas e volumosas. Parece que ainda hoje, nós latinos, preservamos esse padrão de beleza, enquanto outros povos cultuam os seios.

Aos poucos, porém, a conscientização do papel do homem, na reprodução, foi surgindo. Inicialmente acreditavam na função *mecânica* no processo reprodutivo. Remanesceência disso é a crença existente entre os povos BUKA das ilhas Salomão, que, embora desconhecendo o poder criador do sêmen, acreditavam que a introdução do pênis na vagina era importante para a mulher ficar grávida.

Tannahill, porém, afirma que foi quando o homem se tornou pastor e observou o cruzamento dos animais, levando em conta a relação coito x gravidez que fez o Homem perceber seu extraordinário poder reprodutor.

Surgia aí o machismo e todo o império feminino decaía. Todo o esquema se inverteu. Justificava-se a poligamia e a arrogância masculina. “Meus filhos”, “Minhas mulheres”, eram a tônica.

As deusas femininas deram lugar aos deuses masculinos e o culto ao pênis, como talismã contra a infertilidade, se tornou uma norma cultural.

Em épocas diversas e em culturas diversas, o simbolismo do pênis em ereção tem sido a expressão do poder.

Esse fato tem, inclusive, infelicitado a vida de muitas pessoas, rotuladas de “impotentes” (sem poder) pelo simples fato de portarem um distúrbio eretivo de qualquer dimensão. É como se todo *poder* de um homem se concentrasse apenas numa resposta puramente reflexa. Daí, se diz comumente que a cabeça de um homem funciona bem se o seu pênis tem bom desempenho, enquanto que, para a mulher, a ordem é inversa.

Sua resposta sexual é adequada e prazerosa se a sua cabeça tem bom funcionamento.

Ora, nessa passagem através dos tempos vamos encontrar outras perspectivas sexuais para a mulher.

Se ela já foi venerada como única fonte de vida, e depois passou a ser um mero receptáculo para o desenvolvimento fetal, chegou o momento em que ela passou a ser vista como colaboradora no processo da criação.

Contudo, a idéia da colaboração da mulher no processo criativo, inicialmente, não implicava o direito ao prazer, mesmo porque a falta de orgasmo não impede a concepção.

Muitas culturas e correntes ortodoxas religiosas ainda cultuam esse tipo de idéia, levando mulheres inférteis e/ou menopausicas a verdadeiros conflitos e sentimentos de culpa, desesperados. Afinal, a *reprodução* é um compromisso assumido com a espécie e isso passa a ter supremacia. Se ela não pode gerar, também não tem direito a ter prazer.

Vale agora nos determos um pouco em considerações sobre o enfoque do sexo-prazer.

E é na Grécia Antiga que podemos distinguir com detalhes significativos essas manifestações da sexualidade humana.

Os gregos chegaram a dar nomes distintos a:

- EROS - prazer carnal
- ÁGAPE - amor puro, prazer espiritualizado
- FILOS - afeição, amizade.

EROS é biologia pura, é reflexo, é medular. Seu imperativo é egoístico; falta-lhe humanização. Deseja variação constante.

ÁGAPE é altruísta, personalizado, é corticalização crescente. Exige permanência.

FILOS é amizade, companheirismo, cumplicidade. Os gregos diferenciavam tanto os extremos, que chegavam a dicotomizar o ser humano, com:

Ser animal e
Ser racional.

A dissociação cresceu de tal modo, que eles admitiam vivenciar uma sexualidade na família - sexo- *reprodução*, algumas vezes aliada ao

companheirismo com a esposa, e o *sexo-prazer*, vivenciado com prostitutas refinadas (as heteras) ou com prostitutas de bordéis.

Essa dicotomia ainda persiste na cabeça de muitos homens, que ainda se acham presos a um estágio primitivo de seu desenvolvimento psicofísico, alienante e irresponsável, e em que a valorização do outro e de si mesmo, como um ser psicossomático, único e indivisível, seja substituído pela superficialidade de relacionamentos fáceis e imediatistas.

E a Grécia, com seu domínio cultural, influenciou Roma e o Cristianismo nascente, deixando como herança a idéia da existência de um amor-sexual (inferior) e de um amor-espiritual (superior), ainda hoje cultuados por crenças moralistas conservadoras.

Admitir essa dicotomia é olhar o ser humano de uma forma fragmentada e canhestra, na qual funções do corpo são consideradas indignas e animais, enquanto que tudo que é nobre vem da alma. E é baseado nessa dualidade cartesiana que consideram a sexualidade como algo sujo e indigno.

Isso de fato nos parece um paradoxo. Como um amor inferior pode gerar um amor superior? Porque sem sexo não há indivíduo e sem indivíduo não haverá o amor humano espiritual.

Não resta dúvida que dentro dessa ótica há possibilidade de se ver o sexo como sujeira e até como transgressão, evitando-o sempre que for possível.

No outro extremo, situam-se os cartesianos não-moralistas que entendem o sexo e a sexualidade como fonte única e absoluta de prazer, puramente reflexa, num “aqui e agora”, exigente e fugaz.

Nesse caso, buscam compulsivamente estímulos novos, posições extravagantes, afrodisíacos e outras parafernâlias que garantam o desempenho fisiológico pleno.

O que podemos dizer é que, embora com enfoques diferentes, os dois se completam e, aliando-se ao Filos, tornam-se globalizantes e humanizam o Amor.

É interessante observar que do ponto de vista moral essas duas concepções, aparentemente opostas, prevalecem através dos tempos. Ora, indulgente e tolerante, ora repressiva e tirânica, usando o pecado e vergonha como forma de controle.

Um fato, porém, é verdadeiro e tem atravessado os séculos. A tirania e a repressão têm vitimado muito mais as mulheres, enquanto a indulgência e a tolerância acobertam os homens.

E foi seguindo esse estereótipo que se desenvolveu a imagem da boa mulher, tão cultuada pelas religiões e aplaudida pela platéia machista.

A mulher *santa ou demônio* perdeu a dimensão de seu verdadeiro papel como ser humano, tornando-se ora objeto de adoração, fonte de virtudes e de aceitação incondicional das expectativas do seu amo e senhor, ora execrada como fonte de todo mal, perversa e maquiavélica.

A mulher ideal tornou-se uma escrava e prisioneira dentro de uma redoma, preço que lhe foi exigido em troca do respeito e de um Amor mutilado.

Por isso mesmo se diz que o casamento ainda representa significado diferente para o homem e para a mulher, e isso tem provocado tantos desencontros e infelicidades.

Para o homem, o casamento é um acordo de solidez, desde que sejam respeitados seus direitos de ir e vir.

Esquece do vínculo, quando isso lhe for conveniente, e pode olhar em qualquer direção sem ser questionado. Dessa forma, a mulher garantirá direitos de vivenciar o paraíso de sua companhia, que lhe está sendo oferecido de forma tão magnânima.

Reminiscência de um Patriarcalismo ancestral, a mulher tem alimentado essa postura através dos séculos, sentindo uma necessidade visceral de ser subjugada, realizando a fantasia do poder do macho. Só assim ela seria a mulher perfeita, digna de ser amada porque simbolizaria o altruísmo e a prestabilidade em todas as situações que lhe forem exigidas.

E o slogan: “Atrás de um grande Homem tem sempre uma grande Mulher” passava a ser o seu maior orgulho.

Jamais pretendiam ficar *ao lado* de um grande homem, e aí daquelas que se arvoravam em ter esse direito.

Com isso, enquanto o homem direcionava a sua vida, a mulher entregava as rédeas da sua, numa relação de inferioridade, em nome do AMOR. Submeteu-se aos jazerres do parceiro, aos amigos do parceiro, a ajudá-lo profissionalmente e até a receber salários indignos quando começou a surgir a possibilidade de profissionalização.

No campo sexual, mesmo depois do advento dos anticoncepcionais, e da conseqüente liberação feminina, ainda, se observam as seqüelas da ditadura masculina. A mulher adquiriu o direito de dizer com quem quer ter sexo e quando quer, mas, nas relações de afeto, o homem ainda usa a força física ou as diferenças fisiológicas para tiranizá-la. E esse drama lhe parece desesperador.

Hoje, porém, o quadro geral da sexualidade feminina tem começado a mudar, assumindo nuances diversas. Depois da violenta reação do feminismo exacerbado do início do século, a consciência feminina começa a tomar forma e a se definir sem pretensão de ser vencedora nem vencida.

A alienação passada dá lugar à certeza de que precisamos olhar para dentro de nós mesmas, a fim de encontrarmos a verdadeira auto-estima e a magnitude do nosso poder, de tal forma que atingiremos a harmonia com a natureza, com o cosmos e, por consequência, com o nosso parceiro.

Chegamos à conclusão de que a desarmonia existente até então entre os casais, se deve apenas ao descompasso do crescimento homem/mulher, e que apesar de o homem se achar o centro do Universo e o poder decisório final, ele continua passivo afetivamente.

Ele apenas aprendeu a ser amado, enquanto a mulher desenvolveu sua capacidade de amar, e disso resultou que tivemos poucas chances de um companheirismo autêntico e honesto, sendo estabelecida uma relação mãe/filho, com mulheres superprotetoras que escondiam falhas e davam colo a toda hora.

Deixamos nossos homens, atrofiados e imaturos...

Felizmente o momento atual é de conscientização, em que a mulher observou que os caminhos a serem trilhados para o desenvolvimento harmônico do casal devem ser outros.

Percebeu que, sendo o homem um ser psicossomático, sua sexualidade, para ser perfeita, exige uma manifestação global.

Ela entendeu que as sensações eróticas adquirem uma dimensão maior na medida em que atingem o âmago do seu psiquismo, emergindo de dentro de si, num só ritmo de energia, em que o ser Homem ou ser Mulher perderam o sentido da dualidade e se confundem numa comunicação absoluta e plena de corpos e de espíritos.

O homem também começa a acordar e a tomar uma nova postura frente a essa nova mulher. Tem buscado trocas. Ele tem que encarar uma relação distinta daquela que ele aprendeu, embora muitos ainda resistam a essa mudança, buscando acordos mais fáceis com parceiras menos conscientes e menos evoluídas. Disso resulta, porém, que eles próprios ficam insatisfeitos e decepcionados com esse tipo de relacionamento, capenga e mutilador.

Nessa mudança de papéis, nós mulheres, pagamos por vezes um alto preço, assistindo ao rompimento de muitos relacionamentos estáveis, quando começamos a ter algum êxito.

É que alguns homens não perceberam que o nosso propósito não é demonstrar que eles são dispensáveis ou inferiores, mas que nós também somos úteis e temos uma mensagem a transmitir. É a mensagem da auto-valorização feminina, da auto-estima, afirmando que somos verdadeiras em sentido global e que o momento de provar isso já chegou. É hoje, é agora!

E, ao sermos ouvidas, estaremos por certo, resgatando o verdadeiro sentido do Amor e da Sexualidade saudável.

De todo esse passeio que demos através da História para entender a evolução do comportamento sexual feminino, ficou uma grande lição.

Sexo, simplesmente como prazer, ou simplesmente como forma de reprodução, dão uma idéia incompleta da sexualidade e não satisfazem ao ser humano. E nós, mulheres, estamos bem conscientes disso.

Ele é as duas coisas, não resta dúvida; mas, numa concepção mais profunda e evoluída, ele é acima de tudo uma forma de Comunicação - ele é AMOR.

Como diz Berne, “a humanidade deu um grande salto ao separar os prazeres do sexo de seu propósito biológico meramente reprodutivo. E é o ser humano a única forma de vida desse planeta que pode fazer tais arranjos. Arranjos que poderão levá-lo a um patamar mais sólido. Quebrando barreiras do seu isolamento psicofísico, o homem pode se prolongar no outro, como uma forma mística de COMUNHÃO PRIMORDIAL. É sexo como COMUNICAÇÃO-AMOROSA. É diversão, é prazer e é êxtase. E *comunicação* traduz aí toda verdade e autenticidade do sexo, tornando-se possível planejar a reprodução e vivenciar o prazer.

É a soma global de EROS e ÁGAPE.

E, como qualquer outra atividade humana que envolva mais de uma pessoa, em SEXAMOR faz-se necessário uma retroalimentação de informações. “E esse feedback amplia a estimulação erótica.”

É, portanto, o Amor que, através do diálogo, nos fornece uma visão renovada de um mundo novo, e do que representa o Homem e a Mulher dentro desse mundo.

A mulher de hoje tem suas exigências, mas ela se tornou muito mais magnânima e companheira do que a mulher de ontem.

Ela perdoa certas incapacidades do homem para lhe proporcionar bens materiais; perdoa até certas desatenções externas, como abrir a porta de um carro, e etc. Compreende algumas infidelidades, mas não perdoará jamais uma falta de atenção para com seu *eu espiritual*, uma ofensa à sua dignidade.

A necessidade de se sentir amada, não pelo que ela representa, mas pelo conteúdo espiritual do *seu eu*, torna-se cada vez mais intensa, quanto mais consciência ela tem de si mesma, como individualidade.

E é essa visão do ENCONTRO Homem/Mulher que surge como proposta para a Mulher do amanhã. Ela está aberta para esse Encontro, esperando apenas, que o Homem venha em sua direção - inteiro e autêntico.

A Mulher que hoje se apresenta como o protótipo da Mulher do amanhã, da Mulher ano 2000, não se satisfaz com um homem dicotomizado, fluido e inconsistente.

Ela espera mais, porque sendo capaz de dar Amor, ela aguarda o receber de coração aberto, irmanada em valores comuns, em que a cumplicidade se dê em todas as dimensões, em que a sexualidade seja vivenciada como expressão do eterno e em que as diferenças se somem, fazendo crescer as potencialidades, dos dois e de cada um.

Se nós, homens e mulheres, formos capazes de transmitir e captar a mensagem do outro, num contexto maior de AMOR, viveremos a plenitude da sexualidade, dando e recebendo prazer, num clima de respeito e decisões mútuas.

Só assim poderemos dizer que o sexo se tornará a forma mais criativa, mais prazerosa, mais íntima e mais perfeita da Comunicação Humana e em que aprenderemos o “Dar e Receber”, como uma constante.

Acredito que sempre existirá no mundo a esperança da reinvenção do Sexamor, no qual as pessoas desconstruídas possam um dia operar o milagre de aprofundar sua intimidade e atingir a emoção perfeita da verdadeira identidade compartilhada.

Acredito, portanto, que sempre haverá *Esperança e Fé* para quem quer amadurecer no *Amor*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERKO, C. e KRESTAN, J. *Boa demais para seu próprio bem*. Ed. Rocco, 1992.
2. CUNHA, P. *Sexamor*. Ed. Nórdica, 1982.
3. EHRHARDT, U. *Meninas boazinhas vão para o céu, as más vão à luta*. Ed. Objetiva Mulher, 1996.

4. GREGERSEN, E. *Práticas sexuais - A história da sexualidade humana*. Ed. Roca, 1983.
5. HOHNSON, R. *She*. Ed. Mercúrio, 1987.
6. LERER, M. LUIZA. *Hacerse mujer...* Beas Ediciones, 1993.
7. MONTGOMERY, M. *Mulher: o negro do mudo*. Ed. Gente, 1997.
8. NORWOOD, R. *Mulheres que amam demais*. Ed. Best Seller, 1985.
9. ROGERS, N. *A mulher emergente*. Ed. Martins Fontes, 1984.
10. SHAEWITZ, M. H. *A síndrome da super-mulher*. Ed. Record, 1986.

Um contexto sociocultural

A média de idade da população brasileira tem se elevado significativamente nas duas últimas décadas. O país com população considerada jovem, anteriormente, iniciou um processo de envelhecimento, prevalecendo hoje cidadãos com idade entre 20 a 59 anos. A paulatina redução da taxa de fecundidade e a elevação da esperança de vida nos obrigam a atentarmos para os problemas característicos desse grupo, no que diz respeito ao comportamento sexual.

Atualmente apenas 10% da população tem acesso ao ensino de 2º grau e 4,4% ao curso superior. Dos 85,6% restantes, muitos não ultrapassam o 1º ano e a maioria não conclui a 8ª série do 1º Grau (IBGE, 1994).

Para uma população de baixo nível cultural e cada vez mais envelhecida, resta uma atividade profissional de elevado desgaste físico e mental, constituindo-se a maioria em operários. As famílias desses indivíduos aglomeram-se em bairros com precárias condições de higiene, num ambiente em que a aprendizagem relacional é mal estruturada gerando pessoas desinformadas.

O precário acesso aos benefícios produzidos pelos avanços científicos desestimula a busca de um saber atualizado, favorecendo a disseminação de idéias retrógradas e estereotipadas. O saber que mais se aproxima de seu mundo de indagação é o saber religioso. Este de alguma forma “responde” a seus munieros questionamentos e se encontra ao alcance de suas possibilidades. Assim aos cidadãos parece mais viável seguir obstinadamente os valores e doutrinas difundidas pelas Instituições Religiosas.

Como maior cliente em potencial no Brasil, em análise e psicoterapia, temos indivíduos resultantes de: baixa escolaridade, reduzido acesso às informações científicas, carência de satisfação das necessidades básicas, despreparo das famílias na educação de seus membros e forte apego aos dogmas religiosos. Tudo isso nos leva a concluir que a saída que resta para os indivíduos é depositar as esperanças de um futuro melhor no *misticismo religioso*. Dessa forma, o indivíduo se submete às repressões sociais, valorizando o atendimento às normas mais que à satisfação de seus desejos. É nesse fenômeno que nossa estrutura social se assenta. Freud (1908, p. 192) ao falar da *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* afirma que “*Nossa Civilização repousa... sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos.: uma parcela do seu*

sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação instintual foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado 'santo' o proveito assim obtido pela comunidade. Aquele que em conseqüência de sua constituição indomável não consegue concordar com a supressão do instinto, torna-se um 'criminoso', um 'outlaw', diante da sociedade - a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um 'herói'".

Os avanços científicos no campo da medicina no tocante aos métodos anticoncepcionais cuja proposta seja a de contribuir para com a vida sexual dos indivíduos, quando utilizados, são acompanhados de fortes sentimentos de culpa. Não podemos desconsiderar aqui o fato de que os ganhos secundários produzidos por essa prática, como possibilidade de acomodação e autopiedade, geram superproteção por parte de outros. Como consequência, cresce a falta da necessidade de opor-se aos padrões estipulados pelo meio e a redução do ato reflexivo sobre o existir individual.

Ainda em relação ao exposto, está claro que a exacerbação do substituir o objetivo sexual por um social, mediante o processo de sublimação, tem na maioria das vezes efeitos perniciosos, pois no dizer de Freud (1908, p. 197) “... existe para a maioria das pessoas um limite além do qual suas constituições não podem atender às exigências da civilização. Aqueles que desejam ser mais nobres do que suas constituições lhes permitem, são vitimados pela neurose”.

A formação cultural e religiosa da sociedade brasileira, bem como o subdesenvolvimento existente nos diversos níveis da estrutura social, reforçam em seus membros os “tabus” ligados à discussão sobre a prática da sexualidade. Apesar das aparências que são vendidas pelos meios de comunicação, somos uma sociedade puritana, que pouco se distancia do pensamento de Jeannièr (1965, p. 177-178) quando diz que “... o sexual nada tem a ver com o ser-no-mundo. A escolha situar-se-á noutro ponto. As regras da união do homem com a mulher serão exteriores ao amor, assim como a toda a manifestação da sexualidade em que o amor se pudesse exprimir. O casamento é uma associação de interesses... econômicos e familiares... A religião dará sua contribuição para reforçar as proibições sexuais”. A partir da observação do modo de conduta da sociedade brasileira, constata-se que as relações conjugais estão vinculadas as exigências sociais e não aos desejos sexuais. Tal fenômeno tem como subproduto as dificuldades sexuais daqueles que se constituirão como pacientes psicoterápicos, e ainda, o surgimento

de “deficiências” na conduta dos profissionais, pois também estes são atingidos pelo mesmo fenômeno.

Nos últimos anos, um maior número de pacientes, buscam auxílio psicológico para a solução de transtornos no campo da sexualidade. Infelizmente ao fazê-lo se encontram já próximos à cronificação da conduta indesejável, buscando no profissional soluções emergenciais. Quando estas não ocorrem, se recusam a prosseguir com o tratamento. E quando não, na continuação do processo através da “negligência” do profissional em deixar à margem as queixas no tocante ao desempenho sexual, são acompanhados por uma “desagregação familiar” que vai se constituindo em novo problema, que muitas vezes se torna irreversível.

A localização excessiva na etiologia dos transtornos sexuais, por despreparo do profissional, e a conseqüente redução da atenção à queixa inicial, leva o paciente em muitos dos casos a buscar de processos alternativos os quais por sua vez dão origem a novas condutas neurotizantes. Depois disso, ocorrendo um retorno ao profissional da psicologia, poderá o paciente apresentar ainda um quadro sintomático mais acentuado.

Fundamentação

Existem vários enfoques para a compreensão dos transtornos da conduta sexual humana. No clássico *Tratado de Psiquiatria*, de Henri Ey (1978), esse fenômeno é atribuído a conflitos decorrentes da fase do Complexo de Édipo. Dentro dessa perspectiva, Joël Dor (1993) afirma que a frigidez é um sintoma da histeria feminina. Sendo a histérica incapaz de encontrar um objeto com poder de anular os rastros de imperfeições de que é portadora, é acompanhada por uma indecisão permanente, desde as coisas mais banais às mais significativas de sua vida. Esse sentimento de incompletude faz com que ela se lance na busca da perfeição, o que produz a convicção de uma permanente imperfeição. Na relação com seu parceiro, não lhe é possível o gozo, pois, só alguém que representa o falo (isto é, o parceiro de sua amiga, irmão ou um homem que lhe é inacessível) seria capaz de lhe proporcionar a realização de seu desejo. Quanto mais a histérica se queixa da insatisfação sexual, mais ofusca a segurança sexual do homem, confirmando a crença dela de que deve sempre esperar por algo melhor. Ainda à luz dessa compreensão, a *impotência*, por sua vez, ocorre a partir da percepção do histórico de que não é depositário do objeto fãlico desejado pela mulher. Ao ser chamado à prova de sua virilidade, torna-se impotente como se estivesse afirmando: *não tenho o falo*. Já a ejaculação precoce, é o testemunho de um peri-

go imaginário quando do ato sexual com uma mulher. Para o histérico, apenas o que tem o domínio do falo pode dominar o gozo feminino. Como não se sente capaz disso, o gozo é entendido como uma ameaça à qual deve evitar. Durante o coito, ele se identifica com a mulher, capitulando diante daquele que tem o falo, e goza por ejaculação precoce, como imagina que faria a mulher diante do poder fálico.

Em síntese, como acentua Desprats-Péquinot (1992), a psicanálise defende a premissa de que os transtornos sexuais são a expressão de conflitos psicosexuais atrelados aos processos inconscientes e à fantasmática que governa a vida psíquica de cada indivíduo.

O behaviorismo, por sua vez, apoiando-se nos estudos do comportamento animal, fundamenta a psicosexualidade humana sobre os domínios biológicos e psicofisiológicos. Dentro dessa perspectiva, afirma que *“o comportamento sexual adulto resulta da organização progressiva dos esquemas inatos de comportamento e hábitos adquiridos por aprendizagem, que concorrem para a realização da função de reprodução”* (La Revue du Praticien, 13, 1977, p. 789, citada por Desprats-Péquinot, 1992). Sob esse ponto de vista, o transtorno da conduta sexual é compreendido como resultante de um condicionamento vivido pelo indivíduo.

Não negando as contribuições quer sejam da psicanálise, quer sejam do behaviorismo, Cavalcanti & Cavalcanti nos chamam a atenção para a integração de três elementos que não podem estar separados ao estudarmos cientificamente a questão dos distúrbios da conduta sexual: processo de aprendizagem, influências do contexto social, estruturação de uma auto-percepção ao nível intrapsíquico a partir do vivido. Em seu livro, *Tratamento Clínico das Inadequações Sexuais*, Cavalcanti & Cavalcanti (1992, p. 53) afirmam que *“É preciso insistir na idéia de que o homem atua como um todo, e que o seu comportamento manifesto não é um simples produto mecânico de uma estimulação externa. A resposta encerra um conteúdo experiencial e cognitivo altamente subjetivo. O meio psicológico interno não é apenas um subproduto colateral da reação entre a estimulação externa e as potencialidades biológicas, não é um epifenômeno, mas algo atuante que entra na composição da resposta expressa. A relação entre o ser humano e o ambiente é portanto bidirecional e recíproca, em contínuo reajustamento através de circuitos de retroalimentação. Esta auto-regulação é que permite ao homem a capacidade de se auto-avaliar cognitivamente, em relação aos seus modelos de referência, e a partir daí obter reforços encobertos, positivos ou negativos, que lhe permitam selecionar os comportamentos internos e externos. O homem à medida que se*

comporta, é capaz de pensar sobre o seu próprio comportamento, de saber inclusive que está pensando e, nesta auto-observação, elaborar hipóteses sobre quais das suas condutas que serão positivas ou negativamente reforçadas". No tocante ao distúrbio da conduta sexual, os autores, de uma maneira sintética, explicam que "*aprendemos no meio social a criar obstáculos à resposta fisiológica que é involuntariamente eliciada pela apresentação de um estímulo erótico. O comportamento (sexual) disfuncional, portanto, é um comportamento aprendido*"... (Cavalcanti & Cavalcanti, p. 281).

Segundo Brenot (1994, p. 37-38), vários estudos em sexologia concorreram para que a posição psiquiátrica de considerarem os transtornos sexuais como provenientes de transtornos orgânicos se tornasse menos rígida, proporcionando o desenvolvimento de uma postura que relevasse uma compreensão multifatorial sobre as causas do problema. Entre esses estudos, se sobressaem os realizados por Balint (1966), propondo uma análise da relação do casal que apresenta comportamento sexual disfuncional; de Masters e Johnson, sobretudo com a publicação do *Human Sexual Inadequacy* (1970), que vêem os transtornos sexuais não com graves psicopatologias, mas como transtornos neuróticos e funcionais; e os de Abraham e Pasini (1974), que afirmam serem os transtornos sexuais provenientes da força das inibições neuróticas sobre os fatores instintivos.

As atuais condutas psicoterápicas no tratamento dos transtornos sexuais se orientam, basicamente, pela *concepção psicanalítica* ou pela *orientação comportamentalista*. Embora eficazes para a compreensão e tratamento de vários casos, outros não se adaptam às condições de uma análise ortodoxa, em razão da especificidade da demanda ou das características dos pacientes que vivem realidades socioculturais diversas, ultrapassando o campo meramente intrapsíquico ou da aprendizagem. Fazendo uma análise desses dois modelos no tratamento dos transtornos sexuais, Kaplan (1994, p. 182) afirma que "*ambas são de imenso valor, mas nenhuma é completa quando for a única empregada*".

No decorrer de nossa atuação como psicólogo clínico, constatamos que os pacientes que apresentam quadro de transtornos sexuais sofrem dificuldades que não são exclusivas do campo da conduta sexual, estando relacionadas também a aspectos socioculturais que comprometem seriamente sua *auto-imagem* (Dias, 1996). Em função disso, percebemos que, para chegarmos ao cerne da problemática dos transtornos sexuais, se faz necessário conhecermos melhor sob que perspectivas a atividade sexual é concebida pelo grupo social dentro de um período histórico determinado,

de que forma os papéis sociais são estruturados e repassados àqueles que deverão assumi-los, e quais fatores são concorrentes para a estruturação de uma personalidade em crise, no indivíduo, obrigando-o a buscar ajuda psicológica.

Os estudos de Foucault (1976) sobre a história da sexualidade no Ocidente, os de Pewzner (1996), denunciando a impregnação do sentimento de culpa que acompanha todos os atos do homem ocidental, os de Lorenzi-Cioldi (1988), acertando sobre as imagens representativas dos papéis masculino e feminino determinantes da divisão entre grupos dominados e dominantes, e os de Lipiansky (1992), que nos mostra que a auto-imagem da pessoa se constitui a partir das complexas interações mantidas com seu grupo sociocultural, lançam novas luzes sobre o caminho da pesquisa que pretendemos conduzir.

Foucault nos mostra que a prática da sexualidade sempre foi um tema de preocupação na sociedade ocidental. Após longo período de liberdade sexual, Iniciamos no século XVII uma era de repressão da sexualidade. A Igreja institui a confissão, na qual o indivíduo deveria transformar em discurso todos os seus pensamentos, desejos e ações, para proferi-lo no confessional. Nessa prática, a emoção é transformada pelo próprio sujeito em descrição racional, para assim aprender a gerenciar esse dado existencial, colocando a vida sexual a serviço da mera continuidade da espécie. No século XVIII, o sexo se torna negócio político. Aqui não mais está em vigor o rigor de uma proibição da prática sexual, mas a necessidade de se colocar a sexualidade a serviço da utilidade pública. No centro dos problemas políticos e econômicos, o sexo passa a ser avaliado enquanto taxa de natalidade, idade propícia para o casamento, nascimentos legítimos e ilegítimos, precocidade e frequência das relações sexuais, questões de fertilidade e esterilidade, práticas contraceptivas e outros. O sexo se tornou, então, um mecanismo a serviço do poder público. Ao final do século, a atividade sexual era regida por três códigos explícitos, além dos hábitos individuais: “o *direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil*” (Foucault, 1976, p. 51). Apoiando-se na pedagogia e na medicina, a partir do século XIX, as velhas proibições começaram a ser usadas para perseguir os hábitos sexuais solitários das crianças, como, por exemplo, a masturbação. Ainda no século XVIII, foram lançadas as bases de controle (saber e poder) da sexualidade individual que se estendem até os dias atuais, como:

- Histerilização do corpo feminino - a mulher é vista como um corpo saturado de sexualidade, tornando suas condutas sexuais patológicas.

- Pedagogização do sexo da criança - as orientações passam a ter como finalidade chamar a atenção para os perigos de uma sexualidade indevida ou precoce.
- Socialização das condutas de reprodução - o crescimento populacional passa a ser algo fiscalizado e controlado pelo poder público.
- Psiquiatrização do prazer perverso - estabelecimento de técnicas corretivas das condutas patológicas catalogadas ao longo do século XIX, centrando-se sobre *a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso*.

Em suma, Foucault observa que as relações entre os sexos deram lugar em todas as sociedades a um dispositivo de aliança: indústria do casamento, fixação e desenvolvimento de graus de parentesco, transmissão de nomes e bens de família. Pode-se dizer, a grosso modo, que uma nobre função da atividade sexual - busca do prazer - se perdeu ao longo de uma série de discursos em torno desses temas.

Sobre esse prisma, Pewzner nos mostra que a história do Ocidente e a história do cristianismo estão indissolúvelmente ligadas, mesmo nos momentos em que Igreja e Estado apresentaram interesses divergentes. Essa parceria impediu que a questão da sexualidade fosse vista por um ângulo eminentemente secularizado, contribuindo para que a idéia de pecado, que ocupa o centro do discurso do cristianismo, fosse difundida entre os membros de todas as sociedades cristãs. Como consequência, o sentimento de culpa se tornou um elemento constitutivo que permeia todas as relações sociais, podendo ser encontrado sem dificuldades no discurso do histórico e do psicótico. Nesse sentido, ela afirma que “o tema do pecado e do sentimento de culpa estão no centro da reflexão a respeito do tema do Mal no Ocidente; o discurso do doente mental se tornou o eco amplificado desta obsessão do mal interno que consome o ser e fere sua relação com o sagrado” (Pewzner, 1996, p. 46). Se a cultura brasileira é profundamente marcada pela presença do Cristianismo, a se os sujeitos que participam dessa sociedade, em sua grande maioria, tendem a buscar na religião respostas às questões existenciais que fazem parte de seu mundo relacional, não estaríamos nós, também imbuídos dessa idéia de culpabilidade? Precisamos considerar que o sentimento de culpa afeta o comportamento, mesmo daqueles indivíduos que não são considerados portadores de patologias psíquicas.

Em nossa prática clínica, é possível constatar a presença do sentimento de culpa em inúmeros pacientes que nos procuram em função de suas dificuldades sexuais. O fato de alguém apresentar um comportamento sexual disfuncional não é suficiente para qualificá-lo como portador de um transtorno mental. Dessa forma, nos é evidente que o sentimento de culpa pode ser encontrado não só no discurso do doente mental, mas também no discurso do cidadão comum.

Lorenzi-Cioldi afirma que em nossas sociedades existe uma determinação de modelos de identidade, nos quais os papéis masculino e feminino são claramente delimitados. Acentua que o papel masculino é marcadamente instrumental, caracterizado pela autonomia, independência, sentimento de controle total sobre o meio ambiente e, ainda, pelo desenvolvimento das habilidades voltadas à competição. Nesse caso, toda relação é mantida como uma maneira de se atingir um resultado. Já o modelo feminino, predominantemente expressivo, é caracterizado pela busca de ligações afetivas, pelo desejo de estabelecimento de comunicação com o outro e a preocupação constante com a expressão de sentimentos pessoais. Nesse caso, os objetivos da relação estão contidos na relação em si mesma, e não em função de objetivos exteriores. Tais características afetam profundamente a prática da sexualidade, dadas as dificuldades em se estabelecer uma comunicação íntima a partir de objetivos convergentes. Segundo Lorenzi-Cioldi, “o *homem típico é concebido em termos de assertividade, de atividade, de independência, de objetividade, de racionalidade e de competência, enquanto que a mulher típica é, antes de tudo, passiva, emotiva, submissa e sensível às relações com os outros*” (Cioldi, p. 45).

A questão dos transtornos da conduta sexual passa, necessariamente, pela questão do papel sexual vivenciado pelo homem e pela mulher, pois, paralelamente à construção da identidade social, existe também a construção de uma identidade sexual que determina de que maneira homem e mulher devem se posicionar um diante do outro para a realização do ato sexual. Nesse encontro, um dos elementos se torna para o outro o critério de confirmação da imagem que ele tem de si mesmo, em que se configura a possibilidade de sucesso ou fracasso. No tocante à identidade social, Lipiansky nos diz que “a *identidade social designa, pois, a representação de si mesmo, que o sujeito procura construir e divulgar nas interações em que é parte integrante, representação esta que exige que o sujeito seja reconhecido a certificado pelo outro, sendo essa identidade elaborada constantemente a partir dos modelos culturais e sociais*” (Lipianski, p. 188). No que diz respeito à

construção da identidade sexual, o autor nos diz ainda que *“a identidade sexual não resulta apenas do sexo anatômico; ela se desenvolve também a partir das identificações da primeira infância e, notadamente, daquelas que se constroem em torno do complexo de Édipo. (...) Ao mesmo tempo, a identidade sexual se apóia, ainda, sobre os modelos de feminilidade e de virilidade propostas pela cultura”* (Lipianski, p. 27).

Conclusão

É fato que os transtornos sexuais têm sido mais profundamente estudados e valorizados, dentro de uma perspectiva psicanalítica ou comportamental. Porém a partir do exposto, se nos atermos especificamente dentro desses dois limites, estaremos desvinculando nossa prática clínica da realidade vivida pelos pacientes. São inúmeras as forças que interagem na construção de modelos de sexualidade condicionando o indivíduo tanto no nível da representação quanto de sua prática sexual.

Estreitarmos nosso horizonte de compreensão dos transtornos sexuais, torna reduzido o sucesso nesse campo, visto que os clientes buscam psicólogos para tratamentos, e estes muitas vezes se mostram despreparados para fornecer o serviço. Sob esse prisma, Kusnetzoff (1987) afirma que *“lamentavelmente, nossas faculdades de Medicina não contam, até agora, com programas de treinamento em Sexologia para médicos, isso faz com que, quando consultados, escondam sua ignorância, procurando diminuir a angústia de seus pacientes com ansiolíticos, calmantes ou qualquer outro medicamento, na melhor das hipóteses ineficazes para (o tratamento) da disfunção sexual”*. É observável que, mesmo no campo científico, as pesquisas estão sujeitas à restrições em função dos tabus a que os sujeitos estão submetidos. Soma-se a isso o fato de que as universidades que formam psicólogos possuem com organizadores de seus programas curriculares profissionais que não despertaram uma real preocupação no tocante a esse tema, seja por desinformação ou por preconceitos. A partir dessa realidade, Kusnetzoff faz uma denúncia (dirigindo-se aos leitores): *“... é mais provável que o leitor deste livro, ao terminar a leitura, saiba bastante mais sobre a sexualidade... que a imensa maioria dos profissionais médicos e psicólogos...”*. Mais à frente ele continua: *“... é difícil encontrar terapeutas adequados. A maior parte da população não está bem informada e, sobretudo, existe resistência ao tema. Os preconceitos sociais ganham a partida e a ignorância é a regra. Podemos imaginar, facilmente, como é o panorama aqui mesmo, na América Latina”*.

É notório que as universidades do Brasil têm como missão a formação de profissionais generalistas no campo da psicologia. Tal demanda parte da constatação de que os psicólogos recém-formados são levados a atuar em diversas áreas no campo da psicologia, atendendo, em sua maioria, indivíduos de baixo poder aquisitivo mediante convênios e militância profissional através de órgãos públicos e assistenciais.

Os centros de formação de psicólogos no Brasil possuem escassos recursos financeiros destinados à pesquisa. Por muito tempo os profissionais aqui gerados assumiram uma postura de *mantenedores* do “saber” estabelecido, mais do que de investigadores.

Felizmente, apesar desse quadro e dos “olhares desconfiados” de cientistas do comportamento humano que atuam no Brasil, herdeiros de posturas ortodoxas, germinam centros de estudos com propostas novas para uma questão tão antiga presente em todas as sociedades humanas: a difícil arte de viver com prazer a própria sexualidade. Como exemplo podemos citar o CESEX/Brasília, Instituto Cavalcanti/Belo Horizonte, Instituto H. Ellis/São Paulo, outros centros e um grande número de profissionais que individualmente desenvolvem pesquisas nesse campo, como podemos observar nos Congressos de Sexualidade e nas publicações que giram em torno desse tema.

Vivemos em meio a grandes transformações sociais que afetam radicalmente as relações entre os sexos. Podemos estar certos de que a questão dos transtornos da conduta sexual é de grande importância para a atuação do psicólogo clínico, sendo que a necessidade de se buscar melhores respostas ao problema, provavelmente, não se fará esgotar a curto prazo. Portanto precisamos no Brasil de profissionais que estejam preparados para atender a demanda de tais pacientes. Não podemos pensar simplesmente em indivíduos provenientes de “uma cultura brasileira”, mas em indivíduos provenientes de “culturas brasileiras”. Nosso compromisso não se restringe a um grupo especificamente, mas deve se estender a todos indiscriminadamente e neste momento é preciso estarmos prontos para lidar com grupos pouco favorecidos, em todos os níveis, que se tornaram portadores de mais uma “falta”, a possibilidade de exercer de forma natural sua vida sexual. Se as pessoas não vivenciarem o “gozo” na vida sexual, sendo elas já pais ou mães, tomando como ponto de vista a questão da libido, podemos entender que tais indivíduos são assexuados. É necessário que se busque para a prática clínica uma parceria entre a etiologia e a atuação diretiva sobre o sintoma. No mínimo, é preciso que a sociedade possa contar com profissionais mais bem informados no tocante aos transtornos sexuais e mais atentos às demandas de seus pacientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRENOT, P. (1994). *La sexologie*. Paris, Presses Universitaires de France.
2. CAVALCANTI & CAVALCANTI, (1992). *Tratamento clínico das disfunções sexuais*. São Paulo, Roca.
3. DESPRATS-PÉQUIGNOT, C. (1992). *La psychopathologie de la vie sexuelle*. Paris, Presses Universitaires de France.
4. DIAS, C. (1996). *Les troubles sexuels au Brésil et leurs rapports avec les problèmes d'identité*. Amiens, Biblioteca da Université de Picardie Jules Verne.
5. DOR, J. (1993). *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, Taurus.
6. EY, H. (1978). *Tratado de psiquiatria*. Barcelona, Toray-Masson.
7. FOUCAULT, M. (1976). *Histoire de la sexualité -La volonté de savoir*. Paris, Gallimard.
8. FREUD, S. (1908). *Moral sexual civilizada a doença nervosa moderna*, vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
9. FREUD, S. (1895). *Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular insulada "Neurose de Angústia"*, vol. III. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
10. JEANNIÈRE, A. (1965). *Antropologia sexual*. Lisboa, Duas Cidades.
11. KAPLAN, H. 1. (1974). *A nova terapia do sexo*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.
12. KAPLAN, H. 1. (1994). *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre, Artes Médicas.
13. KUSNETZOFF, J. (1987). *O homem sexualmente feliz*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
14. LIPIANSKY, E. (1992). *Identité et communication*. Paris, Presses Universitaires de France.
15. LORENZI-CIOLDI, F. (1988). *Individus dominants et groupes dominés*. Grenoble, Presses Universitaires de France.
16. Ministério do Planejamento e Orçamento. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro. IBGE, 1994.
17. PEWZNER, É. (1992). *L'homme coupable*. Paris, Odile Jacob.

“Menina não entra,
menina não pode”
O lúdico e a construção
da identidade **7**

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes

1. INTRODUÇÃO

“Lembro-me de que, quando em criança divertia-me com as histórias da Turma da Luluzinha, intrigava-me com o Clube do Bolinha onde Zeca, Zico e Alvinho, liderados pelo Bola, impunham “Menina não entra”...”

Todos nos já ouvimos falar que menina não pode isso, menina não pode aquilo, em algum momento da história de nossas vidas. As meninas como mandatos a serem cumpridos e os meninos como ordens que eles podem impor ao “outro sexo”.

Nesse sentido, há uma série de brincadeiras infantis e cantigas de roda que se relacionam, intimamente, com a construção da identidade de gênero e, notadamente, a identidade feminina.

Desde cedo as meninas são levadas a brincar de casinha, reproduzindo papéis historicamente destinados à mulher, como cuidar de cri-

anças/bonecas, arrumar a casa, cozinhar, lavar e passar, dentre outros. Aos meninos vão sendo atribuídos os papéis masculinos através de brinquedos como carrinhos, bolas e outros objetos que lhes permitam comandar situações, tais como pistolas, espadas, etc.

E as cantigas de roda? São um exemplo marcante da vivência lúdica em todas as partes do mundo e em cujo conteúdo se encontra uma estrofa alusão à definição da identidade de gênero através do estabelecimento de papéis sexuais.

Estabelecer uma relação entre a construção da identidade e as brincadeiras infantis é o que se pretende neste trabalho.

II. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE – refletindo alguns teóricos

O reconhecimento de si mesmo ou a formação da identidade de uma criança é o passo inicial da estruturação de sua personalidade. Constrói-se após o nascimento, num processo simbiótico com as figuras parentais, até expressar-se como individualidade em atitudes e sentimentos sobre o *eu*. É uma construção que ocorre em interação entre o sujeito e o meio, por aprendizagem.

Um importante componente desse processo é a identidade sexual, também chamada de identidade de gênero, que consiste na autoconsciência e sentimento que o indivíduo tem de pertencer a um ou a outro sexo.

Para *Money* (1968), um dos estudiosos pioneiros nessa área, identidade sexual é o senso de si mesmo como homem ou como mulher; é a experiência pessoal ou privada do papel sexual, que consiste no quanto a pessoa diz ou faz para indicar aos demais, ou a si mesmo, o grau em que é homem, mulher ou ambivalente. Assim, o papel sexual é a expressão pública da identidade, é o conjunto de condutas associadas à sexualidade esperadas e socialmente exigidas do indivíduo, de acordo com o seu gênero.

Definimos gênero como um elemento constitutivo das relações baseadas nas diferenças que distinguem os sexos ou nas diferenças percebidas entre os sexos. Gênero implica a construção social e histórica do ser mulher e do ser homem. Dessa forma, o conceito de gênero encontra-se imbricado nos conceitos de identidade sexual, papel sexual e no de relações entre os sexos.

Em geral, identidade e papel sexual estão afinados aos estereótipos culturais dos sexos, fundamentados nas diferenças genitais feminina e masculina. Entretanto, entre esses dois modelos ou pólos há uma infinidade de conjugações de níveis e intensidade de pessoas, que extrapolam os espaços definidos, pela sociedade, para serem ocupados pelos homens e pelas mulheres.

Construindo a diferença entre o feminino e o masculino, as histórias de meninas e meninos seguem caminhos diferentes mas que se cruzam, determinados pela cultura. Dentre os fatores que intervêm nesse processo estão o brincar, o lúdico, os jogos infantis.

Sobre o processo de construção da identidade, *Bettelheim* (1988) enfatiza a importância da participação dos pais na criação de situações favoráveis à superação de conflitos, armadilhas e incertezas que cercam a criança desde o início de sua vida. Os pais devem mostrar, claramente, o seu desejo de ajudar o filho a desenvolver a sua própria identidade, a reconhecer o seu próprio eu, a se afirmar como pessoa. Para ele, o precursor do que será mais tarde o eu de uma pessoa, e que irá formar a sua identidade, é o *eu* corporal.

Também para *Lapierre e Aucouturier* (1991), identidade é, antes de tudo, o eu corporal. Durante os primeiros meses de vida a criança não tem consciência do seu eu corporal enquanto separado do *não-eu*. Está em um estado de indiferenciação que lhe possibilita entrar numa relação fusional completa com o outro, até o universo infinito. Por isso, dizem eles, identidade é fusão, e fusão de dois tipos: passiva, quando se recebem no próprio corpo as sensações trazidas pelos elementos naturais como o sol, o vento, a chuva, a terra, o ar, etc., e fusão ativa, quando se penetra o espaço pela abertura dos próprios gestos e deslocamentos, enfim, pelo movimento.

E assim tem-se o paradoxo de ver a fusão também como perda de identidade, perda dos limites do próprio corpo. Daí ser preciso resistir à essa fantasmática do espaço para conquistar a própria identidade.

O espaço fusional na criança, para *Lapierre e Aucouturier* (1990), é chamado de espaço de convívio, por *Bettelheim* (1988), e de espaço transicional, por *Winnicott* (1975). É um espaço de ação em comum onde o modo de agir de uma criança deve encontrar o modo de agir do adulto.

Existem alguns mediadores dessa fusão assinalados por *Winnicott* (apud *Lapierre e Aucouturier*, 1990):

- o gesto que acompanha, prolonga ou completa o gesto do outro, num contato direto e em seguida à distância;

- o olhar fixo, prolongado, inquisitivo, de forma a “penetrar” outro;
- a voz, que é a princípio troca de sons vocais, carregados tensões afetivas a corporais, e depois se torna palavra, ressonância de um corpo dentro do outro;
- a mímica, expressão motora do rosto e também do corpo, estágio inicial do desenvolvimento da criança, inconsciente, mas que em seguida se torna linguagem para o outro, traduzindo atitudes de abandono, de sedução, de isolamento, de abertura, aceitação, etc.;
- o objeto em si: crianças de berço estendem um objeto à outra pessoa, solicitando o estabelecimento de contato, sem contudo largá-lo; mais tarde o objeto se torna meio de troca, passando outro, com ruptura de contato. Através do objeto, o corpo do outro é sentido: suas tensões, seus desejos, seus movimentos, seus gestos...

Assim, nos estágios de desenvolvimento o indivíduo transita dos estados fusionais até o estado de individualidade. Há um movimento em direção ao mundo para se projetar e um recolhimento para se introjetar, afirma-nos *Kelleman (1992)* em sua teoria que parte do estudo do corpo. Para ele:

“As formas externas do corpo a as formas internas dos órgãos nos falam da motilidade celular, da organização e do movimento da psique e da alma. Os sentimentos gerados por essas formas constituem o fundamento dos programas cerebrais, da consciência, de nosso modo de pensar e sentir.”

(op. cit., p. 12)

Nessa linha de pensamento, *Boadella (1991)* nos afirma que

“A sensação de identificação de uma pessoa está diretamente ligada à sua capacidade de se conscientizar daquilo que o seu corpo sente”.

(op. cit., p. 19)

Para esse estudioso, depois de viver as transições envolvidas no processo de nascimento: sensorial, circulatória, gravitacional e alimentar, mesmo antes da linguagem, o senso de identidade da criança vai se

formando a partir das complexas relações sociais do seu mundo particular, que inclui o cuidado dos pais e o processo de condicionamento que levará à formação de sua personalidade, à formação da auto-consciência e sentimento que a criança tem de pertencer a um ou a outro sexo.

Desde muito cedo, talvez pelo fato de serem cuidadas por uma pessoa do mesmo gênero, as meninas se sentem menos diferenciadas que os meninos e, segundo a teoria psicanalítica, mais contínuas e relacionadas com o mundo objetal externo e também como diferentemente orientadas ao seu mundo objetal interior. Em consequência, os relacionamentos e as questões de dependência/independência são vivenciadas de forma diferente por meninas e meninos.

Para os meninos, separação e individuação se encontram vinculadas à identidade de gênero, uma vez que a separação da mãe é essencial para o desenvolvimento da masculinidade. Já para as meninas, as questões de feminilidade ou identidade feminina não dependem da consecução da separação da mãe ou do processo de individuação.

Em nosso entendimento, convém ressaltar que essas experiências não significam que as mulheres tenham fronteiras do ego “mais fracas” que os homens; pelo contrário, tudo indica que as meninas saem desse período com uma base para a “empatia”, inserida na sua definição primária do *eu*, de um modo como não acontece com os meninos.

Essas diferenças de sexo na formação da personalidade acontecem no início da vida da criança e recebem uma grande influência dos chamados jogos infantis. Uma relação entre jogos e brincadeiras comumente vivenciadas em nosso meio e a formação da identidade de gênero pelas crianças serão o que focalizaremos a seguir.

III. JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS - uma possível influência na formação da identidade de gênero

Jogos infantis, recreação, competições, representações... significam qualquer atividade que proporcione prazer e tenha significado para quem com ela se envolva no processo de desenvolvimento e no processo de ensino/aprendizagem.

Sabemos que a criança brinca porque a brincadeira é agradável em si (*Bettelheim*, 1988 e *Piaget*, 1990). *Huizinga* (1993) também nos afirma que a atividade lúdica tem o poder especial de fascinar aqueles que com ela

se envolvem e é definida, basicamente, pela alegria e pelo prazer de sua vivência. A realidade do jogo ultrapassa a esfera da vida humana.

O jogo tem como características marcantes, na visão de Huizinga: ser livre ou voluntário, ser sério (ainda que evoque o mundo do faz-de-conta), ser desinteressado, distinto da vida, poder ser repetido e criar uma ordem ao mesmo tempo que é ordem.

O jogo é importante em todas as fases da vida; favorece o processo de desenvolvimento humano numa dinâmica: estimula o processo de estruturação afetivo-cognitiva da criança, socializa criativamente o jovem e mantém o espírito de realização no adulto.

Piaget (1990), grande estudioso do desenvolvimento humano, estudou a importância do jogo no desenvolvimento infantil. Para ele, jogo e imitação, intimamente ligados, caracterizam-se por duas funções: assimilação das coisas ao *eu ou* entre elas, segundo os interesses do eu, e acomodação dos esquemas de ação do sujeito às coisas e modelos anteriores*.

Analisando os tipos de jogos que predominam em cada fase do desenvolvimento intelectual, por ele já caracterizadas, *Piaget* (1990) distingue os seguintes jogos: de exercício, simbólicos e de regras.

a) Jogos de exercício

Muito comuns na faixa etária de 0 a 2 anos, a chamada fase funcional para *Chateau* (1987), e que corresponde à fase sensorio- motora, segundo *Piaget*, tem como um dos exemplos marcantes a brincadeira do chocalho jogado pelo bebê para fora do berço, apanhado pela mãe e a ele devolvido, inúmeras vezes. A persistente repetição contribui para um fantástico aprendizado, afirma *Bettelheim* (1987) - o bebê se apercebe podendo influenciar o meio objetivo, afirmando a sua vontade em segurança, renunciando, temporariamente, ao controle de seus pertences, sem com isso perdê-los, tendo, enfim, uma identidade.

O autoconhecimento em construção manifesta-se também na forma de brincar, que evolui do fechar os olhos para o virar a cabeça, para fazer as coisas desaparecerem do seu campo de visão (coisas desagradáveis ao bebê) e, quando a fala se desenvolve, evolui para a emissão da palavra “não” (conceito formado a partir dessas reações).

* Assimilação = tornar uma coisa semelhante a mim. O mundo externo é assimilado pelo interno; mas a parte do mundo que não assimilamos é aquela na qual nos acomodamos. Daí acomodação = situação em que saio de mim mesmo e entro no mundo/modelo externo.

O jogo do esconde-esconde também é freqüente em crianças nessa fase a tem o seu valor na formação da noção de que há coisas/pessoas que desaparecem, fogem do seu campo de visão, mas não para sempre.

Contribui para o estabelecimento da individualidade, formação da imagem corporal, para o autoconhecimento, a brincadeira “O gato comeu”:

“Dedo mindinho, seu vizinho, maior de todos, fura-bolo, cata-piolho. Com as crianças no colo ou numa cacadeira, toma-se uma de suas mãos e começa dizendo ‘dedo mindinho’, segurando o dedo mínimo, seguindo em ordem até o ‘cata-piolho’, o polegar, segurando carinhosamente cada dedo por vez. Ao terminar retoma-se ao dedo mínimo e pergunta-se um dedo por vez: ‘cadê... (comida)... que estava aqui.’, ‘o gato comeu’, responde a criança; ‘cadê’ (comida)... que estava aqui?’”, o gato comeu’... e assim vão até o polegar. Então, segurando a criança pela mão, começa-se a ‘andar’ com os dedos indicador e médio pelo antebraço desta, fazendo o papel de gato, dizendo: ‘O gato foi andando por aqui (em direção às axilas), por aqui, parou para fazer xixi (dá uma paradinha), continuou por aqui, por aqui, parou para descansar (outra paradinha). O gatinho foi andando por aqui por aqui e (fazendo cócegas nas axilas) fez quiuquiu... quiuquiu... ““

(Leite e Esteves, 1995, p. 94)

b) Jogos simbólicos

Predominantemente dos 2 aos 6/7 anos, correspondendo à fase pré-operatória descrita por Piaget, evoluem os jogos de assimilações simbólicas simples às mais complexas, passando por várias combinações.

Aos 2 anos, a criança ao brincar de casinha, por exemplo, vale-se de objetos tais como caixas de papelão, papéis e palitos, para representar móveis, utensílios domésticos e pessoas da família. Aos 4 anos, os personagens e objetos ampliam-se e, aos 6 anos, as cenas representadas e objetos utilizados já se encontram bem próximos do real. Afirma-nos Piaget (1990, p. 177):

... a assimilação simbólica é cada vez menos deformante e aproxima-se, pois, cada vez mais da simples reprodução imitativa... o símbolo lúdico evolui no sentido de uma simples cópia do real, ficando os temas gerais meramente simbólicos e propendendo os detalhes das cenas e das construções para a acomodação precisa e mesmo, com freqüência, para a adaptação propriamente inteligente”.

c) Jogos de regras

No jogo a criança aprende a assumir o papel do outro e começa a se ver pelos olhos de outrem. Aprende o respeito às regras e vem a entender como as regras podem ser cumpridas, extrapolando o aprendizado para a vida real.

Crianças de 7 a 12 anos “adoram” os jogos de regras: brincadeiras gráficas como “Macaco”, “Triângulo”, “Gude”, “Enfinca ou fura-pé”; jogos de correr como “Pega-pega”, “Barra-manteiga” e “Corrida de saco”; brincadeiras de habilidade com o corpo como “Elástico”, “Pau-de-sebo”, “Capoeira” e o universal futebol, dentre outros esportes como a natação, o judô, o karatê, etc.

A essa altura, a identidade está em fase final de construção, devendo, contudo, se afirmar. E temos assim o predomínio nesses jogos (mas não a exclusão) de meninas brincando mais com meninas e meninos brincando mais com meninos.

Por fazerem alusão explícita a estereótipos sexuais, na trajetória do lúdico, merecem destaque as cantigas e brincadeiras de roda.

Algumas revelam padrões historicamente esperados das mulheres: caladas, corpo bem feito e dotadas das chamadas “prendas domésticas”:

*“Menina, minha menina,
carocinho de dendê,
se queres casar comigo
cala a boca e deixa vê”.*

*“Essas meninas de agora
todas querem se casar
botam panela no fogo
mas não sabem temperar”.*

*“Menina, minha menina
cinturinha de retrós
dá um pulo na cozinha
vai fazer café pra nós “.*

*“Venha cá, ó pequenina,
aprender a cozinhar,
a andar bem elegante
para poder se casar”.*

A brincadeira de roda “La Condessa” termina com os versos:

“... Entre aqui, ó minha filha, sente aqui neste lugar, para aprender a coser, para aprender a bordar, que do céu lhe há de vir uma agulha e um dedal. O dedal será de ouro, a agulha será de prata, palmatória de marfim, para mãos de alfinim”.

(A Condessa então dá um bolo na mão da menina que, ao repetir a brincadeira, fará o seu papel).

Outras acentuam o desejo do homem em ter a exclusividade do bem querer da mulher:

*“Menina, minha menina,
Caroço de jericó
Queira bem a todo mundo
Namore comigo só”.*

*“Menina por Deus te peço,
por Deus torno a te pedir,
no colo que eu me deitar
não deixa outro dormir”.*

Ensinam a menina a sonhar com o “príncipe encantado”, com o casamento:

*“A linda Rosa juvenil, juvenil, juvenil
Vivia alegre no seu lar, no seu lar.
Mas uma feiticeira má, muito má, muito iná,
Adormeceu a rosa assim, bem assim, bem assim.
Não há de acordar jamais, nunca mais, nunca mais,
O tempo correu a passar, a passar, a passar,
E o mato cresceu ao redor, ao redor, ao redor,
Um dia veio o lindo rei, lindo rei, lindo rei,
E despertou a Rosa assim, bem assim, bem assim”.*

Em “Moça da varanda”, um trio assume o papel de pretendente, da jovem a do pai que, alternadamente, cantam suas partes:

*“Bom dia, boa tarde moça da varanda,
Meti pai não está em casa, o senhor vá se retirando.
Bom dia, boa tarde moça da varanda,
Meu pai já está em casa, o senhor vá se assentando.
Eu não quero me sentar, vim falar particular
Que particular é este que não pode se assentar?
Vim pedir a vossa filha para comigo casar.. “*

*“Você gosta de mim, ô fulana
eu também de você, ô fulana
vou pedir a seu pai, ô fulana
para casar com você, ô fulana.
Se ele disser que sim, ô fulana
tratarei dos papéis, ô fulana*

*Se ele disser que não, ô fulana
morrerei de paixão, ô fulana.
Palmas, palmas, palmas, ô fulana
pés, pés, pés, ô fulana
roda, roda, roda, ô fulana
abraçarei a quem quiser, ô fulana.”*

Outras cantigas estabelecem a propriedade ou posse da mulher por um homem no decorrer de sua vida: o pai, o irmão e, enfim, aquele que vai ser o seu senhor na adultidade:

<p><i>“Teresinha de Jesus de uma queda foi ao chão acudiram três cavaleiros, todos de chapéu na mão. O primeira foi seu pai. O segundo, seu irmão. O terceiro foi aquele Que Teresa deu a mão”</i></p>	<p><i>“Menina, de saia branca, lencinho da mesma cor, menina, dize a teu pai que eu quero o teu amor. Menina, teu pai é Pobre tua mãe não tem o que dar; menina, casa comigo que te dou teu enxová”.</i></p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Há cantigas de roda que retratam situações de submissão da mulher: depois de uma briga, a “mulher” nem se queixa, e, pelo contrário, se refaz e perdoa o adversário, chegando até a ir procurá-lo quando sabe que o mesmo ficou doente. Diante da visita, o amado “desmaia” (quem sabe, um desmaio simulado) e a mulher cai em prantos, provavelmente por se sentir culpada diante da situação!

*“O cravo brigou com a rosa
debaixo da uma sacada,
o cravo saiu ferido
e a rosa despedaçada.
O cravo ficou doente,
a rosa foi visitar,
o cravo deu um desmaio
e a rosa pôs-se a chorar”.*

Os meninos também são bombardeados com mandatos que moldam a sua masculinidade. Além dos que aparecem acompanhados dos que se referem à identidade feminina, lembramos da marchinha bem conhecida:

*“Marcha, soldado,
cabeça de Papel,
se não marchar direito
vai preso pro quartel”.*

Voltando às brincadeiras, *Leite e Esteves* (1995) lembram algumas vividas, particularmente pelos meninos, carregadas de agressividade e estimuladoras de força, de sagacidade e de esperteza (qualidades esperadas da condição masculina):

“Tirar o selo:

Sapato novo? Com um pisão nele, ‘tira-se o selo’ do sapato do amigo, de preferência, deixando uma marca impressa e o aspecto de já ter alguns quilômetros rodados”.

“Cortou o cabelo e não me avisou:

Acompanhando esta frase, vem sempre um certo e indesejável tapa na cabeça (melhor quando se pega pela nuca) dado pelo amiguinho que, por não ter sido avisado do fato em questão, cobra dessa forma o esquecimento da vítima. Para que tal não aconteça, aconselha-se avisar ‘cortei o cabelo”.

“Peba:

Um tapa com os dedos unidos, que estale na testa, é o preço pago por estar ligeiramente distraído”.

“Telefone:

No mesmo estilo da peba, o telefone é dado com as mãos em concha aos ouvidos do companheiro, pelas costas, provocando um longo zumbido que pode se prolongar durante o dia inteiro: ‘melhora a acuidade auditiva”.

“Aqui na Bahia:

Cantando o refrão Aqui na Bahia ninguém fica em pé, só fica eu e a minha mulher’, os participantes aplicam rasteiras uns contra os outros e... salve-se quem puder”.

(op. cit., p. 142-143)

Na cantiga de roda “Eu sou *pobre, pobre, pobre*”, sempre que se interroga “*que ofício darás a ela ou ele?*”, aparecem, ainda hoje, as funções de professora, cozinheira, costureira... para as meninas e as de médico, advogado, engenheiro, empresário... para os meninos!!!

A brincadeira “*Cavalo de pau*” constitui-se em um outro bom exemplo. Consiste em fazer de um cabo de vassoura, ou pedaço qualquer de madeira, um cavalo imaginário no qual o galope e o cavaleiro são livres. Em geral, os personagens são o índio, o vaqueiro, o cowboy, o xerife, o bandido... Difícilmente as meninas se envolvem nessa forma de brincar; muitas vezes até porque são proibidas, afinal, “não fica bem para garotas, participarem desse tipo de combate, ainda mais tendo algo entre as pernas”!!!

Mas, ao fazer essa reflexão sobre o lúdico e sua influência na construção da identidade de gênero, vale ressaltar que, acima de tudo, as brincadeiras devem sempre existir e serem mesmo incentivadas, pelo seu inquestionável valor de incluir tradição, movimento e respeito ao outro, num poderoso processo de socialização e de vida.

IV. CONCLUINDO... POR ENQUANTO

Fazendo uma trajetória sobre o processo de construção da identidade de uma pessoa, esse ensaio procurou mostrar como o lúdico, associado à educação e à cultura, vem reforçando os estereótipos e os papéis sócio-sexuais tendenciosos sobre o feminino e o masculino, incentivando a dependência e a inferioridade nas meninas e a independência e a superioridade nos meninos.

Bonecas, panelinhas e casinhas, para as meninas... soldadinhos, bolas e metralhadoras, para os meninos... Meninas têm brincado mais dentro de casa sob a vigilância dos mais velhos, repetindo as atividades de dona-de-casa... enquanto as brincadeiras para os meninos têm sido, frequentemente, em espaço aberto: a bola, a arraia, a conquista... Os heróis da literatura infantil apresentam as meninas assumindo papel reservado, sendo protegidas e “salvas” pelo sexo masculino, que por sua vez assume figuras fortes e ousadas. Até quando os animais são humanizados, as fêmeas tomam chá, conversam e brincam com bonecas a os machos, predominantemente, vivem em aventuras...

Nessa conjuntura, acreditamos, é preciso *crescer* para vencer o “*menina não pode*”, “*menina não entra*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BETTELHEIM, B. *uma vida para o seu filho: pais bons o bastante*. São Paulo, Campus, 1988. Cap. 13 - Construindo a identidade. Cap. 14 - Brincadeira: ponte para a realidade. Cap. 15 - Compreendendo a importância da brincadeira. Cap. 16 - Brincadeira como solução de problemas, p. 127-178.
2. BOADELLA, David. *Correntes da vida - uma introdução à biossíntese*. São Paulo, Summus, 1991. Introdução. Cap. 1 - Expressão emocional e corpo. Cap. 2 - Centring, Grounding, Facing. Cap. 3 - A formação antes do nascimento. Cap. 4 - Parto a chegada. Cap. 5 - Cabeça, coração e hara. Cap. 6 - Ondas respiratórias, p. 9-89.
3. CHATEAU, J. *O jogo e a criança*. São Paulo, Summus, 1987. Introdução - Por que a criança brinca?, p. 13-33 e Conclusão - Papel pedagógico do jogo, p. 124-138.

4. HUIZINGA, John. *Homo ludens*. São Paulo, Perspectiva, 1993. Cap. L - Natureza e significado do jogo como fenômeno cultural, p. 3-32.
5. KELLEMAN, Stanley. *Anatomia emocional - a estrutura da experiência*. São Paulo. Summus, 1992, p. 176.
6. LAPIERRE, André e AUCOUTURIER, Bernard. *Fantasma corporais e prática psicomotora*. São Paulo, Manole, 1991. Introdução. Cap. 1 - A falta: fusionalidade e identidade. Cap. 2 - O corpo na instituição escolar, p. 1-52.
7. LEITE, Disalda e ESTEVES, Acúrsio. *Pedagogia do brincar: jogos, brincadeiras e brincadeiras da cultura lúdica infantil*. Salvador, 1995, p. 228.
8. MONEY, J. & TUCKER, P. *Os papéis sexuais*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
9. PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança. Imitação, jogo e sonho. Imagem e representação*. 3ª ed. Rio de Janeiro, LTC. 1990. Primeira parte: A gênese da imitação. Introdução, Cap. 1, II e III. Segunda parte: O jogo. Cap. IV, V, VI e VII, p. 9-276.
10. WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975. Cap. I - Objetos transicionais e fenômenos transicionais, p. 13-44. Cap. III - O brincar - uma exposição teórica. Cap. IV - O brincar - a atividade criativa em busca do Eu (Self), p. 59-94.

Trabalhos
de
Pesquisa

Zoofilia e raiva.
Estudo de um caso de
infecção pelo rabidovírus,
adquirido através de
comportamento parafílico

1

Sérgio José Alves de Almeida*
Diderot Rodrigues Parreira**
Naila Alves***

RESUMO

O presente estudo de caso foi realizado na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP).

Em março de 1997, deu entrada no Hospital de Base, paciente masculino, 26 anos, trabalhador rural, apresentando como queixa principal dificuldade para engolir há mais ou menos seis dias. O quadro clínico apresentava disfagia progressiva, sialorréia abundante, hidrofobia, acrofobia e alterações de comportamento cursando com agressividade e nervosismo. Os dados da avaliação neurológica acrescidos da história sexual (zoofilia) levaram a hipótese diagnóstica de um quadro de raiva. O óbito ocorreu seis dias após a internação, aparecendo edema cerebral de causa não esclarecida como *causa mortis*.

* Professor adjunto doutor da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP).

** Terceiranista da graduação da FAMERP.

*** Terceiranista da graduação da FAMERP.

Recebido em 13.09.97

Aprovado em 26.09.97

Amostras enviadas ao *Instituto Pasteur* onde foi realizado a imunofluorescência direta, tiveram resultados positivos para o antígeno rábico, fechando o diagnóstico.

INTRODUÇÃO

Zoofilia constitui um termo alternativo para Zoorastia (do grego *zoon* = *animal* e *erastes* = *amante*) e indica excitação ou satisfação sexual através do contato com um animal (Goldenson e Anderson).

Essa forma de relacionamento é freqüente nas áreas rurais a pequenas comunidades, fazendo parte do cotidiano de muitos jovens pré-púberes e adolescentes.

A raiva (do latim *rabies*), também denominada hidrofobia, é uma moléstia infecciosa aguda, causada por um vírus neurotrópico que determina quadro característico de encefalomielite. Todos os animais de sangue quente são susceptíveis ao vírus da raiva, mas os canídeos são os que mais freqüentemente as transmitem ao homem através de mordeduras.

O caso em questão foi estudado na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP) em seu Hospital de Base a envolve um paciente do sexo masculino, adulto, que foi a óbito após haver contraído o vírus da raiva através de zoofilia.

RELATO DO CASO

I - Identificação

A. F. S., masculino, 26 anos, branco, solteiro, trabalhador rural, procedente de Avanhandava.

II - Queixa Principal

Dificuldade para engolir há mais ou menos seis dias.

III - História Progressiva Moléstia Atual

Paciente refere que vinha bem até há aproximadamente 12 dias, quando passou a apresentar dor de forte intensidade no braço esquerdo que se irradiava para o hemitórax do mesmo lado. Concomitantemente hipoestesia e dificuldade para conciliar o sono.

Sem queixas de cefaléias, tonturas, vômitos ou desmaios.

Há mais ou menos seis dias teve início quadro de disfagia progressiva, acompanhada por sialorréia abundante, hidrofobia a alterações de comportamento, como agressividade a nervosismo.

Há mais ou menos dois dias procurou serviços médicos em sua cidade de origem, permanecendo internado, mas não obtendo qualquer melhora. Foi então transferido aos serviços do Hospital de Base de São José do Rio Preto. Acompanhantes referem espasmos musculares involuntários, principalmente na face.

IV - Informações Pesquisadas

Nega febre, tosse, dispnéia ou cefaléia;
Refere a emagrecimento e indisposição geral;
Nega dor abdominal e alterações intestinais;
Nega náuseas, vômitos e icterícia;
Nega alterações urinárias;
Nega lombalgias e artrites;
Refere parestesias e insônia.

V - Exame Físico

PC: 100 bpm; PA: 130X80; 51 quilos; 1,77 cm.

Paciente em REG, agitado, orientado no tempo e espaço, consciente, acianótico, aniquitérico, afebril, corado, hidratado e emagrecido.

Pulmões MV mantido bilateralmente, sem ruído adventício.

Pecórdio RDR sem sopro

BNF

Abdômen - plano, tenso (contração do músculo reto abdominal), sem víceromegalias e RHA positivo.

VI - Exame Neurológico

Presença de espasmos musculares;
Ataxia de marcha;
Arreflexia generalizada;
Agitação psicomotora;
Presença de rigidez de nuca.

VII - História da Vida Sexual

Paciente refere manter relações sexuais com animais, basicamente cachorros, havendo diversidade de animais.

VIII - Hipótese Diagnóstica: RAIVA

DISCUSSÃO

Uma vez estabelecido o quadro clínico, não existe tratamento específico, ocorrendo o óbito alguns dias após a internação hospitalar. Como causa mortis aparece edema cerebral de causa não esclarecida.

A necropsia realizada pelo Serviço de Verificação de Óbito (SVO) da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP), na tentativa de confirmar o diagnóstico de Raiva sugerido pelo quadro clínico, nos forneceu como achados macroscópicos edema cerebral difuso e herniação de amígdalas cerebelares. A microscopia revelou congestão passiva generalizada.

Amostras de cérebro, cerebelo, medula espinhal e bulbo foram enviadas ao Instituto Pasteur onde foi realizada a imunofluorescência direta a fim de pesquisar o antígeno rábico. O resultado em todas as amostras foi positivo, fechando portanto o diagnóstico de raiva.

BURDMANN e TIRIBA (1995) nos trazem: "A inoculação traumática pela mordedura é o mecanismo habitual. Entretanto, em cerca de um terço da casuística, falta a referência de mordedura. Imagina-se, nessas condições, outra forma de exposição à principal matéria contaminante, a saliva: contato bestial (zoofilia), beijos, alimentação boca a boca, aerosol de partículas atmosféricas de alta densidade viral, infecção laboratorial, acidental vacinal, contato com morcegos e outros animais silvestres".

RODRIGUES JR. (1995) analisa muito bem as relações zoofílicas existentes entre adolescentes e adultos jovens com animais domésticos como cães, galinhas, éguas, porcas etc.

FUCS (1985) já havia abordado o tema quando analisa comportamento sexual em área rural.

No presente estudo o paciente relata manter contatos sexuais com cachorros, vários deles, mas não informa exatamente a maneira como estes aconteciam (oral, penetrativo ativo ou passivo, masturbatório, etc.).

Não há qualquer indicação durante sua permanência em hospital de que haja relatado ataque por parte de qualquer dos animais ou haver sofrido alguma forma de mordedura.

Os cães envolvidos, que puderam ser identificados, foram retidos em observação.

De acordo com os conceitos teóricos sociais o paciente também provinha de área rural, não tendo companhia fixa.

Reuniões interdisciplinares realizadas na FAMERP concluíram que o contágio se deu através do contato sexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMATO Neto, V.; BALDY, J. L. *Doenças transmissíveis*. São Paulo, Sarvier, 1989.
2. BURDMANN, L.; TIRIBA, A. *Raiva humana, compacta infectológica*, n° 8, 1996.
3. FUCS, G. Por que o sexo é bom? Espaço a Ternho, Rio de Janeiro, 1985.
4. GOLDENSON. R.; ANDERSON, R. *Dicionário de sexo*, Ática, São Paulo, 1989.
5. RODRIGUES JR., O. M. *Psicologia e sexualidade*. MDSI, Rio de Janeiro, 1995.
6. VERONESI, R.; FOCACCIA, R. *Tratado de infectologia*. São Paulo, Atheneu, 1996.

Pretendeu-se também verificar se existe associação significativa entre as variáveis independentes: idade, conhecimento sobre métodos contraceptivos, possibilidade de engravidar durante a menstruação, medo de adquirir AIDS, sexo feito como amor, amor dos pais como exemplo, atividade sexual, grau de instrução.

Essa verificação foi possibilitada pela aplicação de um instrumento em 101 adolescentes na faixa etária de 14 a 20 anos residentes na cidade de Passo Fundo.

Os dados são apresentados em tabelas e gráficos e examinados através de análises estatísticas computadorizadas, utilizando porcentagem e teste paramétrico (qui-quadrado), e foi obtido o seguinte resultado: não houve associação significativa entre as variáveis estudadas.

Diante dos resultados encontrados deduziu-se ser de grande utilidade a aplicação dos conhecimentos adquiridos para melhorar as atividades práticas nas quais, iremos prestar assistência em serviço de atendimento a adolescente e no ensino de enfermagem.

Unitermos:

- Adolescência
- Sexualidade
- Saúde reprodutiva
- Educação sexual

INTRODUÇÃO

Mediante bibliografia estudada anteriormente e mediante resultados obtidos em pesquisa realizada por outros profissionais, deduziu-se ser de grande utilidade a aplicação dos conhecimentos adquiridos para melhorar os cuidados de enfermagem prestados ao adolescente.

Durante o exercício da profissão deparamos seguidamente com adolescentes que se queixam das transformações causadas em seu corpo na adolescência, bem como a pouca aceitação das mesmas no que se refere a essas mudanças.

Por outro lado, os pais e educadores queixam-se de que não sabem como lidar com seus filhos e educandos durante esse período. As queixas principais são com relação à sexualidade dos jovens e adolescentes.

“Nos tempos atuais a ascensão social e profissional da mulher começa a provocar mudanças de atitudes até então passivas, para um comportamento de maior iniciativa e preocupação com orgasmo,

algo semelhante ao aprisionamento do homem à excessiva preocupação com o desempenho na e circunstante frequência na atividade sexual. Os jovens que se mostram mais tranqüilos desenvolvem através do namoro uma maior capacidade de envolvimento emocional superando inseguranças e desenvolvendo facilidades no dar e receber amor, ingrediente fundamental para seu crescimento e auto-estima” COSTA (1991) (3).

Isso posto, são válidas as seguintes proposições:

- desenvolver programas de educação e orientação às adolescentes, incluindo as necessidades que se referem à sexualidade;
- prestar cuidados às necessidades psicossociais das adolescentes, além das necessidades biológicas, para que elas possam ajustar-se melhor a sua sexualidade adulta;
- implantar um programa de educação da adolescente, em que sejam enfocados aspectos de ordem fisiológica e psicológica do desenvolvimento sexual da adolescente com o objetivo de uma mudança comportamental positiva de aceitação do próprio corpo e suas modificações, diminuindo, assim, os sentimentos de ansiedade em relação a sua sexualidade.

Quanto ao ensino, podem-se aplicar os conhecimentos adquiridos na realização desse estudo no sentido de:

- orientar os alunos para que eles adquiram a capacidade de cuidar do adolescente como ser complexo, com necessidades biopsicossociais, em vez de encaminhá-los para desenvolver tarefas isoladas e desprovidas de objetivos e significados na prestação de cuidado à adolescente;
- focar aspectos da psicologia da adolescência: deverão ser trabalhos nos aspectos referentes aos sentimentos em sexualidade, incluindo, nos planos de ensino, conteúdos sobre conceito, desenvolvimento e necessidades sexuais.

Para tanto propõe-se a realização deste estudo que subsidiará as ações acima propostas.

REVISÃO LITERÁRIA

Revisão de conceitos

A palavra “adolescer” vem do latim e significa crescer, engrossar, tornar-se maior, atingir a maioridade.

A palavra puberdade vem do latim pubis a significa penugem, pêlo (TIBA, 1986) (11).

Revisando-se a literatura encontramos vários autores que descrevem os fenômenos ou mudanças que ocorrem no indivíduo durante essa fase de sua vida. Verifica-se em TIBA (1986) (1 1) que: “Dos seres vivos, os humanos são os únicos que vivem a adolescência como uma importante etapa de desenvolvimento... O corpo cresce, novas sensações sexuais surgem, a mente se desenvolve, o ambiente se modifica, a qualidade das sensações afetivas e sexuais se transformam. Tudo isso provoca no jovem uma série de crises que vão tendo de ser superadas uma a uma, com maior ou menor dificuldade, sem o que o desenvolvimento natural é dificultado”.

Para COSTA (1991) (3) “A adolescência é um fenômeno psicossocial, cujas manifestações variam ou dependem do momento histórico e da sociedade em questão. Pode ser entendida como o período que se situa entre a maturidade biológica, que é constatada nas modificações anatômicas e fisiológicas responsáveis pela adaptação frente à imagem corporal e a maturação sexual, desperta da inserção sócio-profissional, período de elaboração de novos valores e num itinerário cheio de ciladas, onde a meta ou objetivos representam essencialmente uma conquista e uma reivindicação de independência nos planos psico-afetivo, sexual e econômico”.

Diz também ANDRADE (1991) (2) “Para a compreensão do fenômeno da adolescência, que é caracterizado por fatores biológicos e psicológicos no indivíduo atravessando essa fase de desenvolvimento, é necessário também que sejam observadas as questões econômicas e sócio-culturais

Todo o comportamento adolescente, a sua sexualidade, a sua vida enfim, está diretamente relacionada com a cultura e com o sistema sócio-econômico da comunidade onde vive. Para que se possa propor qualquer tentativa de melhoria de vida do nosso adolescente brasileiro, no sentido de valorização de sua vida, é fundamental que se saiba o seu pensamento, as suas necessidades. Com relação à sexualidade, deve-se conhecer a experiência e educação sexual. O uso ou não de métodos contraceptivos, o conhecimento e exposição às doenças sexualmente

transmissíveis e a sua sexualidade. Em relação a esse aspecto, RIBEIRO (1990) (7) diz que:

“Admitimos que é de competência de todo o profissional enfermeiros (seja atuante em pediatria, psiquiatria ou qualquer outra especialidade) prestar assistência integral ao paciente, incluindo a abordagem sexual, já que a sensualidade independe das fases de desenvolvimento do homem, existindo desde o nascimento até a morte. Não basta, entretanto, estender ao enfermeiro a função de educador sexual sem antes lhe oferecer condições para se aperfeiçoar, diminuindo, assim, o risco de que este novo papel venha a incorrer no erro de exercer atitudes doutrinadoras e reprodutivas da moral vigente”.

Nesse sentido a psiquiatra e sexóloga FUCS (1984) (4) ressalta a importância de os profissionais que trabalham com o comportamento humano se esclarecerem e se conhecerem, devendo ter sua sexualidade bem formada e estruturada, questionando as influências da moral dominante, pois o conhecimento de si próprio deve preceder o trabalho com o outro.

O psicólogo Garcia (apud RIBEIRO 1990) (7) parte do pressuposto de que não é necessário ser sexólogo para influir nos conhecimentos de condutas do paciente. Recomenda a participação do enfermeiro para exercer certas funções, por considerar que a relação estreita entre este elemento e o paciente facilita uma educação à saúde que inclua o componente sexual. O autor não crê que essa abordagem seja património exclusivo desse profissional, cabendo estendê-la a outros profissionais, evitando, assim, um enfoque exclusivamente biológico, inadequado à saúde global do cliente, por não atender os aspectos emocionais e afetivos.

Segundo MARCONDES (1993) (6):

“Adolescência constitui a títinta fase do período de crescimento e desenvolvimento do ciclo vital caracterizando-se por marcantes transformações anatômicas e fisiológicas que culminam no corpo adulto com plena capacidade de reprodução”.

OBJETIVOS

Gerais

Identificar as características da sexualidade da adolescente de Passo Fundo. Qualificar a formação de recursos humanos em Enfermagem para assistência à sexualidade da adolescente,

Específicos

Determinar o perfil de sexualidade da adolescente de Passo Fundo.
Avaliar o conhecimento da adolescente em relação a sua sexualidade.

Oportunizar ao acadêmico de enfermagem a investigação de características que permitam melhorar a assistência à sexualidade da adolescente.

Contribuir para a implantação de programas de educação sexual às adolescentes.

Subsidiar a criação de um Centro de Referência Biopsicossocial ao Adolescente.

HIPÓTESES

Tendo em vista que a sexualidade é influenciada por diversos fatores, na adolescência, como se verificou na literatura, formularam-se as seguintes hipóteses:

H_0

Não existe associação significativa, ao nível de 0.05, comparando:

1. o conhecimento da adolescente sobre os métodos contraceptivos nas diversas faixas etárias;

2. o conhecimento da adolescente quanto à possibilidade da mulher engravidar durante o período menstrual, nas diversas faixas etárias;

3. o medo da adolescente, quanto à possibilidade de contrair AIDS, nas diversas faixas etárias;

4. a opinião da adolescente, quanto à necessidade do sexo ser feito com amor, nas diversas faixas etárias;

5. a opinião da adolescente, quanto a terem o amor de seus pais como exemplo nas diversas faixas etárias;

6. o fato de a adolescente ter tido relação sexual, nas diversas faixas etárias;

7. o conhecimento da adolescente, quanto à possibilidade de a mulher engravidar durante o período menstrual, nos diversos graus de Instrução;

8. o medo da adolescente, quanto à possibilidade de contrair AIDS, nos diversos graus de instrução:

9. a opinião da adolescente quanto à necessidade de o sexo ser feito com amor, nos diversos graus de instrução;

10. a opinião da adolescente quanto a terem o amor de seus pais como exemplo, nos diversos graus de instrução;

11. o conhecimento das adolescentes sobre os métodos contraceptivos, nos diversos graus de instrução;

12. o fato de a adolescente ter tido relação sexual nos diversos graus de instrução.

METODOLOGIA

População estudada

A população estudada foi constituída por adolescentes de 14 a 20 anos que freqüentam instituições públicas e particulares do ensino de primeiro e segundo graus de Passo Fundo, e da Universidade de Passo Fundo. A escolha desses estabelecimentos de ensino deu-se pelo fato de abrangerem as adolescentes de todos os graus de instrução necessários para este trabalho. A amostra totalizou 101 adolescentes.

Amostra

Para amostra deste trabalho foram selecionadas 101 adolescentes das seguintes instituições: Universidade de Passo Fundo a Faculdade de Educação Física; dos cursos de Pedagogia, Enfermagem, Ciências Biológicas, Desenho e Plástica; adolescentes da Escola Estadual de Primeiro Grau Protásio Alves: oitava série (noturno); do Gama Supletivo de segundo grau; e dos cursos pré-vestibular: Universitário, Garra e Unificado.

Instrumento

O instrumento para a coleta de dados consiste num questionário que foi elaborado com base na prática profissional, na literatura consultada (LESMO, et. al. (1990) (5); ALVES, FERREIRA e RODRIGUES (1991) (1); SANCHES, TEIXEIRA e RODRIGUES (8) (1991), na opinião de adolescentes consultadas mediante a aplicação de um questionário (anexo 2). Foi também pesquisada a opinião de especialistas (médicos, enfermeiros, psicólogos e pedagogos), mediante a aplicação de questionário próprio (anexo 3).

O instrumento é composto por orientações iniciais para o preenchimento do mesmo; e de questões relacionadas com o comportamento sexual, impressões sobre educação, expectativas de namoro, casamento e início

de atividade sexual, desejos, excitações e orgasmo, incidência de doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, uso de drogas, conhecimento sobre reprodução humana; além da opinião das adolescentes sobre o amor e o sexo, masturbação e sexo oral.

Validade e fidedignidade

Com a finalidade de validar o conteúdo do instrumento inicial da pesquisa foi encaminhada uma cópia do mesmo a vários profissionais de diferentes especialidades, como: enfermeiros, médicos, psicólogos e pedagogos. Procurou-se, então, uma reformulação dos itens. Conforme as sugestões colhidas. Posteriormente o instrumento foi testado no plano piloto para se determinar a possível ocorrência de problemas quanto ao entendimento do sentido dos itens do formulário por parte das adolescentes. Após essa aplicação prévia e feita a correção necessária, o questionário foi, então, elaborado em sua forma definitiva.

Procedimentos

Os dados do presente trabalho foram obtidos através da aplicação do questionário, que foi elaborado para esse fim.

O questionário foi preenchido individualmente pela adolescente que aceitou responder o mesmo. Foi utilizado o espaço vago entre as aulas ou em horário estabelecido para esse fim, nas escolas selecionadas para a coleta de dados.

As aplicações dos questionários foram realizadas pelas autoras do trabalho; e será mantido sigilo sobre a identidade das adolescentes que compõem a amostra. Procurou-se dar privacidade ao ambiente onde as adolescentes responderam ao questionário, para que a presença de outras pessoas não viesse influenciar nas respostas.

Foi esclarecida à adolescente a importância do trabalho, mostrada a seriedade e a necessidade de ela usar a maior exatidão possível nas respostas.

Responderam ao questionário somente as adolescentes que estiveram dispostas a colaborar livremente com o trabalho.

Merecem ser aqui relatadas as dificuldades encontradas na coleta de dados deste trabalho. A princípio havia sido decidido que seriam entrevistadas adolescentes de 12 a 20 anos, em escolas previamente selecionadas onde seriam sorteadas as adolescentes para responderem ao questionário, num total de 200.

Não foi possível realizar a coleta de dados nessas condições, pois houve grande resistência por parte dos diretores e professores das escolas onde havia sido estipulada a coleta. Sentiu-se que seria quase impossível a realização do trabalho, tamanha foi a resistência em relação a temas de sexualidade apresentada pela direção das escolas.

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados são apresentados em tabelas e gráficos e examinados através de análises estatísticas computadorizada, utilizando testes paramétricos (qui-quadrado) e porcentagem.

Análise e discussão dos resultados

As tabelas de 1 a 83 apresentam os resultados das respostas dos questionários aplicados a 101 adolescentes, com o objetivo de se identificar o perfil da sexualidade das mesmas.

Já tratamento estatístico e a análise dos dados foram efetuados a partir das hipóteses estatísticas e teste de significância “qui-quadrado” ao nível de 0.05, entre as variáveis: idade; possibilidade de contrair AIDS; sexo feito com amor; conhecimento de métodos contraceptivos; possibilidade de engravidar durante o período menstrual; terem o amor de seus pais como exemplo; ter tido relação sexual; graus de instrução.

Foi também efetuado o cálculo de porcentagem em todas as 83 tabelas iniciais.

Na impossibilidade de publicar todas as tabelas, selecionou-se as que se pensa serem mais significativas.

Tabela 1a – Idade das adolescentes e seu relacionamento com o conhecimento sobre métodos contraceptivos

Idade	Conhecimento de Métodos		
	Sim	Não	Total
14 — 16	18	3	21
17 — 18	57	2	59
19 — 20	17	4	21
Total	92	9	101

χ^2 não significativo

Não há associação significante, ao nível de 0.05, entre a variáveis: idade e conhecimento sobre métodos contraceptivos.

Observando-se a tabela la, nota-se que das 101 adolescentes que responderam o questionário somente 9 se referiram a não ter conhecimento sobre os métodos contraceptivos. Esse fator é um ponto positivo na educação para a saúde em nossa cidade. Apesar das adolescentes terem referido que conhecem os métodos contraceptivos, vemos na prática profissional que ocorrem muitas gestações indesejadas nessas faixas etárias. Podem-se realizar novas pesquisas para se detalhar a confirmar esses depoimentos a fim de detectar o real nível de informação. Para TAKIUTI (s.d.) (11):

“A questão da anticoncepção para as adolescentes é um problema difícil de ser enfrentado, porque a grande maioria é a favor do método ‘naturalmente nada’. Surpreendidas pelo desejo, algumas delas se deixam arrastar por ele e em seguida esperam temerosas a menstruação, para assegurarem-se de que ‘tudo está bem’, o ‘bem’ significa não estar grávida. Será esta uma iniciação feliz para o amor juvenil?”

Diz o autor:

“Um estudo, coordenado por nós, indicou que dentre 100 adolescentes com atividades sexuais, 23% não conheciam nenhum dos métodos anticoncepcionais, 52% ouviram falar em pílulas, 12% em lavagem, 15% em coito interrompido, 9% em curativos, 5% em DIU, 3% em tabelinha e 6% em laqueadura, sendo que dessas 100 adolescentes apenas 5% utilizavam algum deles. Esses percentuais vêm de encontro dos estudos que indicam que muitas adolescentes hoje engravidam entre a primeira e a quinta relação“.

Não basta à adolescente conhecer os métodos anticoncepcionais para garantir o seu uso. com a sua atividade sexual não é autorizada socialmente, o seu psiquismo produz bloqueios e “esquecimentos” que a levam a não fazer uso adequado do anticoncepcional.

Em nível consciente a adolescente pode até citar vantagens e desvantagens de cada método, mas por falta de maturidade emocional ou sentimento de culpa em relação à sua sexualidade ativa, ela não faz uso deles. Aliado a isso existe o sonho dourado de casar virgem e vestida de noiva; mesmo que diga “não me importo com a virgindade”, no inconsciente existe uma expectativa da lua-de-mel, da noite de núpcias - “bem que gostaria de ser virgem, ainda que já seja mãe”.

Tabela 2a – Idade das adolescentes e seu relacionamento com o medo de adquirir AIDS

Idade	Medo de adquirir AIDS			
	Sim	Não	SR	Total
14 — 16	18	1	2	21
17 — 18	45	7	7	59
19 — 20	16	3	2	21
Total	79	11	11	101

χ^2 não significativo

Não há associação significativa, ao nível de 0.05, entre as variáveis: idade e o medo de adquirir AIDS.

Notes-se que, das 101 adolescentes que responderam o questionário, 79 referem que tem medo de adquirir AIDS; que não, 11; e não responderam também 11, ficando assim fares do teste.

Segundo SUPLICY (1991) (9):

“Pesquisa realizada pelo Centro Materno-Infantil e pela organização americana Center for Disease Control, em 780 jovens de 15 a 24 anos, entre setembro e dezembro de 1988, mostra que os jovens de São Paulo estão mal informados sobre AIDS, e que a maioria acha que não corre risco de contrair a doença. Dos 4.157 casos de AIDS registrados em São Paulo nos últimos nove anos, 15,4% são nesta faixa de 14 aos 24 anos”.

Diz ainda a autora:

“A campanha para os adolescentes é a mais delicada, pois ninguém quer reprimir ainda mais a sexualidade frágil e em processo de descoberta. A informação deverá ser dada alertando concomitantemente para o perigo de promiscuidade e do sexo anal, e do prazer que a sexualidade pode propiciar em vez de levar à morte”.

Tabela 3a – Idade das adolescentes e seu relacionamento com a opinião de sexo ser feito com amor

Idade	Sexo feito com amor				Total
	Sim	Não	Não sei	SR	
14 — 16	15	1	5	—	21
17 — 18	44	—	13	1	58
19 — 20	17	1	2	1	21
Total	76	2	20	2	100

χ^2 não significativo

Não há associação significante, ao nível de 0.05, entre as variáveis: idade e opinião de sexo ser feito com amor.

Observes-se a tabela 4a a notes-se que das 101 adolescentes que responderam ao questionário 76 afirmaram que sexo deve ser feito cam amor, 20 responderam que não sabem, 2 que não e 2 não responderam, ficando assim fora do teste. Notes-se que esse grupo de adolescentes valorizam o aspecto afetividade na sexualidade.

Segundo SUPLICY (1991) (9):

“Escrever um livro sobre sexo e não falar de amor seria como, para um brasileiro, comer arroz sem feijão. Depois que você experimenta esta combinação, um sem o outro fica muito sem graça. Não que não possa ocorrer. Mas sexo com amor passa a ser a procura para quem teve a felicidade de ter esta experiência “.

Ainda pares a autora,

“O sexo com amor propicia ao ser humano uma experiência de amplitude semelhante à de criança no ventre da mãe. Esta busca da unidade, inerente ao ser humano, é insaciável, e só é encontrada durante o breve momento do encontro amoroso “.

Tabela 4a – Idade das adolescentes e seu relacionamento com a opinião de terem o amor de seus pais como exemplo

Idade	Amor dos pais				
	Sim	Não	Não sei	SR	Total
14 — 16	14	3	4	—	21
17 — 18	36	15	7	1	58
19 — 20	9	9	0	3	18
Total	59	27	11	4	101

χ^2 não significativo

Não há associação significativa, ao nível de 0.05, entre as variáveis: idade e seu relacionamento com a opinião de terem o amor de seus pais como exemplo.

Observa-se na tabela 4a que, das 101 adolescentes que responderam ao questionário, 59 responderam que tem o amor de seus pais como exemplo; 27 que não; 11 não sabem; e 4 não responderam. As respostas não sei e as que não responderam ficaram fora do teste.

Encontrou-se esse resultado também na tabela 10a. Não encontrou-se na literatura autor que se referisse ao tema.

Tabela 5a – Grau de instrução das adolescentes e seu relacionamento com o medo de contrair AIDS

Grau de Instrução	Medo de contrair AIDS				
	Sim	Não	Não sei	SR	Total
8ª série	7	—	—	—	7
2º grau					
1ª série	5	—	—	1	6
2ª série	4	—	—	—	4
3ª série	11	4	4	—	19
2º grau completo	16	1	—	2	19
Supletivo 2º grau	16	—	—	1	17
3º Grau					
Nível I	20	6	—	3	29
Total	79	11	4	7	101

χ^2 não significativo

Não há associação significativa, ao nível de 0.05, entre as variáveis: grau de instrução e medo de contrair AIDS.

Observa-se na tabela acima que, das 101 adolescentes que responderam ao questionário, 79 tem medo de contrair AIDS; 11 não tem medo; 4 não sabem; e 7 não responderam. As que não sabem e as que não responderam não entraram no teste.

Esse nível de informação quanto à AIDS deve-se às campanhas de informação sobre a doença, veiculadas nos meios de informação e nas escolas, mediante aulas e palestras sobre o tema. SUPPLY (1991) (9):

“Se pensarmos que 50% dos adolescentes brasileiros da Zona urbana e 61% da Zona rural já tiveram uma relação sexual ao completarem 20 anos, que a AIDS já entrou no grupo heterossexual, que os adolescentes, mesmo quando têm a informação sobre o contágio não se protegem... a orientação sexual, na escola, hoje é uma prioridade no Brasil”.

Tabela 6a – Grau de instrução das adolescentes e seu relacionamento com a opinião de que sexo deve ser feito com amor

Grau de Instrução	Sexo feito com amor				Total
	Sim	Não	Depende	SR	
8ª série	4	–	2	1	7
2º grau					
1ª série	3	–	3	–	6
2ª série	3	–	1	–	4
3ª série	15	1	3	–	19
2º grau completo	13	1	5	–	18
Supletivo 2º grau	12	1	4	–	17
3º Grau					
Nível I	26	–	2	1	29
Total	76	3	20	2	101

χ^2 não significativo

Não há associação significativa, ao nível de 0.05, entre as variáveis: grau de instrução e se sexo deve ser feito com amor.

Nota-se que a maioria das adolescentes, 76, referiu que sexo deve ser feito com amor, 3 que não, 20 que depende e 2 não responderam. As 22 adolescentes que responderam que depende e sem resposta foram excluídas do teste.

RIBEIRO (1990) (7) em seu trabalho *A ideologia* reproduzida na abordagem da sexualidade humana: uma análise do discurso de estudantes de enfermagem, relata que “o binômio” sexo-afeto (ou amor)

“foi apresentado como unidade e contrários, sendo unidade quando julgavam que a satisfação plena de um depende da manifestação do outro; sendo contrários, quando consideravam suas existências independentes uma da outra. Convencionalmente o contrário de amor é ódio. Deste modo, poderíamos associar o sexo ao ódio, mas, conforme o discurso das estudantes, o sexo está associado, em determinados momentos, ao sentimento de indiferença. Em outras palavras, podemos amenizar o termo ódio significando indiferença, e teremos assim o binômio ‘indiferença-afeto’. Como o tema em discussão é a relação sexual, então, os opostos formados dizem respeito às práticas sexuais com ou sem afeto.

Toda relação, seja ela sexual ou não, é dinâmica; portanto, defini-la ‘o que é’, ou ‘como deve ser’ depende das circunstâncias. Mas as estudantes, novamente, procuraram a verdade absoluta ao tentarem identificar a forma ideal de se relacionar. Ainda que a verdade de uma se diferencie da outra, não deixam de ser verdades isoladas do contexto social. Tal procura foi mais além quando tentaram definir o que é natural ou cultural, e, ainda, fizeram algumas associações entre as relações humanas e o comportamento sexual de alguns animais “.

CONCLUSÃO

Observando-se as tabelas de 1 a 83 identifica-se o Perfil da Sexualidade da Adolescente de Passo Fundo bem como o conhecimento da adolescente em relação a sua sexualidade nos seguintes fatores: Características das adolescentes entrevistadas; Expectativas de namoro; Expectativas de casamento; Opinião das adolescentes sobre o amor; Conhecimento sobre reprodução humana; Início da atividade sexual; Desejo sexual; Excitação a orgasmo; Sexo; Masturbação; Sexo oral; Homossexualismo; DST a AIDS; Drogas.

Características das adolescentes entrevistadas

As adolescentes se encontram na faixa etária de 14 a 20 anos; e situam-se entre a 8ª série do 1º grau e o 1º nível do curso superior; 78.43% não possuem outra atividade além do estudo; 21.57% ocupam-se em atividades de baixa remuneração.

Expectativas de namoro

A maioria das adolescentes entrevistadas estão namorando e a escolha do parceiro foi feita por elas. Quanto ao número de namorados, 28.71% referiu ter tido dois namorados; 18.91% três namorados; 15.84% um namorado e 10.90% não tiveram namorado ou deram outras respostas. Com referência ao tempo de duração do namoro, 40% das adolescentes entrevistadas responderam menos de um ano, 37% um ano ou mais, as outras 23% deram outras respostas.

Expectativas de casamento

Das adolescentes entrevistadas 68% responderam que desejam casar-se, 24% não sabem e 6% não desejam casar-se. Quanto aos motivos para casar, as adolescentes citam todas as alternativas propostas no questionário; numa porcentagem de 52.94%, 15.12% referem para ter vida a dois, 7.5% para ter filhos; e 4.20% para ter segurança.

Opinião das adolescentes sobre o amor

Referindo-se ao que pensam sobre o amor, as adolescentes responderam, em 67.86% dos casos, que é algo profundo, forte, inexplicável, maravilhoso; 21.43%, bonito, sério, superlegal, leva à renúncia, uma loucura; e outros perfaz um total de 10.73%. Quanto ao amor de seus pais, as adolescentes responderam, em 71% dos casos, que seus pais se amam; 13% que não se amam; 12% que não sabem; e 4% não responderam. No que se refere ao amor de seus pais como exemplo, 59.40% responderam que tem o amor de seus pais como exemplo; 26.73% que não; 11.88% não sabem; e 1.99% não responderam. Quanto à opinião de sexo ter que ser feito com amor, os resultados apresentados foram: 74.25% responderam que sim; 13.87% que depende, somando-se a este, Outras respostas. Questionadas sobre a diferença entre o romantismo feminino e masculino, 71.29% responderam que existe diferença; 23.76% responderam que não ou não responderam; e 4.95% responderam que não sabem.

Conhecimento sobre a reprodução humana

Verificou-se que a menarca ocorreu entre a idade de 9 a 15 anos, apresentando a maior porcentagem de incidência aos 12 anos; seguindo-se em segundo lugar aos 13 anos, e em terceiro lugar aos 11 anos. Verificou-se também que 92% referiram ter conhecimento sobre menstruação e 8% não. Quanto ao conhecimento sobre ciclo menstrual, 96% responderam que tem conhecimento, 3% que não e 1% não responderam. Referente ao conhecimento sobre período menstrual, as adolescentes responderam que sim em 96%, 3% que não e 1% não responderam. A duração do período menstrual é de seis a sete dias numa porcentagem de 67.3%; de menos de 3 dias, 5%. Perguntadas sobre seus sentimentos quanto à menstruação, as adolescentes deram as seguintes respostas: 33% sentem a menstruação normal, 24% incômoda, 16% importante, 14% irritante, 7% necessária, 1% maravilhosa e outras em 2%. Com referência à preocupação com a possibilidade de engravidar, 73% das adolescentes se preocupam, 15% não responderam e 12% não se preocupam. Das adolescentes 57% referem ter conhecimento sobre gravidez, 38% dizem que não têm conhecimento, a 4% responderam que acontece raramente e 1% que depende. As adolescentes responderam que pode ocorrer gravidez em uma única relação numa porcentagem de 94%, que não sabem 3%, não responderam 2% e 1% responderam que não ocorre. Quanto à possibilidade de engravidar durante a menstruação, as respostas foram as seguintes: sim e não 49%, não sabe 18% e não responderam 4%. Perguntadas sobre seus conhecimentos sobre métodos contraceptivos, a maioria das adolescentes, ou seja, 92% responderam que conhecem, 1% que não conhecem e 7% não responderam. OS métodos mais conhecidos são: condon 22.1%; DIU 15.1%; pílula 14%; diafragma 7%; tabela 6.2%; coito interrompido 5%. Os demais métodos somam juntos uma pequena porcentagem, pois 14% não especificaram os métodos e 3.1% não responderam. Com relação à prática do aborto 94.1% das adolescentes entrevistadas não realizaram o aborto, 4.9% referiram ter realizado e 0.10% não responderam.

Início da atividade sexual

Quanto à relação sexual 49% das adolescentes responderam que têm atividade sexual, 47% que não e 4% não responderam. O início da atividade sexual deu-se entre 15 a 17 anos de idade numa porcentagem de 32%, sendo esta a maior, e 54% não responderam. O motivo que levou a ter a primeira relação sexual, 24.40% relataram desejo sexual, 14.70% outros não especificados e 52.94% não responderam. Entre as adolescentes 2% responderam que estavam preparadas para a primeira relação sexual,

11 % razoavelmente preparadas e 50% não responderam. A idade que tiveram as primeiras informações sobre a sexualidade estão distribuídas na faixa etária: entre 11 e 14 anos com uma porcentagem de 52%, 7.8% aos 15 anos, 2.9% aos 16 anos e entre 6 a 7 anos de idade com 1 %. Como fonte de informação sexual as respostas foram as seguintes: 18.23% através de livros, 17.43% revistas, 16.57% os pais, 12.57% colegas e professores, 22.42% televisão, o restante ficou entre ninguém, outros e sem resposta. Como melhor período para iniciar a atividade sexual foram citados: 69% quando existir amor, 18% sem tempo definido, 4% quando permitirem, 3% depois do casamento e outros. Quanto à qualidade da experiência sexual, 51% não responderam, 40% referiu ser positiva e 7% negativa. A atividade sexual para 19.50% das adolescentes entrevistadas é esporádica, 11.76% semanal (duas vezes por semana), 4.90% mais de uma vez por semana, 2.94% diária e 56.86% não responderam. Os locais da primeira relação sexual foram os seguintes: 53,46% não responderam, 14.85% na casa do namorado, 11.89% na sua casa, 4.95% no motel, 3.96% no fim de uma festa, seguem-se 3.96% entre o carro e o apartamento, 8.28% entre cabana, casa do irmão do namorado, clube, apartamento do amigo e outros. Como parceiro da primeira relação sexual aparecem o namorado com porcentagem de 45%, amigo em 3% dos casos e 52% não responderam. As pessoas com as quais as adolescentes conversam sobre a vida íntima são: amigos em 23.5% dos casos, namorado 19.71 %, mãe 17,80% e outras com 38.99%.

Quanto ao desejo sexual

Das adolescentes entrevistadas a maior porcentagem, ou seja, 88% responderam que sentem desejo sexual, 6% que não sentem, 3% sentem às vezes e 3% não responderam. As adolescentes responderam que o período ou momento que sentem o desejo sexual é vendo ou estando com alguém 57.84%, não responderam 13.72%, no meio do ciclo menstrual 7.84%, assistindo a filme 6.86%, outros 5%, 4.9% no começo do ciclo e 3.9% entre: lendo, nas férias e não especificaram.

Excitação e orgasmo

Quanto ao conhecimento sobre orgasmo, 91 % das adolescentes entrevistadas responderam que têm conhecimento, 5% que não tem e 4% não responderam. Das adolescentes 41.5% responderam que não tiveram orgasmo na primeira relação, 9% responderam que sim e 49.5% não responderam. Nas relações subseqüentes, 17% responderam que tiveram orgasmo quase sempre, 16% às vezes, nunca tiveram 3% e 3% ignoram. Não responderam 55% das entrevistadas.

Sexo

Sexo oral como parte do jogo do amor, ou como prática que pode substituir a relação genital: 54.45% não responderam, 37.62% responderam que faz parte do jogo preliminar e 7.92% pode substituir o sexo genital. Prática do sexo oral visando provocar orgasmo ou excitação: 48.41% não responderam, 39.60% responderam que realizam como excitação e 11.88% para atingir o orgasmo. Quanto ao medo da penetração, 40% das adolescentes não responderam, 31% não sentem medo da penetração e 29% responderam que sentem medo. As adolescentes preferem a penetração pela frente: 51 % dos casos, 48% não responderam e 1 % preferem penetração por trás. Quanto à condição de precisar a duração da penetração, 54% das adolescentes não responderam, 39% responderam que não são capazes de precisar e 7% que sim, que são capazes de precisar a duração da penetração. Com referência ao auxílio à penetração com as mãos as respostas foram as seguintes: 56% não responderam, 22% responderam que sim e 22% que não auxiliam. Perguntadas se sentem dor à penetração, as respostas foram as seguintes: 53% não responderam, 28% responderam que não sentem dor e 19% que sim. Suficiência de lubrificação vaginal para a penetração: uma grande porcentagem delas, sendo de 53%, não responderam, 32% responderam que sim, que tem lubrificação suficiente, 11% às vezes e outras. Quanto às necessidades sexuais, indagou-se se existe diferença entre a mulher e o homem, as respostas foram as seguintes: 38.61 % responderam que existe diferença, 26.73% que não existe, 24,76% não responderam, houve também outras respostas. Como a família encara a sexualidade: 25.20% normal com limites, 20.32% normal, 18% cedo demais e 17.07% normal após o casamento e outras respostas perfazem um total de 19.27%. Quanto à zona preferida para a estimulação, 54.80% não responderam, 24.33% preferem estimulação clitoriana, 8.10% intravaginal e 0.90% anal.

Masturbação

A masturbação fez parte de suas vidas em 49.50% das entrevistadas, para 47.52% não faz parte de suas vidas. Aparecem também outras alternativas. Quanto aos motivos para a masturbação aparecem os seguintes: 46.53%, não responderam, 27.72% autoconhecimento, 11.90% curiosidade, 6.93% como forma alternativa de prazer, 3.96% complemento sexual e 2.97% rapidez da satisfação. Quanto à forma de masturbação, 61.53% não responderam, 24.04% com o uso apenas das mãos, 8.66% através da contração muscular, 4.81% com travesseiro, cobertor, objeto macio e 0.96% não mais se masturba. As preferências para se masturbar apresentaram os seguintes resultados: 58.41 % não

responderam, 32.70% sozinha, 6.93% acompanhado do sexo oposto, acompanhada do mesmo sexo e indiferente perfazem um total de 1.98%. Prazer durante a masturbação: 59.40% não responderam, 20.80% sentem prazer corporal e 19.80% sentem prazer emocional. Quanto aos motivos para não se masturbar as respostas das entrevistadas foram: 44.55% não responderam, 32.70% falta de interesse, 18.81% falta de necessidade, moralidade e medo perfazem um total de 3.96%. Sentimentos ocorridos durante e/ou após a masturbação: não responderam 77.67% das adolescentes, 8.73% não têm nenhum tipo de sentimento, têm sentimentos positivos 7.80% e negativos 4.85%. Como conseqüências da masturbação aparecem as respostas: 34.90% não responderam, saudáveis 24.52%, não há conseqüências 18.90% e aparecem outras alternativas em menor porcentagem. Como as adolescentes consideram o sexo oral, apareceram os seguintes resultados: uma imundície 32.03%, uma estimulação normal 31.10%, uma estimulação necessária 20.40%. Quanto à prática do sexo oral com seu companheiro, os resultados foram os seguintes: responderam que não 55.44%, praticam o sexo oral 29.70% e 14.85% não responderam. Quando consideram o sexo oral bom, 50.49% responderam quando ambos se estimulam, 46.53% não responderam e apenas 2.67% quando o parceiro a estimula. Perguntadas se consideram o sexo oral como parte do jogo do amor, ou como prática que pode substituir a relação genital, não responderam 54.45%, que faz parte do jogo do amor 37.62% e 7.92% que pode substituir a relação genital.

Homossexualismo

Das adolescentes entrevistadas, 100% responderam que sabem o que é homossexualismo. Quanto à vontade de se aproximar efetivamente de uma amiga, a maioria das adolescentes, ou seja, 97.03% responderam que não, 1.98% que sim e 0.99% não responderam. Uma grande porcentagem das adolescentes, ou seja, 97.03% não responderam se a experiência efetiva com amiga foi positiva ou negativa, 2.97% que foi positiva. Quanto à decisão de assumir um relacionamento afetivo com pessoa do mesmo sexo, as adolescentes responderam: 86.14% que não assumiriam, as que responderam sim a sem resposta perfazem um total de 13.86%. Quanto ao relacionamento afetivo com pessoa do mesmo sexo, se acham imoral, as entrevistadas responderam que é imoral em 47.52% das respostas, 43.56% não é imoral e 8.92% não responderam.

DST e AIDS

Quanto ao medo de contrair as doenças sexualmente transmissíveis, as adolescentes responderam que sim em 74% e 10% responderam que

não. Das adolescentes 74% não tiveram doenças sexualmente transmissíveis, 23% não responderam e tiveram 3%. Tomam cuidados para evitar as doenças sexualmente transmissíveis 61%, não responderam 31% e apenas 8% responderam que não tomam cuidados. Quanto ao tipo de cuidado para evitar as DST, 41.88% não responderam, 19.66% que usam camisinha. Com referência ao medo de ser contaminada pela AIDS, 79% das adolescentes responderam que sim, não e sem resposta somam juntos 20% e 1% responderam sim e não. O que fazem para evitar a AIDS: o companheiro usa camisinha 24%, não responderam 20.37%, evita contato com sangue 16.04%, tem relação sexual só com pessoa conhecida e evita usar seringas utilizadas por outras pessoas 28.23%, aparecem também outras alternativas com menor porcentagem.

Drogas

Quanto ao uso de drogas como estimulante sexual, 74.25% das adolescentes responderam que não usam, 12.88% não responderam e 11.88% responderam que sim. Das adolescentes 23.08% usam o álcool como estimulante e outras drogas, e 15,38% usam álcool e maconha. Quanto à interferência das drogas na sexualidade 68% responderam que interfere, 17% não interfere. Das adolescentes 69% não responderam se o uso de drogas melhorou a excitação, 19% responderam que não melhorou, sim e não sabem somam um percentual de 12%.

Observando-se as tabelas de 1a e 12a percebe-se que as hipóteses:, portanto, aceita-se que: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12 foram confirmadas portanto aceita-se que:

Não existe associação significativa, ao nível de 0.05, comparando:

1. o conhecimento das adolescentes sobre os métodos contraceptivos nas diversas faixas etárias;
2. a possibilidade da mulher engravidar durante o período menstrual, nas diversas faixas etárias;
3. o medo da adolescente, quanto à possibilidade de contrair AIDS, nas diversas faixas etárias;
4. a opinião das adolescentes, quanto à necessidade do sexo ser feito com amor, nas diversas faixas etárias;
5. a opinião da adolescente, quanto a terem o amor de seus pais como exemplo, nas diversas faixas etárias;
6. o fato de a adolescente ter tido relação sexual, nas diversas faixas etárias;
7. o medo da adolescente, quanto à possibilidade de contrair AIDS, nos diversos graus de instrução;

8. a opinião da adolescente, quanto à necessidade de sexo ser feito com amor, nos diversos graus de instrução;

9. a opinião da adolescente, quanto a terem o amor de seus pais como exemplo, nos diversos graus de instrução;

10. o conhecimento das adolescentes sobre os métodos contraceptivos, nos diversos graus de instrução;

11. o fato de a adolescente ter tido relação sexual nos diversos graus de instrução;

12. o conhecimento da adolescente, quanto à possibilidade da mulher engravidar durante o período menstrual, nos diversos graus de instrução.

RECOMENDAÇÕES

Mediante os resultados, deduzindo-se ser de grande utilidade a aplicação dos conhecimentos adquiridos, nesta investigação, para melhorar as atividades práticas em que iremos prestar assistência de enfermagem em serviços de atendimento à adolescente e no ensino de Enfermagem.

Portanto, recomenda-se:

- contribuir para a implantação de programas de educação sexual às adolescentes;
- melhorar a formação de recursos humanos em Enfermagem para a assistência à sexualidade da adolescente;
- continuar oferecendo aos acadêmicos de Enfermagem a investigação de características das adolescentes, que permitam melhorar a assistência à sexualidade das mesmas;
- subsidiar a criação de um núcleo de estudos, pesquisa e apoio à mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, D. C., FERREIRA, T. R. A., RODRIGUES JR., O. M. Masturbação. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. 2(1):1991.
2. ANDRADE, Rosires Pereira. Adolescência. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA e I JORNADA GAÚCHA DE SEXUALIDADE HUMANA. *Anais...* Porto Alegre, 1991.

3. COSTA, Moacir et al. Descoberta do jovem ou dilema dos pais. *Revista Brasileira de Clínica e Terapêutica*, São Paulo, v. 20, agosto 1991.
4. FUCS, G. A. *Educação e os profissionais que com a saúde e o comportamento humano*. G (2) A 9 (1984).
5. LESMO, T. A. D. P. et al. Sexualidade na adolescência. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SEXUALIDADE HUMANA e VI CONGRESSO LATINO AMERICANO DE SEXOLOGIA E EDUCAÇÃO SEXUAL. *Resumos*, agosto, 1992, Belo Horizonte.
6. MARCONDES, Eduardo. *Pediatria básica - Psicopatologia*. 8 ed., vol. 1, São Paulo, Sarvier, 1992, p. 817-844.
7. RIBEIRO, Moneda Olveira. *A ideologia reproduzida na abordagem da sexualidade humana: uma análise do discurso de estudantes de enfermagem*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1990.
8. SANCHES, E. M., TEIXEIRA, L. Z., RODRIGUES JR., O. M. Opinião de estudantes universitários sobre sexo oral em relações homossexuais. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. 2(1): 1991.
9. SUPPLY, Marta. *Sexo para adolescentes*. São Paulo, FTD, 1988.
10. TAKIUTI, Albertina. *A adolescente está ligeiramente grávida. E agora?* São Paulo, Iglu (s. d.).
11. TIBA, Içami. *Puberdade à adolescência: desenvolvimento biopsico-emocional*. 3ª ed. São Paulo, Ágora, 1986.

O casamento como um ritual de passagem: compreendendo o cotidiano

3

Maria do Socorro Loureiro Cavalcanti*
Maria Cicera dos Santos de Albuquerque**

RESUMO

Neste trabalho apresentamos o casamento, enquanto um elemento cultural, que traz em sua complexidade uma riqueza de comportamentos sociais. A busca de respaldo bibliográfico, para compreender um casamento como um ritual de passagem, levou-nos a outras áreas de estudos, como a Sexualidade, a Sociologia, a História e a Filosofia, de forma a poder analisar os aspectos dos diversos rituais, compreendendo-os enquanto inseridos num contexto sócio-histórico. Utilizamos a adaptação do esquema de ritual de transição, segundo VAN GENNEP (1978), para apresentar o casamento de nossa informante, como um ritual de passagem. Conhecer a respeito do casamento e seus rituais, em culturas diferentes, enquanto pos-

* Professora do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública e Psiquiatria da Universidade Federal da Paraíba. Discente do Programa de Doutorado da Área de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

** Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas-Discente do Programa de Doutorado da Área de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP.

Recebido em 22.10.97

Aprovado em 05.11.97

suidoras de múltiplas faces de vislumbrar o mundo, ampliam a possibilidade de entendimento da sexualidade. A experiência que nos foi relatada por uma mulher da zona rural remeteu-nos à reflexão dos valores simbólicos impostos, reproduzidos nos projetos de vida e de uma sexualidade esbarrada em regras sociais rígidas e restritivas, garantidas por normas, valores, crenças, mitos e símbolos, de elevado valor social discriminatório e repressivo.

APRESENTANDO O TEMA

Pretendemos neste estudo apresentar o casamento, adotando principalmente conceitos da Antropologia para a compreensão desse evento do cotidiano, que traz em sua complexidade cultural uma riqueza de elementos dos comportamentos sociais.

Consideramos importante, para a compreensão dessa temática, descrever a respeito dos termos Antropologia e cotidiano. No tocante ao primeiro, seu sentido etimológico aponta para *anthropos*, como uma palavra grega que significa homem, e *logia*, significando estudo; enquanto sua aplicabilidade tem sido indicada pelos estudiosos da Antropologia, como sendo o estudo do conhecimento do homem, respeitando sua visão de mundo, sua cultura. A Antropologia tem por objetivo estudar o homem como um todo, inserido no seu hábitat natural.

O segundo termo, cotidiano, é apontado por FERREIRA (1986) como originário do latim *quotidianu*, e significando “de todos os dias”, relativo àquilo que se faz ou sucede todos os dias. Portanto, cotidiano está aqui empregado para indicar eventos que se sucedem ou se praticam habitualmente.

Justificamos a escolha desse evento, um casamento, pelo fato de ser, por um lado, um evento do cotidiano, que transpassa vários tipos de sociedades, e por abarcar vários componentes e estruturas da cultura, relacionados aos estudos antropológicos, como os de crenças, valores, normas e símbolos

CASAMENTO: UM ELEMENTO CULTURAL

Alguns antropólogos, para analisar a estrutura de uma cultura, adotaram conceitos de traços, complexos e padrões culturais. Sobre traços culturais, MARCONI (1985) aponta como sendo a menor unidade

significativa da cultura, passível de isolamento no comportamento cultural. Dessa forma, a cerimônia de casamento, a aliança, as roupas, as flores, os presentes, a festa, entre outros, são unidades significativas, denominadas de traços culturais. No tocante aos complexos culturais, a mesma autora descreve como sendo um “conjunto de traços associados, formando um todo funcional” (p. 147). Assim, o casamento é visto como um complexo cultural, uma vez que contempla os vários traços culturais já apontados.

Referindo-se aos padrões culturais, HERSKOVITS (1963) salienta que são resultantes do agrupamento de complexos culturais de um interesse ou tema central, do qual derivam o seu significado. Dessa maneira, o matrimônio pode ser visto com o padrão cultural de uma sociedade que contempla o casamento como um complexo, que por sua vez inclui vários traços culturais.

A respeito de matrimônio, CAMPBELL (1990) vislumbra como sendo o restabelecimento simbólico da unidade, em sua origem, do homem e da mulher. Para esse autor, o casamento “é a díade reunida em um”, além de ser um modo de se entrar em contato com o seu outro lado, quer feminino ou masculino.

Para estudar um casamento, entendemos ser necessário apresentar os elementos que constituem a cultura, apontados por MARCONI & PRESOTO (1992), a saber: conhecimentos, crenças, valores, normas e símbolos; destes, buscaremos algumas conceituações, procurando um maior aprofundamento nos elementos relativos aos termos valor e símbolo, por acatar a idéia de que estes contemplam os rituais, dentre eles o casamento, com seus diversos traços culturais evidenciados pelos símbolos.

Assim, pautadas em MARCONI & PRESOTO (1992), passaremos a descrever a respeito de cada um desses termos, a iniciar pelo conceito de crenças, como sendo “uma atitude mental do indivíduo, que serve de base à ação voluntária” (p. 47). Este contempla conotações de ações tanto intelectualizadas, como do âmbito emocional.

As mesmas autoras fazem alusão aos tipos de crenças apontadas por Goodenough, como sendo: as pessoais (aceitas pelo indivíduo, independente da crença dos demais), as declaradas (aceitas e mencionadas em público, para defender e justificar as ações frente aos outros) e as públicas (aquelas com as quais os membros concordam, aceitam e declaram como suas crenças comuns). Entendemos que o casamento pode tramitar entre os aspectos de crença que vai das pessoais até as públicas, dependendo de como os seus membros aceitam esse evento.

Outro conceito que consideramos necessário descrever, diz respeito ao de *valor*, por ser aquele que, segundo MARCONI (1985: 141), “incentiva e orienta o comportamento humano”, a que contribui para a expressão dos sentimentos. Por ser um termo que contém em si uma carga muito ampla de significados, buscaremos delimitá-lo, respaldadas em FIRTH (1974: 59), como sendo “a qualidade da preferência atribuída a um objeto, em virtude de uma relação entre meios a fins, na ação social”. Esses dois conceitos dão uma idéia de valor, como algo construído pelo indivíduo, diante das oportunidades de ações sociais que se lhes apresentam, atribuindo a um objeto ou evento uma qualidade de preferência, que contribuem para incentivar e orientar os seus comportamentos.

No tocante à qualidade que é atribuída ao valor, FIRTH (1974: 60) apresenta seis tipos: *tecnológico*, *econômico*, *moral*, *ritual*, *estético* e *associativo*. Entendemos que o casamento pode estar relacionado a esses tipos de qualificativos do valor, em especial, abordaremos os de moral, estético, ritual e associativo. Este pode ser visto como embricado com o valor moral, por ser um aspecto que legitima a união dos dois indivíduos, perante uma sociedade, cujo direito é extensivo a outros, conforme os padrões adotados por essa mesma sociedade; com o valor estético, cujos adornos e vestimentas concedem aspectos vinculados ao belo e ao bom, segundo esses mesmos padrões. Quanto ao valor associativo, o casamento transmite uma idéia de comportamento que é partilhado não só pelo casal, mas, e principalmente, pelo conglomerado de pessoas, tornando uma atividade particular em pública, ao mesmo tempo.

Propositadamente, deixamos para abordar acerca do valor ritual por último, devido ao reconhecimento da sua amplitude. Várias são as colocações a respeito de ritual, mas introduzimos o tema com a de CAMPBELL (1990: 192), que o define como “a encenação de um mito”. Para esse autor, “o casamento é uma experiência de uma vida mitológica”, na qual as funções do mito são desenvolvidas. Ele afirma, ainda, que o mito pode ser entendido como uma “metáfora da potencialidade espiritual do ser humano”.

Dessa forma, o casamento visto por CAMPBELL (1990), como um ritual e este como uma encenação do potencial de espiritualidade do ser humano, desempenha as mesmas funções do mito, atribuídas por esse autor, que são: a mística, a cosmológica, a sociológica e a pedagógica. Assim, o casamento enquanto uma encenação do mito, ao atender a função mística, possibilita a abertura para as dimensões do mistério. Nesse sentido, a mitologia grega, contada por ARISTÓFANES (1987) em *O banquete*, de Platão, aponta que havia criaturas (andróginas) compostas de partes que correspondem, na atualidade, a dois seres humanos, e que foram separadas

em dois, formando homens e/ou mulheres que, dessa forma, passam a procurar a sua outra metade. Assim, é que CAMPBELL (1990) afirma ser o casamento o restabelecimento simbólico dessas duas metades.

Delineando a função sociológica do mito, esta pode ser compreendida como aquela que promove o suporte e a validação de determinada ordem social. Dessa maneira, as uniões podem estar pautadas num sistema social que varia entre a monogamia e a poligamia. Continuando sobre a função do mito, a pedagógica, segundo aquele mesmo autor, remete a um “como viver”, de maneira que, independente das circunstâncias, passa-se a viver num casamento a díade reunida em um, trabalhando o seu outro lado, quer feminino ou masculino. Nessa linha de abordagem, DURKHEIM (1971) atribui a essa função a denominação de educativa, considerando que o rito tem uma tarefa de reviver as crenças e de perpetuá-las.

Pare CAMPBELL (1990), os rituais, que antes diziam respeito a uma realidade interior, hoje transformaram-se em formalidades. Para esse autor, tal afirmação são pertinentes aos rituais coletivos e aos particulares, como é o caso do casamento.

Transpondo essa função, quer receba a denominação de pedagógica ou educativa, segundo essas visões apresentadas, leva-nos a questionar o sentido que tem o casamento em sociedades complexas contemporâneas, assim formuladas: Tem havido a busca a um “como viver”, sob tais circunstâncias? Os casamentos têm-se mantidos e adotados como forma de reviver e perpetuar crenças? Ou qual outro sentido que os indivíduos atribuem à função pedagógica/educativa do casamento enquanto um ritual? Responder a essas questões não se constituem nossas preocupações; entretanto, lançamo-las como uma forma de instigar novas buscas de compreensão.

A respeito dos símbolos, como elemento cultural, pinçamos de MARCONI & PRESOTO (1992: 143) que eles são “realidades físicas ou sensoriais as quais os indivíduos que os utilizam atribuem valores ou significados específicos”. Para essas autoras, o símbolo terá o significado que for partilhado socialmente.

Outro conceito de símbolo tem origem na etimologia, pela junção de sym-bol, significando a junção de duas coisas. Segundo CAMPBELL (1990), a colocação simultânea dos anéis, durante o casamento, aponta para o reconhecimento de um círculo que se completa. Indica, ainda, que está havendo a aliança de uma vida individual com uma vida a dois, em que “os dois são um só”. Pare esse autor, o anel representa a junção de dois em um círculo.

Dessas vertentes de conceituações dos símbolos, conseguimos abstrair que, dentre os símbolos ligados ao casamento, as alianças que são trocadas durante a oficialização da cerimônia, são símbolos que, ao mesmo tempo em que apresentam um significado socialmente partilhado, são ainda forma de reconhecimento de uma aliança das vidas individuais e de uma transformação em vida a dois, na qual eles já não são apenas a soma de dois, mas passam a formar uma vida em comum. Isso pode ser assim vislumbrado, pelo menos enquanto o casamento possa estar sendo entendido como o restabelecimento de uma unidade ou enquanto um ritual de passagem.

Consideramos que, neste momento, a nossa busca de aproximar as conceituações entre os elementos componentes da cultura com o casamento, como um complexo cultural, tenha sido realizada, embora de maneira compacta. Passaremos a apresentar, a seguir, as aproximações conceituais do casamento como um rito de passagem, seguida da apresentação de um evento colhido nas nossas experiências, enquanto estudos da cultura de mulheres em área rural.

O CASAMENTO COMO UM RITUAL DE PASSAGEM

Procuramos apresentar conceituações para o termo ritual. Este tem como uma das principais características a de se traduzir “numa forma de comportamento repetitivo que não tem um efeito técnico evidente e direto”, conforme aponta HELMAN (1994: 196). O ritual, portanto, de maneira sistemática, reforça valores e princípios de uma sociedade e o modo de agir dos seus membros, diante de outros indivíduos, ou frente aos deuses e ao mundo natural. Embora os antropólogos admitam a existência de rituais privados, eles têm se detido na análise e descrição dos três tipos públicos mais apontados, como sendo: rituais de ciclo cósmico, rituais de transição social, também conhecidos como ritos de passagens, e os rituais de infortúnios.

Convém que façamos um esclarecimento acerca do tipo que nos propomos a estudar, que é de transição social. Nesse sentido, o ritual marca uma fronteira no movimento desenvolvido pelo(s) indivíduo(s) na travessia das fronteiras sociais de um status a outro. Como afirma HELMAN (1994:202), o ritual “demarca a transição do indivíduo de um status a outro”. Para o mesmo autor, as razões pelas quais são invocados os rituais de transição têm por finalidades a de mercer o evento e proteger o indiví-

duo e a sociedade, através dos tabus e observâncias diversificadas. Assim, é que, no casamento, vários aspectos são observados e mantidos.

No estado de transição social, VAN GENNEP (1978: 37) descreveu três estágios dos ritos de passagens, com sendo os de: separação, transição e incorporação. No estágio de separação, ocorre a privação de sua vida social normal; no de transição, ocorre a segregação por meio de costumes e tabus diversos, num tempo variável. Concluído esse estágio, são outros os rituais que celebram a incorporação, através dos quais ocorre a admissão ao convívio, pare o novo papel social.

Transpondo esses estágios para o casamento, as três etapas podem ser, por analogia, assim entendidas: a separação ocorre quando os dois ao assumir o status social inicial, na condição de noivos, são iniciados na privação de aspectos de costumes e tabus, como preparo do vestuário, os convites, a proibição de ver um ao outro no dia que precede ao casamento; a transição configura-se durante a cerimônia de casamento pelo uso de roupas (conforme os costumes da sociedade em que o evento ocorre), da troca de alianças, das flores, das preleções desenvolvidas pelos celebrantes e da declaração de aceitação recíproca. Finalmente, a incorporação dá-se pelo ritual de cumprimentos, da festa, do jogar arroz ou pétalas, do amarrear latas no carro, da lua-de-mel, e através da incorporação ao novo papel social, que é o de estar formando um canal, uma família.

Para MELLO (1985), a transição, também chamada de liminaridade ou marginalidade, é um momento crucial, ambíguo e crítico, marcado por indefinição e imponderabilidade, que o torna “mágico” e marcado por algo com um “quê” de sagrado. A sacralidade, embora esteja relativizada nas sociedades modernas, continuam presenter; assumindo, entretanto, outras formas. Esse momento comporta a prática de tabus, e confraternização, a comensalidade e várias outras práticas, conforme o contexto.

CAMPBELL (1990: 76) aponta que o “tema básico do ritual é a vinculação do indivíduo a uma estrutura morfológica maior que o próprio corpo físico”. Nesse sentido, o ritual do casamento pode ser compreendido como a busca de superação dos próprios corpos ao transformarem-se numa unidade, que tem uma estrutura morfológica mais ampla, em termos de significados.

DESCREVENDO UM CASAMENTO

Para colher informações a respeito de um casamento, numa localidade pertencente à zona rural nordestina, procuramos utilizar a técnica de

entrevista semi-orientada, segundo QUEIROZ (1991), efetuando intervenções ocasionais na busca de trazer a informante ao tema investigado. No processo de transcrição da entrevista, respeitamos a expressão de linguagem, característica daquela região, por trazer em seu conteúdo uma riqueza de significados culturais desse grupo social. Para tanto, contamos com a colaboração da mulher mais idosa, que se dispôs a descrever a sua história de vida.

Pedimos permissão à informante para gravar a entrevista e para fazer citações, em trabalhos, dos aspectos culturais, colhidos através desta. Assumimos o compromisso de que todos os dados seriam conservados, e de que as verdadeiras identidades das pessoas envolvidas seriam omitidas. Mantendo-nos coerentes com os princípios éticos, a nossa entrevistada assume o nome de Diva e a pessoa com a qual se casou, por já haver falecido, será referida pela maneira como é tratada pela informante, que é a de finado A., cuja inicial também foi substituída para dificultar a identificação.

Solicitamos à entrevistada, informações acerca do seu casamento, através das seguintes questões norteadoras: *“Dona Diva, a senhora gostaria de contar coma foi o seu casamento? Teve namoro? Quanto tempo de namoro? Era em casa, ou na cidade? Teve o consentimento dos pais? Fale sobre a lua-de-mel e o vivenciar o casamento.*

Casei com 22 anos. Ele tinha 29 e eu 22 anos. Foi em 1934. Passei 24 anos e 5 ou 6 meses. Casei fugida. Meu rosto se modifica só de lembrar dizem que meus olhos brilham... Namorei só três meses. Era assim só de vista. Só de olho... Às vezes ia conversar na casa de um primo. Chegava e dizia: “Quem?z é esse senhor? “ “É um primo meu“. Eu venho aqui de noite, entro por trás, que é para o povo não ver, pois tinha um fuxiqueiro, um tal de Z. B., que dizia ao pai que estava conversando com ele. A minha irmã caiu de resguardo, e eu fico até com pigarro, só de falar.. Depois de cinco dias, fui para lá, tratar dela, quando estava conversando na porta... pai não estava em casa também, mas o finado Z. B. foi dizer a ele que eu estava conversando lá na casa de meu cunhado. A gente não demorava nas conversas. Assim namorei três meses. Ficava conversando, mas nem pareia, nem pegado de mão, nem beijinho, nem nada...

Certa vez o vizinho... Olhou para um canto, olhou para o outro, não viu nada. Só estava a esposa dele e eu... Ele ficou tão desconfado. O finado já tinha fugido, saiu por trás, lá ia ele caindo lá embaixo... Até que um dia, ele perguntou se eu casava. Eu respondi: “Sem antes pedir a pai, não“. “Mas você sabe como é seu pai, não quer saber de mim, coma faço para pedir? “ Eu disse: “Você manda uma carta e endireita o namoro “. Não sei por que pai não queria o namoro. Acho que é

porque ele era pobre e mais moreno do que eu. Anísio era uma pessoa boa, era um moreno meio alvo, sei não, da cor do sertanejo. Mas pai não queria. “Mãe sabe que tenho namoro com você, mas assim não vou não. Está acabado”. Ele disse: “Não faz isso!” Então, senhor que estava ouvindo, porque a gente estava na casa dele, disse: “Isso é muito fácil, você escreve. Você não sabe escrever, não?” “Ele tem uma irmã que escreve, cumadre C. Ela escreveu,

Quando amanheceu o dia, pai amanheceu brabo, dentro de casa, às 4 horas chamou para eu botar inhame no fogo, macaxeira, fazer o comer para o povo do engenho. Mãe ficava deitada. Ele disse: “Ô Ná, esta noite chegou uma carta falando Diva a casamento, se tu soubesse o noivo quem é?” “É aquele sertanejo que trabalhou lá em casa no engenho”. Mas nesse tempo a gente não tinha namoro. Mãe disse: “Ave Maria, cheia de graças, Deus a livre!”

Ele falou foi em dezembro, perto do Natal, mas nesse tempo a festa de Santa Rita era feita com a festa do Natal. Teve festa, mas, ele deixou eu ir passear? Não! Então o finado A. fez assim: ele veio com a irmã e foram para casa de senhor. Mais, eu saí o quê!...

Foi assim, pai chamou e disse:

“Olha, você não vai sair daqui não. Você vai me ajudar a noite todinha, ajudando aqui na mercearia!”

Eu, com uma raiva tão grande, disse:

“Não, vou é dormir! Não sei por que o senhor compra sapato, roupa, por isso mesmo é que nem mandei costurar os dois cortes de pano! É, pai, o senhor não quer o casamento não, mas não vou acabar! “. Não disse que fugia... Ele questionava: “Como é que vai casar?”... Para fugir nós fomos até a casa de um tio dele, de pés! Fomos até o Riacho Fundo, para casa de um senhor que era fazendeiro, nesse lugar. Fui para lá, não quis acompanhá-lo... Disse que me levava para o sertão. Ele ia para o sertão, porque lá tinha chovido. Eu disse:

“Vou não”.

“Por que você não vai?”

“Eu não, porque quando chegar lá o povo diz que eu não casei... Quero dizer que só vou sair daqui casada”...

“Se eu for com iocê, quando chegar lá você pode dizer que não vai mais casar.”

“Não, não faço isso não. Vou mais meus pais, minhas irmã, tem casa para gente dormir.”

“Não vou, não quero, não.”

O padre J. H. mandou dizer a pai que eu fiquei numa casa, num lugar chamado J. P., eu não tinha acompanhado ele não.

As moças naquele tempo não eram assim, não. Agora, se fosse nesse tempo, diziam, vamos embora!

Ele perguntou:

“Que hora é para fugir?” “Às 10 horas da noite.”

“Está cedo demais!”

“Não, é porque é a hora que meu pai esta dormindo. Ele vai botar o engenho para moer de uma hora da madrugada, ele não dorme quase na noite, só dorme um sono! Ele fecha a porta às 9 horas e às 10 ele está dormindo. “

Sai pela porta, fechei e botei a chave por debaixo da porta, onde meus irmãos dormiam. Quando se levantou e viu a chave, disse.- “Ô chente!” Ele desconfiava. Foi lá no meu quarto, chegou lá, estava a porta aberta, o lençol da cama forrado! Ele disse.- “Ô mãe, a senhora se levante para fazer o comer dos trabalhadores, que Diva fugiu!” Ela chorou foi muito... Lembrar agora isso me faz rir. Levei só quatro vestidos, porque a roupa estava molhada, parece que tinha dado uma chuva, mas fui assim mesmo... Depois que cheguei lá, chorei tanto, porque ele não escrevia... Ele foi-se embora, disse que vinha em janeiro para casar e no final de fevereiro, nenhuma carta, nem nada...

Eles mandaram minha mala, que guardava minhas coisinhas, mandaram a mala, mandaram uma rede, uma coberta, e dois parselhas de faca e garfo. O portador chegou e disse: “Está aqui sua mala, seu pai mandou!” Mandou a roupa e nada... Entrou o mês de março e não recebia nada de carta. Eu pensava: “Meu Deus, aquele rapaz me enganou... E eu, ficar aqui! “... Chorava tanto, escondida do homem.

Tinha uma Finha que morava na terra desse homem. Eu ia para a cidade com ela, mas ia de pés. Tinha um Joquinha que era viúvo, que dizia.- “Vem no meu cavalo!” Eu dizia: “Não, vou de pés mesmo”. Nesse tempo, tinha as pernas boas, porque a gente moça anda por todos os cantos, nesse tempo, não tinha rodage, não tinha nada. Eu disse.- “Ô dona Finha, vou falar uma coisa para a senhora, mas em segredo!” Ela perguntou: “O que é?” Respondi: “Gosto muito da senhora, mas vou embora para Recife“. “Vou embora para casa de meu padrinho, que meu padrinho falava muito para pai deixar eu ir despachar lá, porque ele tinha uma fábrica de bebida. “ Ela disse: “E dá certo, dona Diva?” Eu disse.- “Mas você não diga nada, não, ao senhor J., porque não quero mais ficar aqui! Por causa daquele viúvo que esta peijando para eu casar com ele, mas não quero. Não soube decisão nenhuma, não quero nada!” Isso foi no começo de março. Então, ela falou: “Dona Diva, vou dá um conselho, a senhora espere ainda esse mês“.

Quando foi no dia 17 de março, estava varrendo o terreiro com ela, de repente falou: “Lá vem teu noivo! “ Eu disse: “Deixe de mentira “. Ela disse: “Olhe ali, vem com o irmão dele. Vá tomar teu banho! “ Eu disse: “Eu não”. Continuei varrendo o terreiro. Era umas 3 horas da tarde. Vinham do sertão, a cavalo. Quando chegou, eu disse: “Estou com muita raiva de você! “ Ele falou: “Ô, eu vim com tanta alegria de lhe ver“ O irmão dele falou assim: “Tá, ó o que tu ganhasse! “ “Não vai haver o casamento, porque você não escreveu nenhuma carta...” Ele disse: “Não diga isso, pelo amor de Deus! Olhe, quando cheguei lá escrevi para você; mas, na cidade, soube que o homem que trazia as

cartas, dizendo que era meu amigo, lia as cartas e rasgava. Escrevi cinco cartas para você “. Dona Finha disse: “Coitada, só faltou morrer de chorar. Nunca recebeu nenhuma linha, nem notícias, ela esta com razão!” Mas tinha deixado dinheiro, eu já tinha mandado fazer o vestido; comprei véu, capela, comprei perfume. O dinheiro que deixou deu para tudinho. Nesse tempo tinha um tal de chorão, comprei, que ia até em baixo, a moça fez... comprei meia, sapato, tudo, estava toda vestida. “Você comprou a roupa para casar?” Eu disse: “Está tudo pronto”. “Está certo, porque se não, ia levar você para a cidade, botava na casa de meu tio para se aprontar. “

Viamos para casa do tio dele. Quando saiu, já tinha falado com o padre, já tinha corrido um banho numa cidade do sertão e trazia um certificado do padre. Quando cheguei na igreja, ouvi a missa, tinha seis casamentos. Quando fui casar o padre disse: “Você, eu não caso “. Eu disse: “Minha Nossa Senhora!” Disse que não conhecia o noivo, e que podia ser casado, mas o finado A. tinha trabalhado na casa de um doutor e tinha o senhor M. de S., era a minha testemunha, que disse: “Porque o senhor não faz o casamento dela?” “ O finado A. disse: “Não tenho mulher comigo, sou solteiro, padre!” E o doutor disse: “E o certificado está aqui, que ele trouxe! O senhor vai fazer o casamento agora mesmo; ou faz ou morre “. Ele vai, sim, fazer o casamento dela. Aí, o finado A. saiu do banco dele, porque antes de casar ninguém sentava junto e disse: “Se o padre não fizer o casamento, não quiser fazer o casamento, você me acompanha? “ Eu disse: “Acompanho “. O padre zomba: “Você vai chegar muito bonita lá!” Eu disse: “Por sua causa “. Mas ele fez. Tomamos um café que o senhor M. de S. fez, antes de viajar. Um homem disse que esse meu casamento dava um romance. Fomos... quando chegou em Bodocongó, o delegado prendeu a gente. Prendeu não, ficou detido na sala, não podia passar. Meu cunhado que estava com a carga de mala, não sei onde se impalhou com as mulheres... “Sem documento nenhum? Você vai é carregando essa moça“ ... O documento que a igreja dava estava dentro da mala. Tinha, ainda, título de eleitor, véu, capela, tudo dentro da mala. Mas Jo ficou lá viemos andando, quando chegamos em Bodocongó, aí ficamos. Eu pensei: “Agora sim, onde é que eu vou dormir hoje?” Ele disse: “Só vai quando chegar os documentos”. Quando chegou, mostrei todos os documentos. Ele pediu desculpas, mas finado A. disse: “Está desculpado, mas outra dessa, Deus me livre!” Fomos embora, dormimos numa fazenda, já escurecendo, às 7 horas da noite. O Jo tinha lá um namoro com essa moça e fomos para lá. Fomos bem recebidos, mas a gente levava carne, as coisas, porque se não achasse onde ficar, fazia assim mesmo. Eu dormi noutra quarto.

Quando cheguei no sertão, ainda dormi duas noites da casa de meu sogro. Então, ele com pressa dizia: “Vamos embora para casa! “ Mas, eu nem estava... Minha sogra foi levar.. Ele foi para Nova Palmeira, para comprar umas bolachas, queijo, manteiga, comprar tudo. Já estava tudo comprado, tudo pronto, só faltava eu! Só de lembrar, fico emo-

cionada, por isso acho graça... Nesse tempo, as moças não sabiam de nada! Hoje em dia, não precisa nem casar, já sabem de tudo! Eu era inocente na história...

Muitos anos depois é que pai aceitou o casamento. Eu escrevia, mas minha mãe era que mandava resposta. Depois, meu tio, que morava no Território do Acre, foi me buscar, disse assim a meu Pai: “Vou ver ela, isso não dá certo não; que suas irmãs também fugiram e você também roubou moça, ajudou a roubar moça, viu!” Porque meu Pai roubou moça para outras pessoas. Já faziam quatro anos do casamento. Eu não ia, porque quando estava para casar, escrevi para pedir a bênção e ele mandou dizer que fizesse o favor, que não queria nem me ver, de onde eu fosse, mais pra lá ainda. Que não procurasse escrever para ele.

Mas, meu tio M., foi lá e disse: “Isto não é possível, Anísio é uma pessoa boa, a casa é tão arrumadinha, um sertanejo tão direito, não faltou nada, quando cheguei lá”. O finado A. era bom demais, queria muito bem, me agradava muito! Mas, também, uma coisa que ele dissesse para não fazer, eu não fazia e nem ficava com raiva dele... Ele era bom demais para mim...

Todos eles eram bons para as esposas. Era um povo bom, que não bebia. Era uma luta! Tinha que fazer a bôia, mas minha cunhada é que não ajudava. Não tive filhos. Houve dois aborto, o doutor foi quem disse que era aborto, não sei... Perdi muito sangue!...

Eu não vivia só, tinha um cunhado, com 12 anos de idade, vivia lá em casa, botando comer para as ovelhas e criando gado. E tinha uma menina, que me ajudava, ela estava com 11 anos, dentro de 12, era muito esperta! O sertanejo é esperto! Levantava bem cedo, dizia: “Ô dona Diva, o que tem para fazer?”

Nós viemos para aqui num ano de seca. Já tinha ficado boa, diz o médico que foi um aborto... Não sei o que, foi não, sei que perdi muito sangue. Então viemos embora, passar uns tempos, para depois voltar. Só choveu um ano, disse: “Esta o que é que você veio fazer aqui? Não vai chover não!” Voltamos, mas fomos morar em João Pessoa, lá botamos uma mercearia. Ele vendeu a casa, o gado, vendeu as coisas. Vendeu o gado, porque quando não tem água para beber o gado morre: então, vende o gado e bota no banco.

O isolamento da entrevistada, e a nossa disposição em escutá-la, provavelmente, favoreceram o surgimento do clima de desenvoltura da mesma. com alude QUEIROZ (1991), alguns fatores, como isolamento social a que são submetidos os idosos, o clima de simpatia e de amizade desenvolvidos durante a coleta de dados, “fazem durar”, ou melhor, estender o tempo de entrevista, tornando comparável a dificuldade de “iniciar” a entrevista à de concluí-la.

COMPREENDENDO O CASAMENTO COMO UM RITUAL DE PASSAGEM

O ritual foi apontado por HELMAN (1994) como uma forma de comportamento repetitivo e que demarca a transição do indivíduo de um status a outro. Nessa perspectiva, procuramos analisar o casamento da senhora Diva como um ritual de passagem, revestido de elementos da cultura em que ela se encontra inserida a dos aspectos comuns ao contexto da época em que ocorreu o evento narrado.

Tomando por base os estágios de transição social, descritos por VAN GENNEP (1979), esse casamento pode assim ser analisado. Para tanto, lançamos mão do esquema de transição adotado por esse autor, conforme pode ser visualizado na figura 1.

Tentando adaptar o esquema de VAN GENNEP (1978) para favorecer a compreensão desse evento, utilizamos a técnica de análise temática adotada por BARDIN (1993). Para tanto, foi feita uma leitura exaustiva de toda a entrevista, de onde emergiram as categorias temáticas que deram origem aos rituais desenvolvidos em cada estágio dessa transição social.

Passamos a apresentar essas categorias, com suas unidades, procurando tecer comentários a respeito de aspectos que auxiliam na compreensão desse rito de passagem.

No *ritual de separação*, que para o caso do casamento preferimos denominar de *pré-liminaridade*, emergiram as categorias temáticas que se seguem:

- A fase de namoro

...Namorei só três anos.. Era assim só de vista. Só de olho. Às vezes eu ia conversar na casa de um primo... / ...Assim namorei três meses... / ...Assim a gente ficava conversando, mas nem parecia, nem pegado de mão, nem beijinho, nem nada não...

Um aspecto chama a atenção, é o que ficou enfatizado pelos detalhes na descrição de como se dava o namoro. O ser discreta num namoro constituía o acatamento e a aceitação das normas sociais de comportamento colocadas pela sociedade, na sua época, exigidas da mulher.

- A não aceitação da família

...Mas você sabe como é seu pai, não quer saber de mim, como eu faço para pedir?" .../ ...Eu disse: "Você manda uma carta e endireita o namoro "... / ... pai não queria, não. Acho que é porque ele era pobre, e mais moreno do que eu... /... "Mãe sabe que tenho namoro com você, mas assim não vou não. " "Tá acabado"... / ...Senhor disse: "Isso é

muito fácil, você escreve”... / ...Ele tem uma irmã que sabe escrever. Ela escreveu. Quando amanheceu o dia, pai disse: “Ô Ná, está noite chegou uma carta falando Diva a casamento”... /...Mãe disse: “Ave Maria, cheia de graças, Deus a livre!”... /... Ai teve festa, e ele deixou eu ir passear? Não. Então o finado A. fez assim: ele veio com a irmã e foram para casa de senhor. E eu, saí o quê! “Olha, você não vai sair daqui não “... /... Eu disse: “É pai o senhor não quer o casamento não, mas não vou acabar!”...

A fase de namoro constitui-se num período de aproximação de duas pessoas para ampliar o conhecimento e para as descobertas mútuas. Isso se faz pelo diálogo, afeto e carinhos. Para TIBA (1985: 170), “é uma etapa de experimentação e treino que o adolescente passa entre a fase infantil de recebimento passivo do afeto de todos e a fase adulta de complementação afetiva homem-mulher.” É nessa fase que os jovens podem demonstrar um vínculo afetivo que tende a evoluir para um relacionamento afetivo-sexual mais global. Portanto, é um momento em que sentir o apoio e a aceitação da família se faz imprescindível.

Embora a informante já estivesse com 22 anos, contar com a aceitação da família era de um valor inestimável. Para romper com essa situação que se constituía em crise, restavam-lhe poucas saídas, entre elas, uma era lutar para conseguir se firmar; uma outra seria encerrar, dar por terminado o namoro e, finalmente, a fuga é que foi escolhida.

- **A fuga**

... ele falou para mim se eu fugia. Eu disse: “Sem pedir a pai, não “.. l...Eu disse: “Não vou sair com você sem pai saber”... /...Eu não disse que fugia... /...Fugi no dia 27 de janeiro, com 21 anos... /...Ele disse: “E que hora é para fugir?” Respondi: “Às 10 horas da noite “... /... “é porque é quando meu pai tá dormindo, ele só dorme um sono. Ele fecha a porta às 9 horas e às 10 ele tá dormido”. Saí pela porta, fechei e botei a chave por debaixo da porta, onde meus irmãos dormiam... / ... quando se levantou e viu a chave, disse: “Ô mãe, a senhora se levante para fazer o comer dos trabalhadores, que Diva fugiu “. Ela chorou foi Muito... /...fui para casa de um tio dele, de pés! Fomos para a casa de um senhor que era fazendeiro nesse lugar.

Essa categoria emergiu no seu discurso, permeada de expressões fisionômicas que davam uma idéia de sentimentos possíveis de estarem sendo transportados no tempo. Os movimentos dos lábios, semelhantes a risos, estavam contrapondo-se com os fatos que estavam sendo rememorados (quando se refere ao choro da mãe pela sua fuga). A fuga, na sua

cultura, era um símbolo de contravenção. Era uma “quebra” das normas e dos valores.

Para resolver essa etapa da vida, a informante passou por situações inusitadas. Por ter deixado seus familiares às escondidas, teve que permanecer em casa de familiares do noivo enquanto este retornava do sertão, para onde tinha ido em busca de trabalho. Nessa situação ela fica, segundo seu depoimento a esperar pelo noivo.

- **A espera pelo noivo**

...Fui para lá, não quis acompanhá-lo... /...Ele ia para o sertão porque lá tinha chovido... /... “Não vou.... porque quando eu chegar lá o povo diz que eu não casei “... / ... “Quero dizer que eu só vou sair daqui casada “... / ... “Não, não faço isso não. Vou mais meus pais, minhas irmã, tem casa para gente dormir”. Eu disse: “Não vou, não quero não”. Aí padre J. H. mandou dizer a pai que eu fiquei numa casa... que eu não tinha acompanhado ele não...

O ritual de espera do noivo tem um componente que dá a idéia de purificação. Essa ênfase está presente quando a informante lembra da comunicação efetivada através do padre, para que seus pais tomassem conhecimento de que ela não havia acompanhado o noivo até o sertão.

A religião foi um dos aspectos que permeou todo o seu relato, e esta impõe normas rígidas de cunho repressivo. Infringi-las, exigia dos seus postergadores um ritual de remissão.

Outro aspecto relevante apresentado trata-se das normas sociais. O temor de não ser incorporada no novo papel social, o de esposa, mediante a não realização do casamento, caso ela resolvesse acompanhar o noivo, contribuiu para a sua tomada de decisão em permanecer e aguardá-lo, em detrimento das condições em que essa espera se processava.

- **As condições da espera**

...Levei só quatro vestidos, porque a roupa estava molhada, parece que tinha dado uma chuva, mas fui assim mesmo... Eles mandaram minha mala, que guardava minhas coisinhas... mandaram uma rede, uma coberta, e duas pares de faca e garfo. O portador chegou e disse: “Está aqui sua mala, seu pai mandou!” Mandou a roupa, e nada... / ...Entrou o mês de março, e eu não recebia nada de carta... / ...Eu pensava: meu Deus, aquele rapaz me enganou, e eu ficar aqui!... Chorava tanto, escondida do homem... Eu disse: “Ô dona Finha, vou falar uma coisa para senhora... / ...vou embora... para casa de meu padrinho... /...mas você não diga nada, não, ao senhor J/, porque não quero ficar mais aqui! Por causa daquele viúvo que está pelejando para eu casar com ele, mas não quero. Não soube decisão nenhuma, não quero nada!

“ Isso foi no começo de março... /...Então, ela falou: “Dona Diva, vou dá um conselho a senhora, espere ainda esse mês”.

Por ter saído às escondidas teve que deixar para trás as suas roupas e os seus pertences. Recebê-los sem qualquer mensagem dos seus familiares, delineiam uma separação com seus referenciais de vínculos afetivos, portanto, uma situação de segregação social. Como se isso não fosse suficiente, havia a falta de notícias do noivo, agravadas pelos assédios de um novo pretendente. Aos aspectos que já foram apontados, acrescentam-se a instabilidade afetiva, indicada pelo choro.

Todo esse conjunto de aspectos que evidenciam a segregação social aponta para os elementos culturais de valor e normas. Como indica o primeiro termo, esse incentiva e orienta o comportamento. É através dos valores que o direito à vida e à liberdade se orientam. Nesse caso, os elementos do valor emocional e do ideacional encontram-se num limiar de separatividade. Há uma cisão entre o esperado e o desejado. Dentre as condições que se lhes apresentam, uma ficou evidente nesse ritual de separação, que foi a falta de comunicação.

- **A falta de comunicação**

... Depois que cheguei lá, chorei tanto, porque ele não escrevia... Ele foi-se embora, disse que vinha em janeiro para casar, e no final de fevereiro, nenhuma carta, nem nada... /... “Você não escreveu nenhuma carta”... /... “Olhe, quando eu cheguei lá escrevi para você; mas, na cidade, soube que o homem que trazia as cartas, dizendo que era meu amigo, lia as cartas e rasgava. Escrevi cinco carta para você. “ Dona Finha disse: “Coitada, só faltou morrer de chorar. Nunca recebeu nenhuma linha, nem notícias, ela está com razão!...”

Todo indivíduo ao nascer é uma pessoa social. Esta é esperada, recebida e educada conforme as condições familiares e sociais existentes. Nesse sentido, a teoria das necessidades humanas básicas aponta a necessidade de agregação como necessária ao ser humano. O primeiro ato de comunicação como o mundo ocorre mediante o choro. Essa é a forma que o bebê encontra para se fazer presente, para se tornar inclusive um ser social. É através da comunicação que o ser humano compartilha idéias, fatos, sentimentos, atitudes e opiniões. Ela é, portanto, vital Para o homem enquanto ser social. Existem relatos na literatura a respeito de indivíduos que ficaram privados da comunicação com outros, e que esse fato os levou à morte prematura. O principal meio de comunicação humana é a linguagem. A situação em que a informante se encontrou, permeada de choro,

sem qualquer comunicação, quer seja por parte do noivo, quer por parte da família, caracterizou-se como de isolamento social.

Um outro aspecto da comunicação é que ela enquanto processo social pode se dar pela linguagem verbal, ou por outros meios, como o olhar, a postura, o vestuário ou outros meios, de forma intencional ou não, conforme aponta OLIVEIRA (1996). No entanto, a nossa informante esteve privada de qualquer meio de comunicação. O fato de as cartas terem sido interceptadas desonestamente pelo mensageiro favoreceu, ou melhor, instituiu a condição de abandono por parte do noivo, inclusive. Essa situação foi esclarecida mediante a chegada do mesmo.

- A chegada do noivo

...Quando foi no dia 17 de março, estava varrendo o terreiro com ela, de repente falou: “Lá vem teu noivo!”... “Vem com o irmão dele”... / ...Eu continuei varrendo o terreiro. Era umas 3 horas da tarde. Vinha do sertão, a cavalo... /...eu disse: “Estou com muita raiva de você”... / ... “Ô, eu vim com tanta alegria de lhe ver!”... / ... “Não vai haver o casamento, porque você não escreveu nenhuma carta...”

A chegada triunfal do noivo lembra mais uma estória de contos de fada. Resultado da reelaboração social, os contos de fada retratam a realidade vivida, ajudam a lidar com o presente e preparam para o que virá, conforme CHAUI (1991). Eles possibilitam, ainda, o entendimento da passagem de um estágio para o outro. E foi assim com a dona Diva: após três meses da fuga, ela assiste com alegria à chegada da pessoa que a faria reintegrar-se a alguma sociedade, quer fosse a de origem, quer àquela para a qual ele a levaria (cumpriu-se literalmente a expressão “esperar pelo príncipe encantado”). A ambivalência de sentimentos, a divisão entre a alegria e a raiva transformaram-na numa pessoa passiva, expressa nos movimentos de repetição emitidos durante o tempo em que permaneceu a varrer o terreiro. Tal fato provavelmente tenha levado a informante a sentir-se num processo de reintegração social, uma vez que estava ingressando num outro ritual de pré-liminaridade através dos preparativos para o casamento.

- Preparativos para o casamento

...Mas tinha deixado dinheiro, eu já tinha mandado fazer o vestido; comprei véu, capela, comprei perfume. O dinheiro que ele deixou deu para tudinho. Nesse tempo tinha um tal de chorão, comprei, que ia até embaixo, a moça fez... comprei meia, sapato, tudo, estava toda vestida. “Você comprou a roupa para casar.”” Eu disse: “Está tudo pronto”.../...Viajamos para casa do tio dele. Quando saiu, já tinha falado com o padre, já tinha corrido um banho numa cidade do sertão e trazia um certificado do padre...

Dentre os rituais que antecederam ao casamento, acredito que este foi o de maior gratificação para a entrevistada. Poder lançar mão de todo um conhecimento adquirido ao longo de sua vida, de poder fazer uso dos traços de sua cultura, através do uso do vestido branco tradicional, com direito a véu, “capela”, “chorão”, sapato, meia e perfume, certamente que naquelas circunstâncias era por demais compensador.

A preservação de traços culturais favorece a perpetuação da cultura, como lembra OLIVEIRA (1996). Provavelmente esses traços faziam parte do seu patrimônio cultural de maneira muito efetiva. Ela procurou se manter dentro das crenças, normas e valores sociais, razão pela qual procurou manter-se virgem e casar conforme o padrão da época.

Para passar desse status ao outro, teve que tramitar pelo que foi denominado de *ritual de liminaridade*. Esse estágio fica geralmente imbuído de tabus e prescrições, que são adotados como forma de proteger e de marcar a transição entre dois status sociais. Na análise do material da entrevista, as categorias temáticas que emergiram nesses rituais de liminaridades foram as que se seguem:

- A atitude do padre

...Quando cheguei na igreja, ouvi a missa, tinha seis casamentos, quando eu fui casar o padre disse: “Você, eu não caso não “... l...Disse que não conhecia o noivo, e ele podia ser casado...

A negativa do padre em oficializar o casamento pode ser entendida como um tabu, por ter uma similaridade com o sentido de uma “proteção”. Imbuído de seu poder, o padre promove a repressão como forma de preservar as normas da Igreja e os valores da sociedade. Tal aspecto ficou evidenciado quando usou o recurso da autoridade para desconfiar da honestidade do noivo.

Essa atitude de negação, mantida pelo padre, provocou reações na testemunha.

- Reação da testemunha à negativa do padre

...a minha testemunha disse: “Por que o senhor não faz o casamento dela?” ... /...O finado A. disse: “Não tenho mulher comigo, sou solteiro, padre!” E o doutor disse: “E o certicado está aqui, que ele trouxe!” “O senhor vai fazer o casamento agora mesmo, ou faz ou morre “. Ele vai, sim, fazer o casamento dela...

A reação da testemunha pode ser entendida como um processo social de cooperação, no qual o consenso a respeito das metas culturalmente legítimas, dos valores, das crenças e das normas coletivas estão presentes, quer de

forma consciente ou não, como apontado por VILA NOVA (1995). A busca de uma solução para o impasse, ainda que de maneira coercitiva, evitou uma situação de conflito. Contou, no entanto, com o reforço dos noivos, através de suas reações, para o afastamento de um conflito.

- Reação dos noivos à atitude negativa do padre

...Aí, o finado A. saiu do banco dele, porque antes de casar ninguém sentava junto e disse: “Se o padre não fizer o casamento, não quiser fazer o casamento, você me acompanha?” Eu disse: “Acompanho?” O padre zomba: “Aí você vai chegar muito bonita lá!” Eu disse: “Por sua causa”...

Recurso semelhante ao da testemunha, o de coerção, foi adotado pelos noivos, como reação à atitude do padre. Esse foi o mecanismo adotado para reforçar o comportamento da testemunha e, de certa forma, buscar alternativas de solução para o impasse. Dessa forma, foi possível ser oficializado o casamento.

- Realização do casamento

... Mas ele fez... / ... Casei fugida... / ... Foi em 1934... / ... Casei com 22 anos... / ... Ele tinha 29 e eu 22... Passei 24 anos e 5 ou 6 meses... / ...

É possível que todos esses rituais e prescrições tenham realmente um significado cultural de proteção das normas, valores e comportamentos sociais. No entanto, pela quantidade e qualidade das unidades expressas para caracterizar esse estágio, permite realizar elucubrações a respeito do que vem a estar permeando o seu verdadeiro significado.

O sofrimento anterior, provavelmente, marcou a sua memória de uma tal forma que ela não emitiu qualquer expressão a respeito do ritual durante a oficialização da cerimônia.

A partir de então, assumir o novo status social requer outro conjunto de rituais, denominados de *rituais de incorporação*.

Os rituais de incorporação se prestam, provavelmente, para fortalecer os elos sociais que vinculam as pessoas entre si, como sugere MELLO (1995). Assim entendendo, é através dos rituais de incorporação que a nova condição social é outorgada pela comunidade, ao mesmo tempo que é temida pelos novatos. As categorias que emergiram desse ritual de incorporação foram:

- A viagem

...Fomos... quando chegou em Bodocongó, o delegado prendeu a gente... /...ficou detido na sala, não podia passar. Meu cunhado que estava com a carga de mala, não sei onde se impalhou com as mulheres...

“Sem documento nenhum, você vai é carregando essa moça” ... /...estava dentro da mala... /..título de eleitor, véu, capela, tudo dentro da mala. Mas Jo ficou lá..., viemos andando... /... aí ficamos. Eu pensei: “Agora sim, onde é que eu vou dormir hoje?” “Ele disse.- “Só vai quando chegar os documentos“. Quando chegou, mostrei todos os documentos. Ele pediu desculpas, mas finado A. disse: “Tá desculpado, mas outra dessa, Deus me livre! “ Fomos embora, dormimos numa fazenda, já escurecendo, às 7 horas da noite... /... Fomos bem recebidos... /...Eu dormi noutra quarto...

À semelhança da atitude do padre, deu-se a do delegado. O uso e abuso do poder de repressão do Estado ficou evidenciado na atitude daquele que estava imbuído de um poder que lhe foi outorgado. As exigências para com a documentação da noiva, antes de ser uma questão normativa, assumiram o caráter repressivo. A mulher foi sempre alvo dessa atitude, como aponta CHAÚÍ (1991).

A preocupação com os valores esteve sempre presente. Ao enfatizar que dormia em outro quarto, denota o quanto a informante contribuía com a permanência desse elemento cultural. Assim, é que esta nos remete a descrever a outra categoria temática, denominada de iniciação sexual.

- **A iniciação sexual**

...Quando cheguei no sertão, ainda dormi duas noites na casa de meu sogro. Então, ele com pressa dizia: “Vamos embora para casa!” Mas eu nem estava... Minha sogra foi levar. Ele foi para Nova Palmeira, para comprar... /...tudo. Já estava tudo comprado, tudo pronto, só faltava eu!... /...Nesse tempo, as moças não sabiam de nada não! Hoje em dia, não precisa nem casar, já sabem de tudo! Eu era inocente na história...

A imposição de normas e valores aos membros de uma comunidade nem sempre ocorre de maneira explícita. Entre elas se encontram aquelas vinculadas à sexualidade. Há relatos de que em torno do século XVII, “com a ascensão das burguesias, ocorreram movimentos de valorização da cultura”, passando a prática do sexo a ser compreendida “como uma atividade pecaminosa e não merecedora da aceitação divina e social”, como descreve VITIELLO (1994). Vislumbrando por essa ótica é que as gerações seguintes passaram mais fortemente a ser controladas no exercício da sexualidade. Entretanto, surgiram, a exemplo de FREUD (s. d.) e mais tarde com os movimentos feministas, marcos no conhecimento que contribuíram para a exteriorização da discussão sobre essa temática, de maneira menos carregada da idéia de pecado. Ainda assim continuaram as repressões aos jogos sexuais, desde a infância até a terceira idade. No

entanto, um aspecto desperta a atenção, à pessoa que esteve direta ou indiretamente vigiada e punida, para impedir o livre desenvolvimento da sexualidade, a partir da oficialização do casamento lhe é cobrado um desempenho de papel para o qual não está ou não se sente preparada.

Compreendemos a afirmativa da entrevistada de que “era inocente na história”, como uma forma de expressar um sentimento de despreparo para o novo status social. Enquanto pôde, ela postergou a iniciação sexual, demonstrado pela permanência na casa da sogra, mesmo contando com uma casa preparada e munida pelo noivo. O poeta já dizia que “a mão que afaga é a mesma que apedreja”, possivelmente, enviando uma mensagem a uma sociedade de suas contradições internas. Ao mesmo tempo que ela confere um novo status social, ela requer da pessoa, independente de estar ou não preparada, um bom desempenho do seu novo papel social.

O processo de mudança social faz-se de maneira mais ou menos lenta, conforme a complexidade da cultura, como afirmam MELLO (1985) a VELHO (1994). A repressão sexual tem recebido uma nova vestimenta, pela imposição de novos comportamentos e desempenhos. Entendemos que a entrevistada, ao se referir ao conhecimento e aos comportamentos das jovens de hoje, está colocando em evidência a sua percepção da mudança nos padrões culturais relativos à sexualidade, no período decorrido entre o próprio casamento e os dias atuais.

Como lembra CAMPBELL (1990), o tema do ritual é basicamente a vinculação do indivíduo numa esfera mais ampla que a do próprio corpo; leva-nos a descrever a categoria cujo tema é o restabelecimento com a família.

- **O restabelecimento com a família**

...Muitos anos depois é que meu pai aceitou o casamento. Eu escrevia, mas minha mãe era que mandava resposta. Depois, meu tio... /... foi me buscar... /...disse assim a meu pai: “Vou ver ela, isso não dá certo não; que suas irmãs também fugiram e você também roubou moça, ajudou a roubar moça, viu! “... /... Porque meu pai roubou moça para outras pessoas... /...Meu tio, do M., foi lá e disse: “Isto não é possível, Anísio È uma pessoa boa”... /...Já faziam quatro anos do casamento... /...Eu não ia, porque quando estava para casar, escrevi para pedir a bênção e ele mandou dizer que fizesse o favor, que não queria nem me ver, de onde eu fosse, mais para lá ainda. Que não procurasse escrever para ele... /...Meu tio M. foi lá e disse: .../... “A casa é tão arrumadinha, um sertanejo tão direito, não faltou nada, quando cheguei lá...

O sentido que se atribui ao termo restabelecimento pode aqui ser entendido como o de recondução, reintegração ou o ato de ser novamente

investido de algo. Nesse caso, a entrevistada ao tramitar por esse ritual de incorporação, está desenvolvendo o percurso de reintegração ao convívio familiar, após uma privação de quatro anos.

Para que ela pudesse recuperar e assumir a sua nova posição no contexto familiar, necessitou de um processo de colaboração desenvolvido por seu tio, quando busca promover a aproximação dos seus pais com o casal. Para tanto, este lançou mão de comparações entre as “transgressões” das normas realizadas não somente pela entrevistada e o noivo, através da fuga, como pelos exercícios de colaborar com o “roubo” de outras moças, realizados pelo seu pai. Outro argumento utilizado pelo tio, foi o que diz respeito à maneira como o seu esposo a tratava. Todos esses fatores contribuíram para a restauração ou restabelecimento familiar. A necessidade gregária é para o ser humano uma necessidade básica que está no quarto nível das necessidades humana, razão pela qual nos leva a descrever a categoria temática que aborda a convivência do casal.

- **A convivência do casal**

...O finado A. era bom demais, queria muito bem... /...me agradava muito! Mas também, uma coisa que ele dissesse para não fazer, eu não fazia não, e nem ficava com raiva dele... /...Todos eles eram bons para as esposas. Era um povo bom, que não bebia. Era uma luta! Tinha que fazer a bóia... /...Eu não vivia só, tinha um meu cunhado, que vivia lá em casa botando comer para as ovelhas, e criando gado... / ...O sertanejo é esperto!... /...Nós viemos para aqui num ano de seca... / ...Então viemos embora, passar uns tempos, para depois voltar. Só choveu um ano, eu disse: “Não vai chover não!” Voltamos mas fomos morar em João Pessoa, lá botamos uma mercearia. Ele vendeu a casa, o gado, vendeu as coisas...

Compreender as condições de convivência de um casal não depende exclusivamente do relacionamento interpessoal. O pertencer ou ser agregado é uma necessidade humana complexa, que envolve além das relações mais próximas também aquelas que diziam respeito ao contexto social. Este, por sua vez, impõe outros elementos que vão além das normas, valores, crenças e padrões de comportamentos e que, provavelmente, os sobrepõem, que são as desigualdades de condições sociais.

Estudar, portanto, essa convivência requer uma aproximação conceitual com os estudos da sociologia, como lembra CANDIDO (1971: 17), ao se portar, na análise de seu trabalho em *Os parceiros do Rio Bonito*, à necessidade de se focalizar “certos aspectos da cultura”, de forma a interpretar esse aspecto como parte de outro mais amplo. O enfoque que mereceu destaque por parte da informante, a respeito da convivência do casal,

extrapolou a esfera do relacionamento interpessoal, atendo-se às condições de produção. Ao lembrar que o “sertanejo é esperto” e que “era uma luta”, acrescido do relato das condições climáticas de chuva ou de seca, traz à superfície as condições de desigualdades sociais, acarretadas pelos aspectos vinculados à natureza, e principalmente, àqueles de cunho mais político-administrativo.

As migrações internas estão freqüentemente relacionadas aos aspectos que foram anteriormente citados e, como foi apontado por MELLO (1985), constitui um fator de mudança cultural. Entretanto, por migrar dentro de uma mesma região e permanecendo mais tempo na zona rural, embora não exclusivamente, suas lembranças estiveram ligadas às atividades do lidar com animais ou com as do lar, como o ter que fazer a “bóia”. O convívio exigiu rituais de mudanças e acomodações recíprocas, tanto no relacionamento interpessoal, quanto na esfera social.

Utilizamos o esquema de ritual de transição, segundo VAN GENNEP (1978), para apresentar na figura 1 a adaptação do mesmo ao casamento desta informante, como um ritual de passagem.

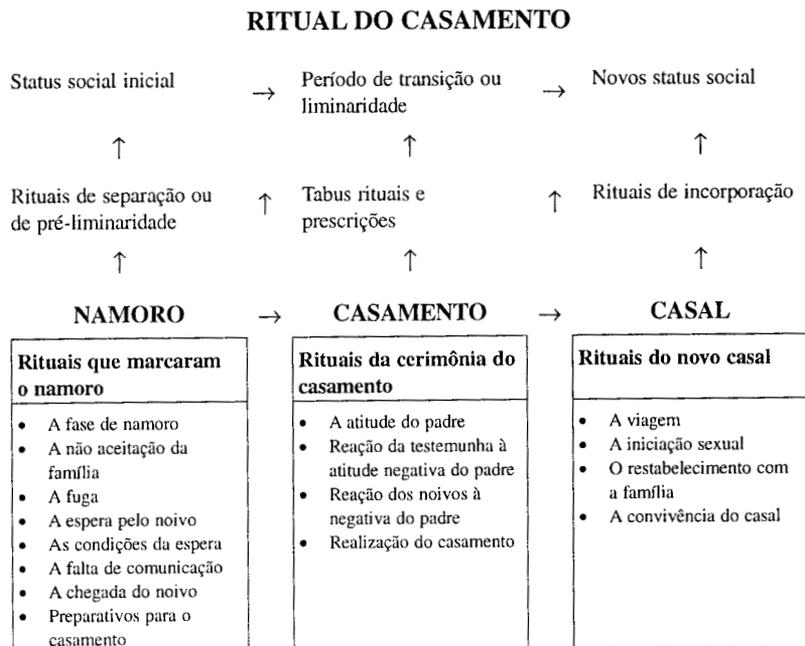


Figura 1 – Esquema dos Rituais de Transição Social, adaptado de VAN GENNEP (1978).

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Durante a realização deste trabalho procuramos aplicar os conceitos da Antropologia, através de um evento presente no cotidiano. Adotamos o casamento por ser um complexo cultural, facilitador da apresentação dos conceitos adotados por seus estudiosos, e por estar permeado de crenças, valores, normas e símbolos. Focalizamos o estudo do casamento enquanto um ritual, que é ao mesmo tempo do tipo particular e público, caracterizado como um daqueles que envolvem rituais de transição social, também conhecidos como ritos de passagens.

A busca de respaldo bibliográfico, para compreender um casamento como ritual de passagem, levou-nos a outras áreas de estudos, como a Sexualidade, a Sociologia, a História e a Filosofia, de forma a poder analisar os aspectos dos diversos rituais, compreendendo-os enquanto inseridos num contexto sócio-histórico.

Procuramos trilhar no sentido de melhor estudar a colocação de CAMPBELL (1990) quando aponta que o "tema básico do ritual é a vinculação do indivíduo a uma estrutura morfológica maior que o próprio corpo físico". No entanto, para compreender o ritual de um casamento como essa busca de superação dos próprios corpos e das próprias transformações numa unidade de estrutura morfológica mais ampla, requer uma ampliação da área focalizada, para que através da análise dos demais aspectos culturais se possam alcançar os seus verdadeiros significados culturais.

Conhecer a respeito do casamento e seus rituais, em culturas diferentes, enquanto possuidoras de múltiplas faces de vislumbrar o mundo, ampliam a possibilidade de entendimento da sexualidade. A experiência que nos foi relatada por uma mulher de 85 anos, residente na zona rural, da região Nordeste, despertou e rometeu-nos à reflexão dos valores simbólicos impostos, reproduzidos nos projetos de vida e de uma sexualidade esbarrada em regras sociais rígidas e restritivas, garantidas por normas, valores, crenças, mitos e símbolos, de elevado valor social discriminatório e repressivo. Em busca de uma felicidade almejada, a entrevistada procurou romper com essa estrutura, lançando mão, muitas vezes, de recursos traumáticos. Na busca de Eros, necessitou passar muitas vezes pelo Tanatus, permitindo que Dionísio, o deus das transformações, atuasse com mais ênfase.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARISTÓFANES. In: PLATÃO. *O banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo, Nova Cultural, 1987. Col. Os Pensadores.
2. BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Rio de Janeiro, Edições 70, 1991.
3. CAMPBELL, J. *O poder do mito*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo, Palas Athena, 1990.
4. CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1971.
5. CHAUI, M. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 12. ed. São Paulo, Brasillense, 1991.
6. DURKHEIM, E. *Le forme elementari della vita religiosa*. Milano, Edizioni di Comunità, 1971.
7. FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
8. FIRTH, R. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974
9. FREUD, S. *Uma teoria sexual*. Rio de Janeiro, Delta [s. d.]. Obras Completas VIII.
10. HELMAN, C. G. *Cultura, saúde e sociedade*. Trad. Eliane Mussnich. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
11. HERSKOVITS, M. J. *Antropologia cultural*. São Paulo, Mestre Jou, 1963.
12. MARCONI, M. A. *Cultura e sociedade*. In: LAKATOS, E. M. *Sociologia Geral*. 5. ed. São Paulo, Atlas, 1985.
13. MARCONI, M. A.; PRESOTO, Z. M. N. *Antropologia. Uma introdução*. 3. ed. São Paulo, Atlas, 1992.
14. MELLO, L. G. *Antropologia cultural. Iniciação, teoria e temas*. Petrópolis, Vozes, 1985.
15. OLIVEIRA, P. S. de. *Introdução à sociologia*. 17. ed. São Paulo, Ática, 1996.
16. QUEIROZ, M. I. P. de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1991.
17. TIBA, I. *Puberdade e adolescência. Desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo, Ágora, 1985.
18. VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagens*. Petrópolis, Vozes, 1978.
19. VELHO, G. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
20. VILA NOVA, S. *Introdução à sociologia*. São Paulo, Atlas, 1995.
21. VITIELLO, N. *Reprodução e sexualidade. Um manual para educadores*. São Paulo, CEICH, 1994.